

JÓDNA LOPES

A comunicação verbal e não-verbal de docentes do ensino médio e o processo de ensino-aprendizagem: um estudo de caso



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Porto, 2018

JÓDNA LOPES

A comunicação verbal e não-verbal de docentes do ensino médio e o processo de ensino-aprendizagem: um estudo de caso



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Porto, 2018

JÓDNA LOPES

A comunicação verbal e não-verbal de docentes do ensino médio e o processo de ensino-aprendizagem: um estudo de caso



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Projeto de investigação apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Docência e Gestão da Educação, sob orientação da Professora Doutora Luisa Saavedra.

Porto, 2018

RESUMO

O presente projeto de investigação se preocupou em abordar a comunicação verbal e não-verbal em sala de aula, tendo em vista a influência que estas ocupam no processo de ensino e aprendizagem, como também inquietou-se com as dificuldades pelas quais passam o exercício docente na gestão da sala de aula. Desta forma, esta investigação, que é de cunho qualitativo, desenvolveu-se em uma escola de ensino médio, e buscou compreender as ações comunicacionais verbais e não-verbais de dois professores que trabalham em uma escola de ensino médio, em turmas de 1º ano, no turno vespertino, possuidores de anos de exercício, bem como gêneros diferenciados com o objetivo de compreender se essa diferenciação influencia na manifestação das ações comunicacionais em sala de aula e de que forma fazem uso das mesmas. Para a recolha de dados adotou-se a metodologia de observação direta em sala de aula seguida de entrevistas aos dois participantes. Ao final da investigação, detectou-se diferenças nas manifestações das ações entre os dois docentes. Percebeu-se que ambos os professores não possuem consciência da importância de suas habilidades comunicativas verbais e não-verbais, como também emergiu-se que houve falhas na formação inicial, continuada dos professores, facto que fomentou a proposta de uma formação continuada com a temática abordada.

Palavras-chave: Ação verbal e não-verbal, Gestão da sala de aula, Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This research project was concerned with addressing verbal and non-verbal communication in the classroom, considering the influence they have on the teaching and learning process, as well as being troubled by the difficulties that teachers undergo. In this way, this research, which is qualitative, developed in a high school, and sought to understand the verbal and non-verbal communication actions of two teachers working in a high school in first year classes, in the afternoon shift, possessing years of exercise, as well as differentiated genres in order to understand if this differentiation influences in the manifestation of the communicational actions in the classroom and in what form they make use of them. To collect data, the methodology of direct observation in the classroom was followed by interviews with the two participants. At the end of the investigation, differences in the manifestations of the actions between the two teachers. It was also noticed that both teachers are not aware of the importance of their verbal and non-verbal communicative abilities, as well as emerged that there were failures in the initial formation, continued of the teachers, fact that fomented the proposal of a continuous formation with the thematic approach.

Keywords: Verbal and non-verbal action, Classroom management, Teaching-learning.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, pela força e amparo nos momentos de desânimos e dificuldades;

À minha mãe pelo apoio e incentivo, sempre;

À minha orientadora Prof^a. Doutora Luísa Saavedra, pela atenção e disponibilidade a mim manifestados sempre que solicitada;

Aos professores participantes desta investigação, por sua dispendiosa contribuição.

ÍNDICE

RESUMO.....	V
ABSTRACT.....	VI
AGRADECIMENTOS.....	VII
ÍNDICE.....	VIII
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	X
ÍNDICE DE FIGURAS.....	XI
ÍNDICE DE QUADROS.....	XII
ÍNDICE DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	XIII
ÍNDICE DE ANEXOS.....	XIV
INTRODUÇÃO.....	1
JUSTIFICAÇÃO DO PROJETO.....	3
I – REFERENCIAL TEÓRICO.....	5
1.1 Competência comunicativa e a formação docente.....	5
1.2 A comunicação verbal e não-verbal no processo de ensino-aprendizagem.....	13
1.2.1 A comunicação verbal.....	18
1.2.2 A comunicação não-verbal.....	20
1.2.3 O elemento paraverbal.....	26
1.3 A comunicação como ferramenta de gestão.....	27
1.4 A sala de aula: um espaço de comunicação.....	30
II – ABORDAGEM EMPÍRICA.....	33
2.1 Problemática.....	33
2.2 Objetivos.....	34
2.2.1 Objetivo geral.....	34
2.2.2 Objetivos específicos.....	34
2.3 Metodologia.....	35
2.4 Procedimentos de análise e interpretação.....	37
2.5 Tratamento e análise de dados.....	38
2.5.1 Análise das ações comunicacionais verbais dos docentes A e B.....	38
2.5.2 Análise das ações comunicacionais não-verbais dos docentes A e B....	41
2.5.3 Análise de conteúdo das entrevistas.....	44
2.6 Discussão dos resultados.....	54

III – PROJETO/PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	67
IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
ANEXOS.....	76

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual das ações comunicacionais verbais dos docentes A e B realizadas em sala de aula.....	38
Gráfico 2 – Número total das ações comunicacionais verbais manifestadas pelos professores A e B, dentre o número de ações realizadas.....	39
Gráfico 3 – Número de vezes que cada ação comunicacional verbal foi praticada pelo professor A.....	40
Gráfico 4 – Número de vezes que cada ação comunicacional verbal foi praticada pelo professor B.....	41
Gráfico 5 – Percentual das ações comunicacionais não-verbais dos professores A e B realizadas durante suas atividades em sala de aula.....	41
Gráfico 6 – Número total das ações comunicacionais não-verbais manifestadas pelos professores A e B, dentre o número de ações realizadas por cada um.....	42
Gráfico 7 – Número de vezes que cada ação comunicacional não-verbal foi realizada pelo Professor A.....	43
Gráfico 8 – Número de vezes que cada ação comunicacional não-verbal foi realizada pelo Professor B.....	44

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de competência comunicativa de Belo (2005).....	6
Figura 2 – Formas de comunicação no contexto escolar de sala de aula.....	16

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 –Interpretações da voz.....	19
Quadro 2 –Tema 1: Concepções de comunicação em contexto escolar.....	44
Quadro 3 –Tema 2: Ações comunicacionais que conduzem ao aprendizado.....	45
Quadro 4 –Tema 3: Formação docente.....	45
Quadro 5 –Categoria A – Objetivos da comunicação em sala de aula.....	45
Quadro 6 –Categoria B: Condicionantes da comunicação em sala de aula.....	48
Quadro 7 –Categoria A: Ações verbais.....	49
Quadro 8 –Categoria B: Ações não-verbais.....	50
Quadro 9 –Categoria C: Ações paraverbais.....	51
Quadro 10 –Categoria A: Formação inicial.....	51
Quadro 11 –Categoria B: Formação continuada.....	53
Quadro 12 –Categoria C: Auto formação.....	54

ÍNDICE DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CC -Competência comunicativa
- CV -Comunicação verbal
- CNV -Comunicação não verbal
- GSA -Gestão da sala de aula
- SLA -Sala de aula
- CVNV -Comunicação verbal e não-verbal
- PA -Professor A
- PB -Professor B

ÍNDICE DE ANEXOS

(Anexo I) Declaração de apresentação para realização da pesquisa na escola.....	78
(Anexo II) Autorização da coordenadora pedagógica.....	79
(Anexo III) Termo de consentimento livre e esclarecido entregue aos participantes.....	80
(Anexo IV) Grelha das ações comunicacionais verbais.....	81
(Anexo V) Dados das ações comunicacionais verbais.....	82
(Anexo VI) Grelha das ações comunicacionais não-verbais.....	83
(Anexo VII) Dados das ações comunicacionais não-verbais.....	84
(Anexo VIII) Guião da entrevista.....	85
(Anexo IX) Validação das entrevistas.....	88
(Anexo X) Grelha de análise de conteúdo das entrevistas.....	102
(Anexo XI) Transcrição das entrevistas.....	108

INTRODUÇÃO

Com o aumento das demandas sociais, a escola ampliou suas responsabilidades, e esta por sua vez, tem na figura do professor um eixo importantíssimo na construção do conhecimento, bem como na efetivação do processo de ensino - aprendizagem, e mais ainda na qualidade desse ensino, pois os profissionais do ensino têm nas mãos a oportunidade de realizar ações que visem a melhoria do ensino, bem como alcançar o estudante em sua totalidade, e este por sua vez, configura-se como o grande desafio da educação.

Face ao exposto pode considerar-se que

(...) a educação não tem por fim desenvolver competências e habilidades nos alunos que os capacitem apenas a responder testes e provas para passar no vestibular ou ingressar no mercado de trabalho, mas visa à formação do homem em sua integridade (Paro, 2014, p.24).

Dessa forma o professor e a escola precisam desenvolver interações entre o ensino, as necessidades dos alunos, as experiências sociais e a utilização das tecnologias, as quais não substituirão a figura do professor, e para isso o educador precisa adotar novas posturas, ser de facto mediador, e por sua vez, manifestar suas habilidades comunicacionais na articulação de ações favoráveis ao aprendizado desses estudantes. Logo, para que a comunicação seja assertiva é necessário que entre os interlocutores se estabeleça um equilíbrio no que se refere a termos físicos, ou seja, um discurso coerente com a postura (Vieira, 2000). Tal cuidado converge para a comunicação verbal e não-verbal, ou seja um falar e um agir intencionais.

Diante do qual, admite-se que:

Apesar de tanta coisa dita e feita, os processos de aprendizagem desenvolvidos não têm impedido que muitos alunos sejam empurrados para o insucesso, que assim constitui uma prova do fracasso das aprendizagens que nós próprios temos propostos (Veiga, Caldeira & Melo, 2013, p.39).

Neste sentido o presente projeto procurou investigar as ações comunicacionais verbais e não-verbais de professores do ensino médio, pois há uma preocupação acerca do uso de tais habilidades comunicacionais no que se refere às dificuldades pelas quais passa o processo de ensino e aprendizagem.

Para tanto esta investigação se organizará da seguinte forma: o primeiro capítulo apresentará o referencial teórico, o qual, se desenvolve sobre a figura do professor e a comunicação em sala de aula, onde estiveram subjacentes alguns autores como, Arroyo (2013); Tardif e Lessard (2014); Freire (2016); Santos (2013), os quais demonstram o trabalho do professor e a importância da relação comunicativa. No que se refere à temática da competência comunicativa e a formação docente, têm-se como principais referenciais os autores Penteadó e Garrido (2010); Tardif (2014); Imbernón (2011); Perrenoud (2000), que nos tecem críticas e falam da importância de se repensar a formação docente, refletir sobre seus saberes, e a necessidade do desenvolvimento da competência comunicativa.

Outro ponto importantíssimo do referencial teórico e originário desta pesquisa é a comunicação verbal e não-verbal no processo de ensino-aprendizagem, o seu desenvolvimento, suas implicações, características e dificuldades na sala de aula (Vieira, 2000; Santos e Mortimer, 2001; Mortimer e Scott, 2002; Belo, 2005; Guglielmi, 2006; Matêncio, 2008; Gomes, 2010; Amato, 2011; Freire, 2011; Santos, Cuadrado e Fernández, 2012; Santos, 2013; Martins, 2014).

Seguidamente, se mostrará o tema da comunicação como ferramenta de gestão, onde se reforçará que a comunicação é o caminho pelo qual se conduz a aprendizagem e sobre o qual Amato (2011), se refere de forma clara e elementar. Por último será abordado o tema da sala de aula como um espaço de comunicação, que assegura que a comunicação é inerente ao processo educativo e encontra no espaço de sala de aula o lugar ideal para sua efetivação (Vieira, 2000; Filho, 2008 & Freire, 2016).

Já o segundo capítulo, tratará da abordagem empírica, expondo a problemática, que embasa este projeto, bem como seus objetivos, a metodologia adotada, os procedimentos de recolha de dados, seguidos da análise e discussão dos resultados

obtidos. O terceiro capítulo trará uma proposta de intervenção fruto das reflexões ao final do projeto e por fim o quarto capítulo trará as considerações finais.

JUSTIFICAÇÃO DO PROJETO

Na sociedade atual ocorrem constantes mudanças, as quais demandam novas exigências educacionais, que por sua vez pedem uma nova escola, um novo docente diante do desafio de ajustar-se à uma nova realidade.

O novo professor precisaria, no mínimo, de adquirir sólida cultura geral, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir em sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional e dos meios de informação habilidade de articular as aulas com as mídias e multimídias (Libânio, 2011, p.29-30).

Esse posicionamento ajustado, por parte dos professores, é urgente, e deve ser consciente, dado à diversidade de informações das quais os estudantes apropriam-se diariamente, estas muitas vezes confusas, o que faz com que a figura do professor torne-se ainda mais indispensável, isso porque cabe a esse profissional a responsabilidade de gerenciar essas informações para atribuir-lhes um sentido, e é somente pelo viés da comunicação, verbalizada ou não que o professor pode direcionar os discentes ao caminho do aprendizado.

Dessa forma, a figura docente é essencial à educação contemporânea, pois exige, não só sua presença física, como também o uso de suas habilidades comunicacionais, as quais se configuram como um eixo articulador entre a ação de ensinar e aprender. Porque um dos principais agentes motivadores na sala de aula, é sem dúvida a comunicação, pois é através dela que expressamos desejos, vontades e até mesmo tristezas (Olival, 2017).

Neste sentido, a comunicação verbal ou não-verbal interferem nas relações interpessoais, pois a forma como se desenvolve o ato comunicativo, produz impactos nos sujeitos, seja no seu aspecto cognitivo, emocional e social, isso porque a comunicação em todas suas manifestações, envolve sentimentos, emoções e intenções, por parte dos envolvidos na situação comunicativa, como diz Guglielmi (2014), o nosso

estado de ânimo influencia involuntariamente os outros, antes mesmo que comecemos a falar com eles.

Por isso existe uma relação íntima entre os sujeitos, porque estes levam para o momento da comunicação, seus anseios, sentimentos e crenças. Nesse sentido, no ambiente da sala de aula, para que a relação entre os sujeitos tenha um impacto positivo no processo de ensino e aprendizagem, recai sobre a figura docente, sua competência discursiva, a responsabilidade de fazê-lo.

Libânio (2011), ainda afirma que o professor precisa assumir o trabalho de sala de aula como um processo de comunicação e como responsável por desenvolver nos estudantes a capacidade comunicativa, e ainda reforça dizendo que toda ação que denota uma intenção envolve habilidades comunicacionais.

Uma vez que comunicar é inerente aos seres humanos, desde os primórdios, por isso faz parte de sua condição assim como a educação, ambas vinculam-se ao desenvolvimento humano, pois as relações entre seres sociais envolvem sempre uma dimensão comunicativa versus educativa.

Cabe ressaltar, que a rotina dos docentes no espaço da sala de aula é repleto de momentos complexos e conflitantes, dado à heterogeneidade das turmas, o que requer do professor, a posição de gestor, cabendo a este intervir, estabelecer, selecionar, articular, estruturar, criar, organizar, dentro do espaço do saber, situações onde a aprendizagem realmente aconteça. Sobre a mesma temática salienta-se o que nos diz Cuadrado (2012, p.44), quando refere que:

O aumento da agressividade e os conflitos escolares nas salas de aula secundárias exigem novas diretrizes de ação e prevenção desconhecidas em muitos casos, para os professores e dificultam sua comunicação e relação com os alunos.

Por esta razão, o trabalho docente, e seu cunho comunicativo merecem um estudo maior e especial, não só por parte de pesquisadores e estudiosos da área, mas principalmente de todos os docentes de diferentes áreas de conhecimento. Facto de muitos profissionais do ensino estarem distante de um exercício satisfatório.

Logo, abordar a comunicação em contexto escolar é extremamente relevante, devido ao papel que o docente ocupa hoje no cenário educacional, e por isso merece destaque. E é neste esforço que essa pesquisa segue como um instrumento de orientação para aqueles que se inquietam com os rumos não tão positivos que o ensino tem tomado.

Contudo, o presente estudo representa também um investimento profissional e pessoal, devido ao facto de que o mesmo, servirá para melhoria da própria prática do pesquisado, pois levantará questionamentos e reflexões acerca do trabalho exercido pelos profissionais de ensino.

I - REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Competência comunicativa e a formação docente

Um grande dilema que circunda os profissionais da educação da atualidade é a questão do conhecimento, pois seus saberes específicos nunca foram devidamente valorizados pela comunidade acadêmica, nem pela sociedade, a concepção de que ser bom professor é ter domínio de conteúdos da matéria que leciona e certa aptidão para a comunicação, é um pensamento que desprestigia a capacidade da categoria, Nóvoa (*cit. in* Tardif & Lessard, 2014).

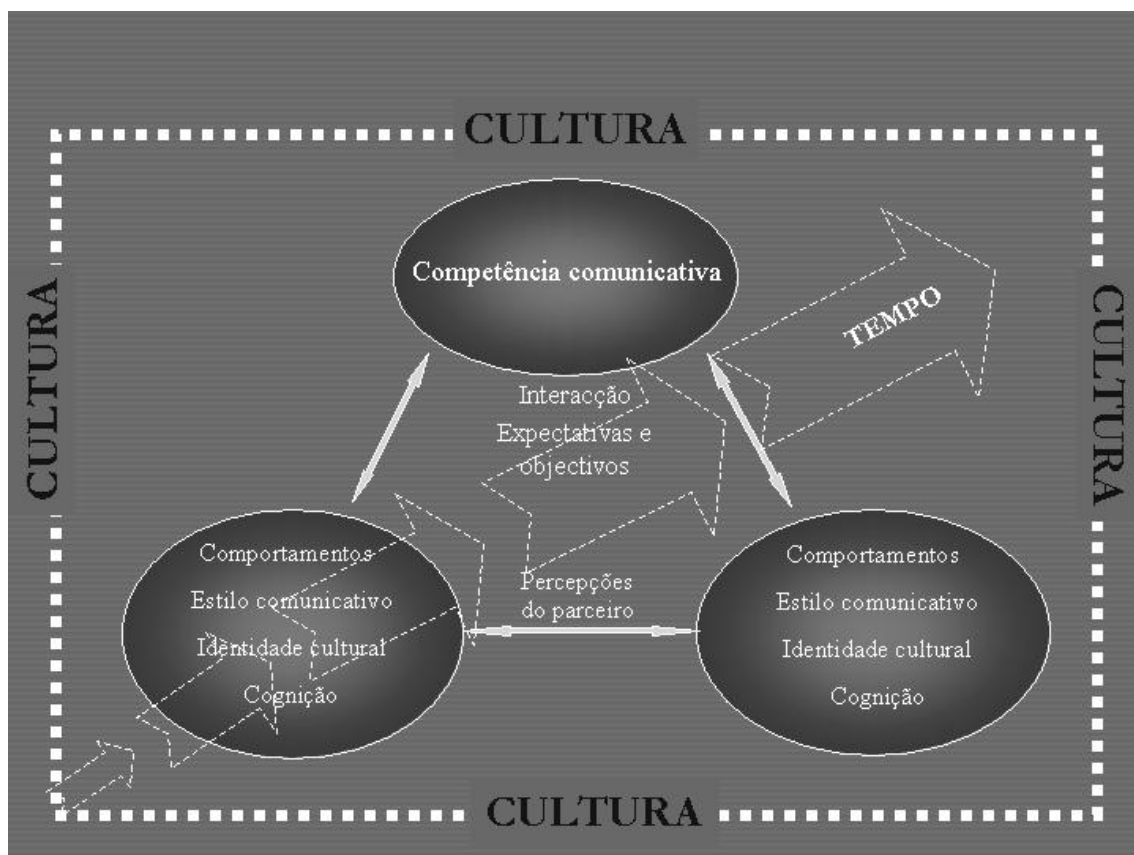
Deste modo não se pode pensar a comunicabilidade docente, mesmo que esta integre o *ethos* da profissão, como uma aptidão pura e simples dos professores, pois ainda que alicerceie sua prática, esta deve ser entendida como uma competência complexa que deve ser reconfigurada, tanto na esfera de formação quanto na prática dos professores, logo o saber docente é plural, fruto de sua formação profissional, saberes disciplinares, curriculares e experienciais, Tardif (2014).

O trabalho do professor depende do aluno, da vontade deste em querer aprender, do quão motivacional possa ser a atividade docente. Estas questões já entendidas como dotados de uma complexidade, encontram-se intimamente ligadas à competência comunicativa dos docentes, a qual não se restringe a uma mera vocação. Segundo

Hymes (1973 *cit. in.* Charaudeau & Maingueneau, 2016), a competência comunicativa concebe a capacidade de comunicar-se considerando os contextos sociais.

Tal desígnio aponta para o desafio diante dos docentes, os quais precisam desenvolver suas habilidades de comunicação a fim de adequá-las à heterogeneidade de sala de aula. Haja vista o Modelo de Competência Comunicativa (CC) de Belo (2005), que mostra todo o composto que estrutura esse processo:

Figura 1 – Modelo de competência comunicativa de Belo (2005)



Fonte Belo (2015).

Diante de tal complexidade,

“a atividade docente não tem nada de simples e natural, mas é uma construção social que comporta múltiplas facetas e cuja descrição metódica implica necessariamente escolhas epistemológicas” (Tardif & Lessard, 2014, p.41).

São muitos os teóricos que tratam da importância de os docentes de hoje desenvolverem determinadas competências para atuarem com êxito em sala de aula, as quais não são tratadas nos cursos de formação acadêmica.

Todavia, há autores que questionam a atual pedagogia das competências, que tem origem no universo empresarial. A questão é que uns a defendem como mais uma prescrição para atender as demandas capitalistas e tecnológicas, e outros apontam como uma perspectiva emancipatória dos saberes docentes.

Campos (2009), por exemplo, revela-se como uma certa rebeldia ao mesmo tempo contrastante, diante da formação docente numa esfera de desenvolvimento de competências e habilidades, dizendo que estas são maneiras mecanizadas, cientificistas e limitadas de saberes tecnizados. Ao passo que admite emergirem das práticas cotidianas do professor, ou seja, do seu próprio trabalho, sendo competência a capacidade de mobilizar recursos cognitivos, afetivos e emocionais, ambos em situações reais, e habilidades como o domínio de fazer com eficiência, a qual desenvolve-se em situações artificiais.

Em contrapartida, Medina (*cit.in* Freire, et al., 2009), afirma que, no âmbito da formação profissional, o conceito de competência foi incorporado como a articulação entre conhecimentos, habilidades e atitudes para solucionar problemas inesperados do dia a dia e do trabalho, de tal forma que haja uma superação do hábito formado pela experiência.

À frente de tais pressupostos, salienta-se que, se de um lado competência parte de uma capacidade prática originada do real, e as habilidades, capacidades adquiridas em um universo artificial, encontra-se o eixo articulador entre a formação e a atividade dos professores. É justamente a necessidade de se trazer para dentro das instituições de formação docente (situação artificial), o universo da prática escolar (situações reais). Eis o desafio das instituições acadêmicas, que se ocupam em formar professores: a conexão entre teoria e prática.

Logo os currículos dos cursos, segundo Campos (2009, p.28):

“Devem orientar a formação do professor. Formação esta pautada no desenvolvimento de saberes integrados pela interdisciplinaridade e competências, para a promoção de habilidades essenciais e específicas para a atuação docente”.

Por conseguinte a educação de hoje requer um profissional apto para agir de maneira coerente em diferentes situações-problema de sala de aula, prontos para intervir na formação social dos estudantes, e que seja reflexivo e um constante pesquisador. A esse respeito, Guzzo e Ghiggi (*cit. in Severino et al., 2011*), falam que a urgência em uma nova escola voltada para a formação de um estudante cidadão, passa por uma mudança na formação do professor pautada em e com vistas a uma prática de valores éticos.

Hoje, nas instituições de ensino superior, de forma controversa estuda-se uma teoria que muitas vezes não se consegue aplicar, ou não tem nenhum sentido no cotidiano escolar, pois este ao que se parece é um universo à parte, ou seja, não valoriza e não parte do cotidiano dos professores, pois:

“O contexto teórico formador, não pode jamais, como às vezes se pensa, ingenuamente, transformar-se num contexto de puro fazer. Ele é, pelo contrário, contexto de quefazer, de práxis, quer dizer, de prática – de teoria” (Freire, 2016, p.110).

Diante de tais exigências, urge a necessidade do profissional do ensino dotado de saberes capazes de atribuir um sentido novo ao processo de ensino e aprendizagem. Devido à crescente crise por qual passa a formação dos docentes, estes não conseguem atender aos anseios dos seus alunos, seus pais e da sociedade em geral. Pressupõe-se que estes profissionais estejam mal formados. Porque na sua formação ensinam-se muitas teorias didáticas, filosóficas, psicológicas, históricas, etc., as quais foram concebidas sem nenhum tipo de relação com a realidade de sala de aula Tardif (2014).

É preciso encontrar um caminho que leve à melhoria na educação, à valorização do trabalho docente e a efetivação do processo de ensino e aprendizagem, e essas melhorias passam pela formação do professor, porque existe a confiança de que a “formação geral de qualidade dos alunos depende de formação de qualidade dos professores” (Libâneo, 2011, p.83).

Até porque:

“O trabalho dos professores de profissão deve ser considerado como um espaço prático específico de produção, transformação e de mobilização de saberes e, portanto de teorias, de conhecimentos e de saber-fazer específicos ao ofício de professores” (Tardif, 2014, p.234).

Logo, a formação que os professores geralmente vêm recebendo em cursos acadêmicos não oferecem preparação suficiente para que possam aplicar novas metodologias, nem métodos desenvolvidos teoricamente na prática de sala de aula, como bem coloca Imbernón (2011).

Uma vez que a ação docente se estabelece em contextos sociais, esta deve acompanhar a rapidez com que os conhecimentos se propagam e se transformam, de forma que o professor deve a todo momento atualizá-los. Isso implica investimentos em uma formação permanente, em que o docente assume uma postura reflexiva e de auto-avaliação contínuos, com um olhar crítico e de aceitação das suas limitações.

Zarifan (*cit. in* Bandeira & Souza, 2014), define que quando se fala em competência comunicativa há que entendê-la a partir de situações práticas que se apoiam em conhecimentos adquiridos e os transformam na medida em que aumentam as diversidades das situações. Prerrogativa essa em conformidade às ideias de Kleiman (2002), baseados em Hymes e Gumperz, que defendem que a CC é um processo que se efetiva na prática cotidiana, na interação de sala de aula, e por isso é um processo contínuo.

Importa saber que muitos teóricos assumem posições favoráveis acerca da necessidade e importância dos docentes desenvolverem novas competências para atuarem no novo cenário educativo, que demanda do universo da informatização. Com vistas a isso, a competência comunicativa, por exemplo, como já exposto anteriormente, não é apenas uma aptidão simples e natural. Se na antiguidade a comunicação era espontânea por parte de quem instruía, hoje ela requer todo um arcabouço técnico que permita que a mesma seja utilizada assertivamente, de forma consciente e intencional numa perspectiva de interações sociais.

Nessa perspectiva Campos (2009), diz que o desafio da educação e conseqüentemente do professor, é intervir no mundo transformando-o pelo diálogo, pois no momento em que se manifesta o diálogo afirma-se também a democracia.

A maestria da ação docente, centra-se na competência, ou seja em suas habilidades dialógicas e interativas. É na interação de um indivíduo com outros em contacto com a realidade em que vive, é que ele externa suas concepções afetivo-emocional e cognitiva, de forma que estas refletem uma história pessoal vivenciada, dada por suas ações e comportamentos, (Peixoto *et al.*, 2009; Tardif, 2014).

Por consequência, há uma relação pedagógica entre autoridade e comunicação no contexto de sala de aula, nela o professor precisa aceitar que o vínculo que se estabelece entre ele e o aluno é complexo e envolve sentimentos e emoções, por isso deve atentar-se para não cometer violências banais, como formas grosseiras de falar, perguntas indiscretas, falta de atenção, tons autoritários, pois podem mostrar desequilíbrio de personalidade e falta de consciência sobre o que é dito e feito durante a aula.

A competência docente está em comunicar-se assertivamente e reconhecer que seu trabalho exige o uso intencional de suas habilidades comunicacionais, porque as mesmas envolvem sedução, atração, e manipulação, as quais nenhum professor pode renunciar inteiramente (Perrenoud, 2000).

É imprescindível que a competência comunicativa do professor seja levada mais a sério, seja por parte dos professores, seja pelas instituições universitárias, dada a importância que esta ocupa no processo educativo. Uma vez que a formação dos professores se encontra deficiente, é justificável relacioná-las ao cenário de dificuldades, pelo qual passa o processo educativo.

Então, se os cursos de formação inicial não oferecem suporte para que os professores construam uma consciência comunicativa, ou seja, tornem-se conscientes sobre a importância de suas habilidades comunicacionais, que englobam a comunicação verbal e não-verbal, para que as desenvolvam na sala de aula, cabe a eles assumirem-se como autônomos e investir em sua própria formação continuamente, o que possibilita buscarem referências no seu próprio campo de atuação.

Visto que, no âmago da formação docente, encontra-se a epistemologia de sua prática, ou seja não se pode negar que o professor constrói um saber-fazer específico deste ofício na experiência diária, na relação interativo-comunicativa com os sujeitos educativos(alunos). Esta ideia fundamenta-se no que diz Campos (2009, p.26-27),

“A complexidade do conteúdo do trabalho docente não se pauta apenas pela mobilização de saberes, pois mesmo que, muito bem fundamentado, o professor sabe que as situações da realidade são muito mais complexas do que as teorias”.

Corroboram com tal pressuposto, Penteado (*cit. in* Penteado & Garrido, 2010, p.97),

“Assim, a educação, tanto na escola quanto na universidade, envolve (ou deveria envolver) espaços comunicativos que mobilizam os sujeitos em embates e interações para a (re)significação do comum e construção da unidade (individual e social). Os espaços comunicativos implicam adesão e apoio às causas do grupo, em busca de compreensão”.

Quando o professor é motivado pelo desejo de transformar suas práticas, pelo facto de se encontrar insatisfeito sob algum aspecto, ele tende a refletir sobre seu fazer pedagógico, ao ponto de inquietar-se e encontrar nele, razões para intervir no seu trabalho, então este assume em exercício o caráter de “professor-pesquisador”. A prática do pesquisador, envolve a ação docente e a ação pesquisadora, sendo ambas de cunho afetivo, racional, relacional e comunicacional (Penteado *cit. in* Penteado & Garrido, 2010).

Sendo assim, a competência comunicativa é formativa. Ela está no professor e é com ela que ele caminha para formar-se e formar seus educandos numa relação de crescimento, interação e troca constantes. Nesse sentido a competência comunicacional docente está intrinsecamente ligada ao seu processo de formação e de ensino-aprendizagem, pois o comportamento do professor nessa perspectiva, é gerar um trabalho que contemple um ensino comunicativo e emancipador para se construir conhecimentos significativos, autônomos e críticos, tanto em si como nos discentes. Isso implica dizer que a formação docente supera os limites e restrições da vida e saberes acadêmicos impostos pelos cursos de graduação e pós-graduação.

Não está somente nas instituições de formação acadêmica, a solução para os problemas educativos, está também nos professores tomarem consciência de que necessitam adotarem posturas diferenciadas diante de seus saberes, seu papel e sua formação para lançarem mão de suas habilidades comunicacionais num compromisso de inserção no mundo do conhecimento para proporcionar aos discentes uma educação de qualidade.

Ainda sobre esta temática os estudos de Penteado (*cit. in* Penteado e Garrido, 2010) reforçam-nos, que é através da comunicação no contexto escolar que se desenvolve a qualidade necessária ao bom desempenho docente/discente. Tal abordagem nos diz o quão complexa e tênue são as relações que se dão entre as habilidades comunicacionais do professor e o ensino-aprendizagem, logo entre ambos se estabelecem um vínculo forte e sensível, o qual tem na figura do professor seu agente mediador, que por sua vez é passivo de erros, além do mais, Orecchioni (2006), informa-nos que competência comunicativa não é a mesma coisa que competência linguística, porque a competência comunicativa CC engloba toda expressão de natureza não só verbal, mas paraverbal e não-verbal também, ou seja palavras, gestos, entonações etc.

Desta forma cabe destacar os elementos estruturais que compõem a competência comunicativa (CC) segundo Bitti e Zani (*cit. in* Santos, 2015, p.32),

- “Competência linguística – é a capacidade de produzir e interpretar signos verbais;
- Competência paralinguística – é a capacidade de alterar determinadas características na construção dos signos verbais, como por exemplo a entonação;
- Competência pragmática – é a capacidade de usar os signos linguísticos ou não, de acordo com a situação;
- Competência sociocultural – é a capacidade de reconhecer as situações sociais e as relações dos papéis desempenhados;
- Competência cinésica – é a capacidade de realizar a comunicação mediante signos gestuais, como por exemplo imagens mímicas e movimentos corporais”.

Neste sentido é imprescindível que a temática das HC seja abordada já nos cursos de graduação dos profissionais, pois estas apresentam todo um conjunto de elementos estruturais, dos quais o docente precisa ter conhecimento no intuito de utilizá-los no direcionamento do exercício de sala de aula.

Desta forma ocupa seu lugar de importância no universo da docência, todos os meios comunicacionais que integram o arcabouço da competência comunicativa da qual os professores de hoje carecem para desenvolver um trabalho consciente frente aos novos desafios educacionais, bem como atribuir uma intenção, um sentido ao fazer docente. Diante do qual Vargas (2012), afirma, que a CC parte de um saber agir com responsabilidade, o qual é reconhecido pelos outros.

1.2 A comunicação verbal e não-verbal no processo de ensino e aprendizagem

As relações humanas, por envolverem sujeitos, são parte integrante da formação dos seres humanos, pois possibilita aos mesmos fazerem e apropriarem-se de algo que sozinhos não conseguiriam realizar ou alcançar. No âmbito escolar, essas interações tornam-se mais preciosas, por envolverem, principalmente, professores e alunos, com vista a isso, Silva e Navarro (2012) e Silva (2011), afirmam que a relação professor-aluno é uma maneira de interação, a qual dá sentido à ação de educar, uma vez que é de forma coletiva que os sujeitos constroem conhecimento.

Diante da intenção com a qual o professor utiliza a interação com seus alunos em sala de aula, esta poderá favorecer ou não o processo de ensino e aprendizagem, pois o nível de envolvimento entre eles, interfere diretamente no aprendizado dos alunos, de forma que se não houver uma relação agradável, tolerância e respeito entre docentes e discentes, a ação de ensinar e aprender torna-se um fardo. Logo a relação que se estabelece entre professor e aluno é um aspecto importantíssimo na gestão de classe, porque quando se trata dessa relação dentro da sala de aula, fala-se de todo o processo de ensino-aprendizagem, Morales (2001).

Esses pressupostos levam-nos a entender a educação como uma manifestação dialógica, e se ela é dialógica, os docentes à medida que dialogam com os educandos constroem conhecimentos consistentes e autênticos frutos de uma relação social e recíproca, a comunicação entre eles. Ao passo que Filho (2008), concebe o diálogo como forma de interações e motivador da aprendizagem; Charaudeau e Maingueneau (2016) que só há educação humana na comunicação no diálogo.

Em virtude disso, Freire (2011, p.85), afirma que,

“(...) o mundo social e humano, não existiria como tal se não fosse um mundo de comunicabilidade fora do qual é impossível dar-se o conhecimento humano”.

Desta maneira o conhecimento está condicionado às nossas interações humanas de comunicabilidade, de forma que à medida em que nos comunicamos, nos tornamos sujeitos autônomos e por isso responsáveis pela construção e transformação.

No processo de comunicação, aquele que se coloca como comunicador, no caso do professor, necessariamente recorre à diferentes manifestações de linguagens, seja verbal ou não-verbal. Porque ambas contribuem para que o docente possa alcançar a compreensão, prender a atenção e aproximar-se de seus alunos. Pois afirma Habermas (*cit. in* Tardif & Lessard, 2014, p.248), que a atividade comunicacional:

“Envolve a interação entre, ao menos, dois sujeitos capazes de falar e agir que iniciam uma relação interpessoal (seja por meios verbais ou não-verbais). Os agentes buscam um entendimento sobre determinada situação, para estabelecer consensualmente seus planos de ação e, conseqüentemente, suas ações. O conceito central de interpretação diz respeito, antes de tudo, à negociação de definições para as situações suscetíveis de um consenso. Nesse modelo de ação, a linguagem ocupa um lugar proeminente”.

Assim, a comunicação verbal e não-verbal, (CV, CNV) constituem-se ferramentas tecnológicas ao alcance do professor, à serviço da aprendizagem, porque ambas constituem-se como diferentes formas de comunicação do professor, então o que pode justificar muitos docentes recorrerem às tecnologias como “salvadoras da pátria”, é a falta de conhecimento, ou de consciência sobre a importância dessas habilidades comunicacionais no contexto de sala de aula, logo são intrínsecas à ação de educar.

À esse respeito, Pinto (*cit. in* Peixoto *et al.* (2009), diz que ensino e aprendizagem em meio à esse universo tecnológico, são atos comunicacionais essenciais, e para tanto, pressupõem na dimensão didático-pedagógica uma interseção entre seus principais integrantes: professores e alunos, ambos com desejo e a vontade de descobrir, explorar, refletir, aprofundar e saber. A comunicação propicia a troca, onde docentes e discentes são estimulados a dialogar, indagar, produzir, formular e focalizar os núcleos essenciais

do conhecimento, a curiosidade, o pensamento reflexivo, e o mais significativo, ensiná-los a aprender.

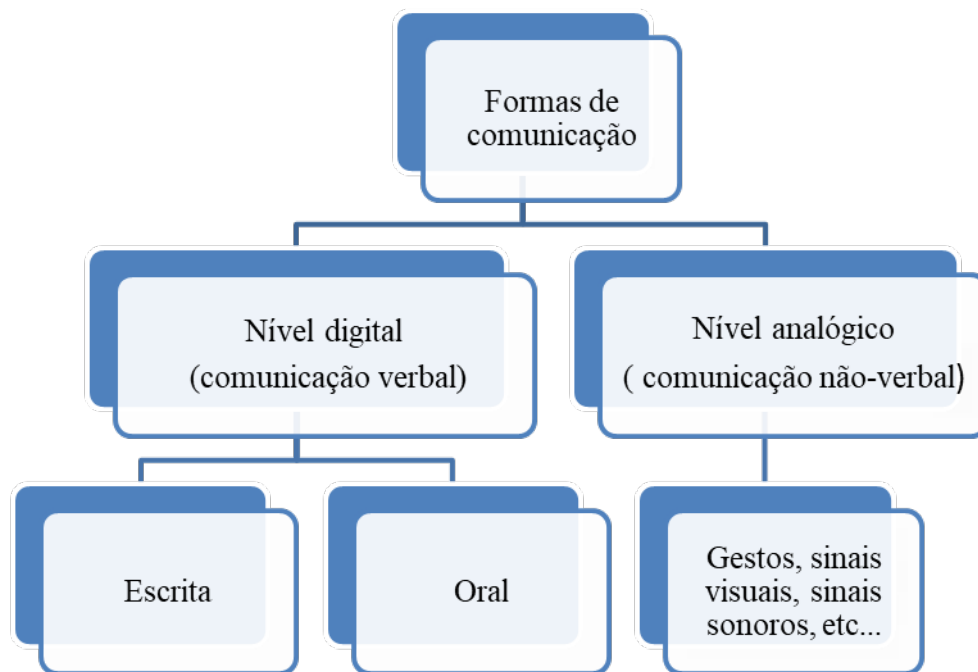
Isso significa dizer que comunicação em suas formas de manifestação, verbal e não-verbal, constituem um arcabouço tecnológico do trabalho docente em sala de aula, pois “a tecnologia do ensino foi e continua sendo uma tecnologia interativa, e que devido a isso, esses verdadeiros utensílios e técnicas são antes de tudo simbólicos relacionais, de linguagem” (Tardif & Lessard, 2014, p.175).

Tal concepção, reforça o papel de importância que a CV e CNV assumem na aprendizagem dos alunos, por se tratarem de meios interacionais e estratégicos, não somente meros recursos de exposições conteudistas. É preciso aceitá-los como práticas de estímulo e motivação, as quais cooperam no processo de ensino-aprendizagem. A CV e CNV, auxiliam no envolvimento coletivo da turma, contribuem para um clima agradável na sala, e se ministradas de forma assertiva, ajudam o professor a prender a atenção dos discentes e envolvê-los, tanto nas tarefas pedagógicas, quanto no processo comunicativo-interativo, que além de atribuir significados às ações docentes, os coloca em contato com o mundo.

Pois, como diz Filho (2008) ,a comunicação não é uma mera troca, porque não existe troca de comunicação, existe o interesse, ou seja posso ou não interessar-me pelas coisas que vejo, ouço, ou sinto, porque o fenômeno comunicacional está intimamente ligado ao universo daquele que a recebe, àquilo para qual se volta, ou procura, dessa maneira a comunicação se efetiva a partir do momento que o interlocutor, interessa-se por ela e a incorpora-se como algo significativo para si, pois esta representa a forma com que cada um relaciona-se com o mundo.

Por essa razão, a comunicação entre professores e alunos ultrapassam os fins meramente pedagógicos, pois representam a possibilidade de imergir em um universo cultural e de interações humanas, do qual a CV e CNV fazem parte. Com vistas a isso, apresenta-se a figura abaixo adaptada de Lopes e Pereira (2004 *cit. in* Santos, 2015, p. 30), que esquematiza, sucintamente as formas de comunicação em sala de aula:

Figura 2 - Formas de comunicação no contexto de sala de aula



Deste modo pode considerar-se que a aprendizagem se torna um processo de conquista do aluno pelo professor, pois se os docentes não tiverem os discentes como parceiros nessa empreitada, nem o ensino, tão pouco a aprendizagem fluem assertivamente. Com vistas a isso, Perrenoud (2009), diz que faz parte da competência do professor conseguir trazer o aluno para o trabalho docente, e envolvê-los em suas aprendizagens, e para alcançar tal proeza, o professor carece, além de conhecimentos didáticos, uma grande capacidade de comunicação, empatia e respeito ao outro.

Até porque, “ensinar é trabalhar na linguagem e com a linguagem” (Tardif & Lessard, 2014, p.192). Se essa relação constitui a essência do trabalho docente, a comunicação para o processo ensino-aprendizagem, também o é. Por conseguinte, dentre as diversas formas de manifestações de linguagens, estas têm na completude da comunicação verbal e não-verbal, sua expressão maior.

Pois a prática docente não se fundamenta somente nas expressões verbais, mas recorre também às manifestações não-verbais, isso porque,

“a comunicação é mais do que a língua falada e escrita, engloba toda e qualquer forma de comunicar: olhares, expressões, gestos, posturas, tons de voz e até o próprio espaço” (Santos, 2015, p.29).

Tais pressupostos evidenciam a importância da CV e CNV no ambiente da escola, pois este configura-se como um espaço de diálogo e de interações que envolvem todos os tipos de pessoas e conseqüentemente diferentes signos de linguagens, os quais Orecchioni (2006), denota como “materiais” verbais, paraverbais e não-verbais.

O material verbal - São as unidades derivadas da língua falada, a qual compõe-se de (unidades fonológicas, lexicais e morfossintáticas);

O material paraverbal (prosódico e vocal) - Refere-se à tudo que acompanha as unidades propriamente linguísticas transmitidas pelo canal auditivo: entonações, pausas, intensidade articulatória, elocução, particularidades da pronúncia, características da voz;

O material não-verbal - São as unidades transmitidas pelo canal visual, os quais se distinguem em:

- a) *Os signos estáticos* – Constituem-se da aparência física dos participantes e de suas características naturais adquiridas (rugas, bronzeamento etc.) ou acrescentados (roupas e acessórios, maquiagem, decorações etc.) os quais oferecem contextualização sobre a idade dos participantes, seu sexo, sua aparência étnica e sociocultural etc.;
- b) *Os signos cinéticos lentos* – São as distâncias, as atitudes e as posturas;
- c) *Os signos cinéticos rápidos* – São os jogos de olhares, das mímicas e dos gestos.

Sendo que as distâncias são analisadas pela “proxêmica”, as outras unidades se inscrevem dentro da “cinésica”. Os risos, ou soluços inserem-se ao mesmo tempo no material paraverbal e não-verbal, pois são de natureza simultaneamente, auditiva e visual.

Essas conjecturas apontam para o caminho da complexidade das ações comunicacionais verbais e não-verbais, principalmente quando se manifestam dentro da sala de aula, por se tratarem de ações que têm uma forte influência no processo de ensino e aprendizagem, e se estabelecerem entre seres humanos, os quais são regidos por laços

de interação, pelo qual torna-se imprescindível discorrer sobre cada uma em separado, pois ambas possuem particularidades que merecem destaque.

1.2.1 A comunicação verbal

“A comunicação verbal é toda a comunicação que utiliza palavras ou signos. É através da comunicação verbal que se realiza por palavras, palavras estas, faladas ou escritas, que o homem compreende e domina o mundo que o rodeia e entende, assim os outros” (Santos, 2015, p.33).

Apesar de as primeiras manifestações comunicativas do homem em suas origens se relacionarem com os sentimentos, foi através da palavra que ele conseguiu extravasá-los, estabelecer de fato diálogo com as pessoas e o mundo à sua volta e integrar-se nele, onde se entende a expressão verbal, como um importante instrumento interativo, do qual fazemos uso para externar nossas “coisas” e conhecer as do outro, em um engajamento conjunto. Então, toda interação verbal pode ser concebida a partir de uma sequência de acontecimentos, eventos cujo conjunto constitui um “texto”, produzido coletivamente em determinados contextos (Kerbrat-Orecchioni, 2006).

No âmbito escolar, onde a interação verbal assume o corpo de círculo interativo, e a comunicabilidade emerge constantemente entre docentes e discentes, “a comunicação verbal exige um ajuste permanente entre locutor e ouvinte (...)” (Caron *cit. in* Charaudeau & Maingueneau, 2016), o que se justifica pelo fato de ambos se envolverem em uma relação de afetividade e proximidade mútua. Nesta sequência, Filho (2008) e Kerbrat-Orecchioni (2006), tratam o diálogo como um exercício de troca da fala, ou seja como uma situação comum de interações e acrescenta que essa comunicação verbal é a experiência linguística por excelência que acompanha os seres humanos desde o seu nascimento.

Outros autores como Mortimer e Scott (2002) e Gomes (2010), apontam que as interações discursivas em sala de aula, contribuem para um aprendizado de autoria dupla, porque a comunicação verbal do professor, enquanto relação dialógica possui um caráter interativo, o qual possibilita a contribuição do aluno, tornando-os autores da

construção do seu próprio conhecimento, destarte o discurso do professor não se restringe a falar e expor verbalmente um conteúdo de forma autoritária e fechada, é pois um processo aberto e por isso participativo e solidário.

Então, “as aprendizagens escolares pressupõem a comunicação e as interações verbais entre professores e alunos, já que ensinar para além de informar é também saber comunicar” (Gomes, 2010, p.22).

Nesta linha de interpretação também Belo (2005), demonstra que é notório que uma efetiva interação em sala de aula encaminha-se por inferências conversacionais, nas quais seus participantes produzem sugestões verbais e não-verbais que por sua vez incorporam a atividade da fala. Até porque não se pode desconsiderar o fato de que, “toda palavra tem duas facetas: ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige à alguém”, como bem nos aponta Silva e Mortimer (2005, p.3), diante do qual o professor não pode ignorar o trabalho cuidadoso que deve ter quanto ao uso de seu discurso verbal, cuidado esse que perpassa pela voz, integrante da comunicação verbal e fundamental na interação com os alunos.

A este respeito, autores como Behlau, Dragone e Nagano (2004), afirmam que a nossa voz guarda características de nossa personalidade, e nossas emoções, sendo que a forma como falamos pode provocar impactos positivo ou negativos, como mostra o quadro1, abaixo:

Quadro 1 – Interpretações da voz

Interpretações da voz	
Voz do falante	Interpretação do ouvinte
<ul style="list-style-type: none">• Voz rouca• Voz soprosa• Voz comprimida• Voz monótona• Voz trêmula • Voz infantilizada • Voz nasal (fanhosa) • Voz grave (grossa)• Voz aguda (fina) • Conversa com tons agudos	<ul style="list-style-type: none">• Cansaço, estresse, esgotamento• Fraqueza, sensualidade• Caráter rígido, tensão e emoções contidas• Monotonia, repetição, desinteresse• Sensibilidade, fragilidade, indecisão ou medo • Ingenuidade, ou falta de maturidade emocional • Limitação intelectual e física, falta de energia, inabilidade social• Individuo enérgico, autoritário• Individuo submisso, dependente, infantil, frágil • Clima alegre

Interpretações da voz	
Voz do falante	Interpretação do ouvinte
<ul style="list-style-type: none">• Conversa com tons graves• Pouca variação de tons na fala• Rica variação de tons na fala• Intensidade elevada (falar alto)• Intensidade reduzida (falar baixo) • Articulação definida nos tons da fala • Articulação imprecisa dos sons da fala • Articulação exagerada dos sons da fala• Velocidade lenta da fala • Velocidade elevada da fala• Respiração calma e harmônica• Respiração profunda e ritmada• Ciclos respiratórios irregulares	<ul style="list-style-type: none">• Clima triste e melancólico• Rigidez de caráter, controle das emoções• Alegria, satisfação, riqueza de sentimento• Franqueza, energia ou falta de educação• Pouca experiência nas relações pessoais, timidez ou medo• Clareza de ideias, desejo de ser compreendido• Dificuldade na organização mental ou desinteresse em comunicar-se• Sinal de narcisismo• Falta de organização de ideias, lentidão de pensamentos e atos• Ansiedade, pressa, tensão• Equilíbrio e calma• Pessoas ativas e enérgicas• Agitação e excitação

Fonte: Behlau e Pontes (1999) adaptado de Behlau, Dragone e Nagano (2004).

Concomitantemente, cada alteração no comportamento vocal do professor diante de seus alunos, implicará modificações em todos os outros aspectos da comunicação e conseqüentemente na aprendizagem, pelo fato dos diferentes parâmetros da voz acarretarem impactos psicológicos nos alunos, isso porque a voz possui uma psicodinâmica, ou seja é passível de interpretações. Sendo assim, o aspecto afetivo de uma voz pode tanto conquistar um aluno para o aprendizado como distanciar seu interesse.

Monteiro, Santos e Teixeira (2007), apontam a expressão verbal, base do discurso docente, como um forte influenciador sobre o aluno e vice-versa, sendo que a relação entre ambos deve ocorrer de forma democrática e dialógica num viés de interações verbais mútuas. Nesse contexto o conhecimento se constrói com a participação do aluno e não imposta pelo professor, a partir do qual o mesmo insere-se na relação comunicativa.

1.2.2 A comunicação não-verbal

Este componente da comunicação integra nossas relações diárias, ou seja está presente no ato de nossa fala e mesmo quando nos comunicamos sem palavras. “A comunicação

não-verbal é portanto, o ato comunicacional que se efetua entre pessoas por outros meios que não a palavra” (Santos, 2013, p.31)

Oliveira (2013), diz-nos que diante da importância da CNV na sala de aula o professor assume o papel de artista, pois os gestos, sorriso, ausência, postura, movimentos, são observados o tempo todo e o expõe a julgamentos e interpretações, por isso também produzem efeitos tanto positivos como negativos nos alunos. Com seus comportamentos e atitudes, a figura docente poderá ser lembrada por seus alunos positivamente ou não.

A CNV, segundo Santos (2013), pode repetir uma informação verbal (ser redundante), contradizer o sistema verbal (dizer algo com palavras e o seu corpo afirmar outra), substituir o código verbal (comunicar-se apenas com gestos), complementar o código verbal, enfatizar a mensagem verbal e também regular o fluxo comunicativo (com uso de marcadores vocais, como tom, murmúrio, interjeições).

Diante da complexidade, que o fenômeno da CNV abrange, suas múltiplas formas de manifestação, é incontestável a afirmação de Cestero (2006, p.57 *cit. in* Oliveira, 2013, p.14):

“La comunicación no verbal alude a todos los signos y sistemas de signos no lingüísticos que comunican o se utilizan para comunicar, por tanto se incluyen dentro de ella los hábitos y las costumbres culturales em sentido amplio y los denominados sistema de comunicación no verbal”.

Um bom comunicador precisa interpretar a complexidade das múltiplas linguagens que circunda a nossa cultura, com atenção, observação, pesquisa e imaginação, para dessa forma ajudar a quem desejar compreender sua própria existência e a de seu próximo, (Alcure, Ferraz & Carneiro (2005). Segundo Amato (2011), somos mais do que palavras, deste modo uma comunicação eficiente deve compor-se também de elementos não-verbais: o corpo, a postura, o olhar, o rosto, os gestos, pois o nosso repertório gestual, principalmente se for bem pensado e planejado produz reações significativas no outro.

Como refere a teoria, tudo em nosso corpo expressa algo de nós, de forma que a linguagem utilizada, às vezes inconscientemente, provoca reações nos interlocutores, assim, Santos (2013), diz que as expressões comunicativas transmitidas por nosso corpo atuam como mobilizadores da sensibilidade daqueles que as recebem, pois estas anunciam ou denunciam aquilo que realmente pensamos deles. Com vistas a isso o mesmo autor discrimina cinco fatores que, segundo ele condicionam o comportamento comunicacional e que são:

1º Biofísicos e psicológicos – o sexo e a idade, homens e mulheres têm comportamentos gestuais diferentes, assim como seus gestos são influenciados por sua idade, seu estado emocional também determina sua expressão corporal;

2º Ambientais – o meio socioeconômico faz o indivíduo adotar diferentes linguagens corporais;

3º Sociais – de acordo com o grupo social que o sujeito frequenta, este adota diferentes gestos e posturas, entre familiares, por exemplo, emprega comportamentos diferentes dos empregados com amigos ou colegas de trabalho;

4º Eduacionais – a escola reforça as normas que condicionam o comportamento comunicacional do indivíduo;

5º culturais – a sociedade cria normas que moldam os comportamentos. Grupos que cultivam valores e tradições religiosas e morais, utilizam gestos mais contidos, posturas mais estáticas.

Assim, as nossas relações, dadas pelo uso da CNV obedecem a determinados padrões culturais, os mais variados possíveis, sendo que ao ultrapassar os limites estabelecidos por elas, as consequências podem ser desastrosas. “Só podemos estar livres de estresses quando cada atitude psíquica nossa é acompanhada da sua correspondente atitude física e ideal” (Weil & Tompakow, 2015, p.223). Em se tratando das interações entre docentes e discentes, mais tênue se torna essa relação, pois num ambiente heterogêneo que é a sala de aula, muitos gestos e comportamentos podem ser mal interpretados por ambos os lados, e por tal facto interferirem na aprendizagem.

Nesta linha de pensamento Guglielmi (2014), fala que todos nós temos um espaço social, e que por essa razão devemos ter o cuidado como nos apresentamos aos nossos interlocutores, pois dependendo de sua etnia, ambiente no qual se insere e a classe social à qual pertence, este poderá interpretar nossos movimentos e gestos de diferentes maneiras. Logo a iniciativa de nos aproximar ou distanciarmos uns dos outros varia, dado o nosso estado emocional e em conformidade à tradição cultural construída pelos hábitos e comportamentos de um determinado grupo ou sociedade; a distância social (Weil & Tompakow, 2015). Gestos e expressões corporais são determinados por um código cultural, e passado de maneira informal a cada geração (Alcure, Ferraz & Carneiro, 2005).

Através do nosso corpo, segundo Guglielmi (2014), pode-se medir o grau de intimidade e nível de envolvimento afetivo, através da proximidade corporal que estabelece com o outro, pois os movimentos que ele faz expressam mais de nós mesmo do que as palavras. O elemento espacial usado nas interações, funcionam como marcadores dessa relação. Kerbrant-Orecchioni (2006), fala dessa distância psicossocial, que segundo ela é marcada pela distância, no sentido próprio, ou seja quanto mais próximos forem os interlocutores, mais aproximados eles permanecerão. O corpo fala a linguagem silenciosa daquilo que está em nossa mente (Weil & Tompakow, 2015). Por isso o corpo é a expressão de nossa sensibilidade (Amato, 2011).

A postura que assumimos, está condicionada pelo ambiente no qual fomos criados, e pelos acontecimentos circunstanciais em nossa vida, esses fatores contribuem para adquirirmos determinadas posições fixas e posturas, a postura curvada por exemplo, demonstra que temos contínua necessidade de afeto, a postura enrijecida, mostra raiva e hostilidade, a postura arrogante: peito estufado, bacia rígida, pernas contraídas, olhos resabiados, que mostra-se bloqueado à compreensão alheia (Guglielmi, 2014). É pela postura que um interlocutor adota um ato comunicacional interpessoal e pode-se perceber se ele está ou não aberto para a inclusão de outros interlocutores (Santos, 2013). Seu caráter mais ou menos relaxado, são adotados quando se quer ou se tem uma relação horizontal (Kerbrat-Orecchioni, 2006). Logo, a postura não é só a chave do caráter do indivíduo, é também a expressão de uma atitude (Davis, 2009 *cit. in* Oliveira, 2013).

Os nossos gestos também significam muitas coisas. Guglielmi (2014), afirma que o poder e a idade reduzem os gestos. A autora também define os gestos dos braços em *gestos-ação*, os quais são praticados naturalmente com uma intenção, uma emoção, como apontar ou saudar; e os *gestos-atitude*, realizados inconscientemente, que revelam traços profundos de nossa personalidade e expressam o que verbalmente não se expressa com frequência, oferecer a mão para cumprimentar, por exemplo. Os gestos que se fazem com as mãos, revelam sobre a funcionalidade cerebral, ou seja quanto maior a habilidade de gesticular as mão e os dedos, maior o grau de flexibilidade mental e física. O toque está ligado à afetividade, à vontade de aproximar-se e estabelecer um vínculo mais forte com o outro. Kerbrat-Orecchioni (2006), aponta que para que se possa fazer uma leitura sobre a proximidade do laço afetivo ou social que une determinadas pessoas basta que observem a maneira pela qual “se comportam” em lugares públicos.

Os gestos da cabeça também acarretam significados importantes, porque manifestam, além do nosso estado emotivo, nossos comportamentos sociais inconscientes e revelam o tipo de relação que almejamos estabelecer com o interlocutor, alguns gestos com a cabeça: reta (atenção), inclinada para frente (ânimo negativo, hostilidade) inclinada para trás, e examinar o outro de alto a baixo (arrogância e desconfiança) (Guglielmi1, 2014). Por conseguinte, o gesto é um signo não-verbal codificado segundo normas culturais e presente não só na comunicação interpessoal, mas em rituais diversos, como danças, cerimônias religiosas, etc. (Santos, 2013).

As expressões faciais, são uma forte declaração de nossas intenções, alegrias, medos, etc. Amato (2011), diz que o um rosto contraditoriamente confirma verdades e expõem mentiras. Guglielmi (2014), reforça que o estado de ânimo de alguém é revelado através de seu rosto, e acrescenta que temos muitas máscaras expressivas, a exemplo de enrugar a fronte, que a realizamos quando estamos preocupados; erguemos como sinal de que estamos assustados. Então à medida que falamos, nossos gestos faciais contraem-se de forma constante, por isso gesticulamos com bastante frequência controlando minimamente o que queremos e como queremos (Oliveira, 2013).

O riso, na sua função inicial, há milhares de anos, era a de se mostrar receptivo ao diálogo, apaziguando o possível agressor e foi assumindo ao longo das décadas uma

função mais afetuosa, contribuindo para o esforço da interação humana (Freitas-Magalhães & Castro, 2007 *cit. in* Oliveira, 2013). Por isso nosso riso deve contemplar os sons de todas as vogais, por exemplo, ao sorrir com o som de *ha..ha..ha...*, mostra vivacidade; sorrir com o som de *he...he...he...* aparenta um riso falso e dissimulação, o som de *hi...hi...hi...* é uma risada estérica, o som de *ho...ho...ho...* demonstra menos espontaneidade e o som de *hu...hu...hu...* mostra um esforço para tornar-se espontâneo (Guglielmi, 2014).

Também o olhar interfere nas relações interpessoais e possui em suas interfaces, importantes significados que podem contribuir para uma boa relação afetiva com o outro. O foco mais expressivo dos gestos faciais é o olhar, de acordo com Allan e Pease (2005 *cit. in* Oliveira, 2013). A forma de olhar influencia as pessoas com as quais se relaciona, e pode tanto agredi-las como acariciá-las, se um olhar é morto, pode-se aborrecer o interlocutor, se olhá-lo no rosto enquanto se fala com ele, denota segurança, se evitar seu olhar insinua dúvida e insegurança. Importante também considerar que quando se olha o outro mais para baixo, até os lábios, mostra-se que não há relação de autoridade sobre ele, pois existe uma relação de amizade (Guglielmi, 2014).

Como visto, a CNV exerce um papel de grande importância na relação interpessoal e no nível comunicacional e por sua vez provoca manifestações diversas e adversas em seus interlocutores, logo “os nossos gestos comunicam aos outros nossas intenções, sentimentos em relação à eles e influenciam e condicionam seu comportamento” (Guglielmi, 2014, p.131). Por conseguinte, o docente tem que se equipar de elementos não-verbais para não se desgastar com palavras que nem sempre são ouvidas, tais como os sorrisos ou a sua ausência, os suspiros, o tom de voz, o falar rápido ou devagar, o gritar ou o silêncio, as expressões faciais de encorajamento ou de aborrecimento (Albadejo, 2007 *cit. in* Oliveira, 2013).

Como consequência, dessa influência, o processo pedagógico tem na CNV uma forte aliada, pois na relação entre docentes e discentes, toda manifestação não-verbal deve ser compreendida como fonte de conhecimento e portanto, um caminho para a construção dos sentidos, não só dos conteúdos programáticos, mas de vida, de culturas, de identidades.

1.2.3 O elemento paraverbal

Santos (2013); Guglielmi (2014) apontam que a linguagem paraverbal está diretamente ligada à CV, expressados através do *tom* de voz, por exemplo, que revela nossas emoções, assim como nosso estado de ânimo e saúde. A autora coloca que geralmente pessoas frias possuem um tom de voz monótono, por sua vez o tom da voz pode revelar o verdadeiro conteúdo do discurso, ou seja, expressa verbalmente algo enquanto o tom revela-se outra diferente ou incorretamente. Então toda vez que se bloqueia um sentimento, ou uma emoção a voz sofre influência diretamente em seu tom.

O *volume* da voz ao se expressar também pode acarretar significações e intenções durante um discurso, ou seja elevar e baixar a voz suscitam traços da personalidade, emocionais, também há uma sincronia com o corpo, se a voz se eleva a mão eleva-se também, se baixa a mão tende a cair. Cestero (2006 *cit. in* Oliveira, 2013) diz que as *pausas* e os *silêncios* também fazem parte do modo de falar e transmitem informações importantes sobre o emissor e a própria mensagem.

Kerbrat-Orecchioni (2006) refere-se à linguagem paraverbal como um excelente indicador de estado das relações interpessoais, que se expressa através da *intensidade* e o *timbre* da voz (sussurro, característica de intimidade); a *elocução*, que se acelera em situação familiar e se retarda em situação formal, a importância das *sobreposições* de fala, o *rítmo*, em suma todas as unidades que acompanham as manifestações linguísticas e que são transmitidas pelo canal auditivo. Além dos qualificadores vocais (*riso, choro*) e os segregadores vocais (*grunhidos, interjeições*), os quais também interferem no processo comunicativo (Santos, 2013).

Guglielme (2014), demonstra-nos que interfere nas relações interpessoais, também a forma como caminhamos, ou seja o *ritimo*, e o *andamento* do caminhar, traduzem o estado de ânimo dos indivíduos, e antecipam à nossa expressão verbal, ou seja antes de falar, o seu estado de ânimo já foi informado ao interlocutor, e são considerados elementos paraverbais.

Sejam elementos verbais, não-verbais ou paraverbais, os recursos utilizados pelo professor, importa a ele reconhecer em cada um o tamanho da importância que eles têm para as relações interpessoais, principalmente em sala de aula, que é um espaço plural e complexo. Porque tais fatores fazem do trabalho docente um compromisso árduo de encontrar um ponto de equilíbrio entre eles, a fim de tornar seu trabalho e a aprendizagem dos alunos um momento mais prazeroso.

1.3. A comunicação como ferramenta de gestão

A gestão da sala de aula (GSA) é atualmente um grande desafio para os professores, porque a forma como uma turma é gerida pelo docente influencia diretamente tanto no modo como estes se relacionam como o nível de aprendizagem Vieira (2000). De modo que cabe ao professor adequar seu trabalho, ou seja, suas habilidades de comunicação a cada turma, pois cada uma possui características diversas e diferem uma da outra, com vistas a um trabalho que proporcione um bom clima afetivo, o qual determina o grau de envolvimento e interação dos docentes, e para tanto o docente deve utilizar formas de CV e CNV coerentes.

Hoje o papel do professor não se restringe a de um mero transmissor de conhecimento, o trabalho docente atualmente possui dimensões de gestão e liderança, onde tais posições exigem, principalmente competências comunicativas fundamentais ao gerenciamento de situações de aprendizagens e outras situações que podem surgir no interior da sala de aula. Amato (2011) diz que a liderança é o resultado da gestão, e se a forma como o que o coloca na posição de um líder, e não existe nenhuma outra forma de liderar que não seja pela comunicação, afirma Amato (2011).

Para gerir ou liderar uma sala de aula de forma eficaz o professor precisa exibir confiança e exercer influência sobre seus alunos, e cativá-los e para tanto deve fazer uso de um discurso coerente, bem como uma postura, tom de voz, gestos, que de forma articulada e adequada compõem ações comunicacionais assertivas (Gomes, 2010; Amato, 2011).

A gestão é uma arte, uma técnica, que parte de habilidades, e esta compõe a competência, então pode-se considerar que a liderança é uma competência construída por um conjunto de habilidade interligadas dentre as quais, saber comunicar, motivar e coordenar um trabalho coletivo (Amato, 2011).

Assim como toda profissão que envolve o trabalho com o outro, a profissão docente possui elementos importantes a serem considerados, além de outros os professores precisam disciplinar, controlar, motivar um grupo grande de alunos de uma só vez, com vistas a integrá-lo no processo de ensino e aprendizagem (Tardif & Lessard, 2014). Essas habilidades compõem o rol de competências que devem nortear a prática docente.

Mas antes de dominar a comunicação interpessoal um comunicador gestor precisa dominar a comunicação intrapessoal, ou seja precisa dialogar consigo mesmo, ter auto domínio e conhecer suas limitações, para depois saber comunicar com o outro, pois a forma como interage com o próximo resulta da comunicação interior (Cerone *cit. in* Schaun, Ferreira & Rizzo, 2008).

Sendo assim, o gestor é um comunicador nato, que têm na sua capacidade de comunicação, a excepcional habilidade de conduzir seus liderados de forma natural e consegue os convence a participar do processo interativo, no entanto essa habilidade de comunicação, que inclui as manifestações verbais e não-verbais, precisa ser estudada, desenvolvida, treinada e perfeiçoada continuamente (Amato, 2011).

A forma como o docente encaminha a ordem ou disciplina aos alunos e mesmo como lida com os conflitos existentes e conduz as relações interpessoais no interior no interior da turma, está diretamente ligada à GSA, pois segundo Vieira (2000), gestão é uma forma de comunicação, e o gestor é um negociador, mediador, de forma que cabe à ele saber negociar, ouvir, contornar situações conflitantes que podem surgir a todo instante.

Vale lembrar que o viés desse processo, é o diálogo, diante do qual Campos (2009), reforça que o professor através do diálogo na gestão da sala de aula, é que estimula e promove saberes significativos e bem elaborados. Sendo assim, se um gestor liderar de forma unilateral, ou seja, apenas mandar comunicados ou decisões, somente abrir a boca e manter seus ouvidos sempre fechados, esta não é uma liderança comunicativa, tão

pouco democrático, logo uma gestão democrática parte de uma liderança dialogada, dialógica, dialética (Amato, 2011).

Ressalta-se que todo discurso possui uma mensagem transmitida pelas palavras e outra complementar não-verbal, o tom, o ritmo, as pausas, as quais conjuntamente reforçam o fazer comunicativo na dinâmica da gestão. Ambas, diante da dinâmica das relações comunicativas, sugerem que o professor pondere na quantidade e na qualidade de suas manifestações. A forma como um professor fala a seus estudantes, revela boa parte de suas intenções com relação a eles, por conseguinte espera-se que o gestor comunicador, tenha a consciência de que precisa adaptar sua comunicação ao ambiente e à sua clientela (Amato, 2011).

De acordo com Schaun e Rizzo (*cit. in* Schaun, Ferreira & Rizzo, 2008), as qualidades de quem atua como profissional de comunicação compõe a capacidade para criar estratégias, antever e administrar situações que possam causar impactos sobre o grupo, além de saber planejar suas ações e tomar decisões. Inclusive refletir sobre a forma como irá expressar-se aos estudantes, a fim de alcança-los em sua integralidade. Com vistas a isso, Vargas (2012), aponta que para conseguir administrar tais impactos, o docente pode usar como estratégia, a autogestão, ou seja treinar a gestão das relações interpessoais e do processo de ensino e aprendizagem, procurando imaginar como os seus alunos o veem e o impacto dos seus comportamentos sobre eles. Dessa forma ao colocar-se no lugar do estudante, o professor investe na prática reflexiva, de cunho basilar para a GSA.

Davino (*cit. in* Schaun, Ferreira & Rizzo, 2008), aponta que quando se fala em educação, cidadania, negócios, tecnologias e outros tipos de ações, invoca-se a comunicação como mediação. E o mediador na sala de aula é o professor, que portanto é um gestor que se vale da competência comunicativa para articular um conjunto de práticas com vistas a uma interação efetiva. É um líder que gere o espaço de sala de aula e as interações que ali se estabelecem (Vargas, 2012).

1.4 A sala de aula: um espaço de comunicação

Libâneo (2011), já afirma que as práticas educativas supõem processos comunicativos intencionais. Sendo indiscutível a íntima relação entre ambas, esta pode refletir positiva ou negativamente na interação entre professor e aluno, até porque a sala de aula (SLA) é um espaço de identidades, onde se efetivam as relações entre professor-aluno, aluno-aluno, e aluno-professor. As novas exigências educacionais, provocam uma busca maior em entender tudo que é desenvolvido no interior da SLA, isso porque o ato de ensinar tornou-se tão complexo que exige um olhar mais cuidadoso em todas as suas dimensões.

Zabala (2010), fala que as atividades desenvolvidas em SLA são uma forma de estimular as relações de comunicações que ali se estabelecem. “O trabalho e a relação educativa que se dá em sala de aula e no convívio entre educadores e educandos traz ainda as marcas da especificidade da ação educativa” Arroyo, (2013, p.19). Desse modo supõe-se que o trabalho docente seja pautado em interações comunicativas, até porque é no ambiente de espaços coletivos que se exercita o diálogo, nesse sentido o que se estabelece, ou deveria se estabelecer, é a comunicabilidade entre os pares.

Assim,

“a sala de aula é um dos locais onde a comunicação deve imperar. Uma boa comunicação do professor com os alunos dos alunos com o professor e dos alunos entre si, reforça a motivação e promove a aprendizagem” (Estanqueiro, 2010 *cit. in* Santos, 2015, p.14).

Se a educação é um processo de construção de aprendizagens, no qual professores e alunos são protagonistas e envolvem-se mutuamente em uma rede comunicativa que se fecunda na sala de aula, não há dúvidas de que comunicar e educar andam juntos, pois seus atores, os seres humanos, estabelecem vínculo de relações ao envolverem-se nesse espaço de construção de aprendizagens.

Vale ressaltar que a comunicação nas relações humanas e conseqüentemente na sala de aula, por envolver pessoas pode seguir-se por dois viés, um manipulador, onde alguém procura conhecer para domesticar outrem num jogo de sobreposição de ideias e poderes;

outro transformador quando um ser abre espaço ao outro e permite esvaziar-se de si mesmo para aprender com ele, numa relação de interações humanas.

Esses dois caminhos colocam a comunicação em sala de aula, no que se refere à aprendizagem, diante de um dilema de escolhas, ao passo que a intenção constitui-se uma condição para sua realização, ou seja o educador deve definir o objetivo de suas atividades na SLA para que dessa forma ele possa direcionar o uso de suas habilidades comunicacionais sejam verbais e não-verbais ao alcance da aprendizagem dos alunos.

Uma vez que a educação é um ato político, a decisão do educador assumir uma posição autoritária também o é, sendo assim falar a e com os alunos democraticamente consiste em um investimento positivo que concebe o diálogo como a base da relação e formador, na medida em que o docente prazerosamente fala e ouve o educando. Ambos com direito a voz e vez, mas dentro de limites éticos para que o processo democrático não seja confundido com a banalidade de os sujeitos falarem o que bem entenderem uns aos outros (Freire, 2016).

Em contrapartida, Foucault (2016), diz que todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. Diante do qual se admite que a relação educativa, viabilizada por ações de comunicação, envolve um viés de poder, inevitável. Por outro lado, se as relações de comunicação entre professor e alunos são também inevitáveis, o vínculo interativo também é, então importa ao educador está aberto a seus alunos, respeitar suas realidades, identidades buscar compreendê-los e aprender com eles, numa cadeia de envolvimento mútuo. Logo, Habermas (2012), afirma que para que as pessoas possam saber uma da outra que elas – seus pensamentos – se colocam reciprocamente em uma tal relação, é obrigatório que se comuniquem entre si.

No entanto, a maioria dos docentes adotam em sala de aula uma postura vertical, de superioridade com relação à seus alunos, o que dificulta a comunicação entre ambos. Diante do qual Filho (2008), é categórico ao afirmar que não existe aprendizagem se o professor não tiver a consciência de que ensinar se trata de uma relação de comunicabilidade, democrática e por isso dual, onde cada envolvido é passivo de aprender com o outro. Além do mais, ninguém vive plenamente a democracia,

tampouco ajuda no crescimento do outro se a este é interdito seu direito de falar, de ter voz, de fazer o seu discurso crítico e também não se engaja na briga em defesa desse direito (Freire, 2016).

Entretanto, dialogar por si só não compreende comunicação, pois esta no contexto pedagógico parte do pressuposto de que para se alcançar um entendimento entre os sujeitos, as ações comunicativas destes devem ser recíprocas. Para tanto, a ação docente irradia-se para o campo das técnicas e habilidades peculiares para um ensinar e um aprender significativos.

Não é somente o discurso verbal que constitui o acervo de habilidades de que dispõe o professor, este por sua vez também possui as ações não-verbais, as quais são necessárias ao estabelecimento de nossas interações, até porque não existe uma sem a outra. A esse respeito Filho (2008) coloca que a fala por si só diz pouca coisa, porque percebemos as pessoas também pelo seu corpo, suas mãos, seu cruzamento das pernas, o movimento de seu rosto, enfim todos esses sinais completam nossas relações, de forma que é preciso juntá-los para compreender o outro e se fazer compreender. Logo essas ações completam-se mutuamente e ambas incorporam o fazer docente.

Tais pressupostos realçam a ideia de que a sala de aula é um lugar de interações comunicativas, as quais se constroem a partir de diferentes manifestações coletivas como as palavras, os gestos faciais, movimentos do corpo, mímicas, postura e até mesmo o silêncio dos pares quer dizer alguma coisa dentro de um contexto comunicativo.

Nessa relação interativa entre docentes e discentes na sala de aula, é importante que o docente não faça prejulgamento de seus alunos, seja por sua aparência e linguagem, ou mesmo pela família ou comunidade na qual se insere, porque em alguma medida isto compromete o nível de envolvimento, ou seja a comunicação entre os sujeitos da relação pedagógica fica condicionada ao fator “preconceito”. Se o professor entender que o aluno é um mal aluno, com certeza se limitará a pouco contato visual, físico, pouca atenção à sua fala por achar que não vai adiantar e que aquele aluno não merece nenhum tipo de investimento de sua parte.

Logo, Vieira (2000), aponta que o autoconhecimento e o conhecimento do outro, a percepção, a comunicação de expectativas e a capacidade de escuta, são fatores influenciadores desse processo. Então “a forma como percebemos a realidade dá origem a atitudes e comportamentos diferentes que tendem a influenciar todo o processo de comunicação” (Vieira, 2000, p.15). Por essa razão o professor precisa ter consciência de seu fazer comunicativo, e de que a sala de aula é também um lugar de conhecimento de si e do outro, e essa construção dar-se de maneira gradativa.

II – ABORDAGEM EMPÍRICA

A parte experimental do trabalho, resulta de um estudo de caso, tendo como participantes professores de uma escola pública de ensino médio da cidade de São Luís no Estado do Maranhão. Por conseguinte, nessa parte da pesquisa, os dados observados e coletados serão tratados de forma crítica, analítica e interpretativa, pois os mesmos são frutos da investigação de uma realidade específica.

2.1 Problemática

O papel do professor evoluiu de mero transmissor de conhecimentos para ser hoje um gestor da sala de aula, um organizador de aprendizagens, possuidor de um conjunto de competências aliadas às competências didáticas da matéria que leciona, em particular a comunicativa. Dessa forma, o professor comunicador ocupa uma posição estrategicamente central e sensível no processo de ensino e aprendizagem, na sociedade e suas dimensões de desenvolvimento e mudança social.

Outro ponto relevante vinculado ao papel do educador, é o fato de que a tecnologia da informação e da comunicação, dispõe à profissão de professor outro grande desafio, o de disputar espaço na vida dos estudantes, os quais propõem uma maior quantidade de tempo com o mundo digital em detrimento dos ensinamentos transmitidos pelos educadores no interior das escolas, o qual mostra que o discurso docente caiu em descrédito, pois o mesmo não se apresenta de forma interessante para o aluno.

“A educação do futuro deverá preocupar-se cada vez mais com aprendizagens que permitam fazer face aos problemas com os quais se defrontam na escola e na vida geral. Quem se dedica à missão de ajudar a aprender vive rodeado de questões que requerem renovação em si mesmas e nas respostas delas derivadas” (Veiga, Caldeira & Melo, 2013, p.39).

Diante deste pressuposto, entende-se que a docência, conjuntamente seus mecanismos instrumentais, em particular os comunicacionais, necessitam ser repensados. Pois a sala de está longe de ser um espaço atrativo O discurso do professor precisa ser chamativo interativo, motivador, e essa competência está diretamente ligada à competência comunicativa, pois é através da comunicação, e suas variantes verbais e não-verbais que os sujeitos expressam-se e envolvem-se em um círculo de partilha comunicativa, diante da qual se constroem significados.

Nessa direção, considerando que a comunicação em sala de aula interfere no processo de ensino e aprendizagem, emerge a preocupação sobre como esse fenômeno é concebido e tratado pelos docentes, assim essa proposta de investigação apresenta a seguinte pergunta de partida:

Será que os professores do ensino médio têm consciência da importância do uso das habilidades comunicacionais verbais e não verbais em sala de aula para tentar superar as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem?

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

Compreender se o tempo de serviço influencia a forma como os professores utilizam os mecanismos comunicacionais verbais e não-verbais em contexto de sala de aula.

2.2.2 Objetivos específicos

Com vistas a isso, serão elencados outros três objetivos específicos que reforçam a finalidade desta proposta, os quais temos:

- a) Perceber se há diferenças nas manifestações comunicacionais dos docentes tendo por base os anos de exercício dos mesmos.
- b) Compreender os aspectos comunicacionais dos professores no âmbito da gestão da sala de aula tendo em conta o tempo de serviço.
- c) Comparar a diferenciação das estratégias discursivas de professores numa escola de ensino médio tendo em conta a competência comunicativa e a formação docente

2.3 Metodologia

O presente estudo foi dividido em duas partes, sendo a primeira uma abordagem teórica e a segunda empírica, de forma que foi realizada uma revisão bibliográfica com bases em dados científicos, e paralelamente feita leituras e análises em literaturas diversas de teóricos que discorrem sobre o tema de que trata esta investigação.

O método da pesquisa é qualitativo, com análises descritivas de cunho interpretativo, apesar de conter referenciais quantitativos. Os dados numéricos foram tratados também de forma qualitativa, logo Bauer e Gaskell (2014), consideram que não há quantificação sem qualificação, de forma que os dados não falam por si só, mesmo que sejam processados com modelos estatísticos sofisticados.

De forma que perscrutou-se para esta pesquisa, dois instrumentos de recolha de dados, não para oferecer dados verossímeis, mas a escolha dessas duas técnicas, compreende um olhar atencioso para uma realidade passível de modificações e interferências, seja por parte do pesquisador, seja por parte dos interlocutores.

Uma vez que autores como Bauer e Gaskell (2014) e Minayo (2016), concordam que a combinação de métodos, como observação direta e entrevista, tornam-se necessários para se construir um conhecimento que cubra adequadamente ações empíricas.

Para tanto recorreu-se, primeiro, à observação nas salas de aula, posteriormente aplicação de entrevistas com os docentes previamente selecionados e consultados.

Ainda que haja outras técnicas para coleta de dados, a observação e a entrevista configuraram-se como as duas principais. A esse respeito Minayo (2016), afirma que enquanto a primeira é feita sobre tudo aquilo que não é dito, mas pode ser visto e captado por um observador atento e persistente, a segunda tem como matéria-prima a fala de alguns interlocutores.

Uma vez que a pesquisa de campo envolve gente e suas ações, os sujeitos/objetos de estudo passam do campo da teoria para integrantes de uma interação social, o que delinea a amplitude da pesquisa qualitativa. No caso da entrevista, Gaskell (2014) reforça, dizendo que esta pode desempenhar um papel vital na combinação com outros métodos de recolha de dados, pois a mesma pode melhorar a qualidade do delineamento de um levantamento e de sua interpretação, logo esta fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação.

Esta pesquisa propôs-se a observar e seguidamente entrevistar dois docentes que ministraram aulas em turmas de 1º ano do ensino médio pertencentes ao turno vespertino, de uma escola localizada na cidade de São Luís do Maranhão, com o intuito de analisar suas habilidades comunicacionais. De forma que o professor com 25 anos de exercício, é denominado professor A e pertence ao sexo masculino, e o professor com 9 anos de ofício denomina-se professor B e cabe ao sexo feminino. Estas denominações garantem o anonimato dos colaboradores.

Para o tratamento dos dados numéricos obtidos com a contagem das ações verbais e não-verbais, resultados da observação direta, usou-se o software Power Point para demonstração em gráficos, e posteriores análise descritiva e interpretativa. Quanto às entrevistas, primeiramente foram devidamente validadas por peritos (Anexo IX) e seguidamente realizado uma análise de conteúdo das mesmas.

No que se refere ao trato ético desta pesquisa, foi entregue aos participantes da mesma, uma Declaração de Apresentação (Anexo I) assinada pela orientadora e coordenadora deste Mestrado em Portugal, Luísa Saavedra, informando que minha presença na referida escola, é de cunho puramente científico. Desta forma esta investigação deu-se início após a autorização da Coordenadora Pedagógica da escola (Anexo II). Aos

participantes colaboradores da mesma, foi entregue um termo de livre consentimento (Anexo III).

2.4 Procedimentos de análise e interpretação

Utilizou-se duas tabelas distintas com as grelhas das ações comunicacionais, verbais e não-verbais, adaptadas do estudo de Martins, 2014 (Anexos IV e VI), para orientar a observação direta em sala de aula, e facilitar a contagem das ações praticadas por cada docente observado. A observação tem como foco as ações comunicacionais verbais e não-verbais de dois professores de ensino médio com gêneros e anos de exercício docente diferentes, a fim de compará-los e obter elementos necessários para construção do logos desta pesquisa.

Adotou-se este primeiro mecanismo de recolha de dados, para adentrar no cotidiano e na prática de cada docente para verdadeiramente fazer um exercício de campo. Posteriormente, aplicou-se as entrevistas, as quais receberam um tratamento interpretativo, partindo-se da análise de conteúdo, adaptados dos estudos de Cuadrado (2012).

A estratégia adotada para os dois momentos, foi de deixar os participantes à vontade para captar suas reais manifestações comunicacionais verbais e não-verbais, como também suas concepções acerca das mesmas.

No que se refere aos dados quantitativos, frutos das observações, foi utilizada a contagem de repetições das ações comunicacionais, em seguida esses números foram transformados em percentual e apresentados em forma de gráficos, recorrendo para o efeito ao *software* PowerPoint.

A análise de todos os dados teve uma abordagem descritiva, pois o detalhamento do resultado da observação deve ser assim tratado para oferecer uma melhor eficácia, sustentabilidade e transparências às informações e dados coletados. Para tanto, buscou-se verificar quais ações comunicacionais verbais e não-verbais são manifestadas pelos docentes, com qual frequência, em que diferem e se igualam, de que forma usam essas

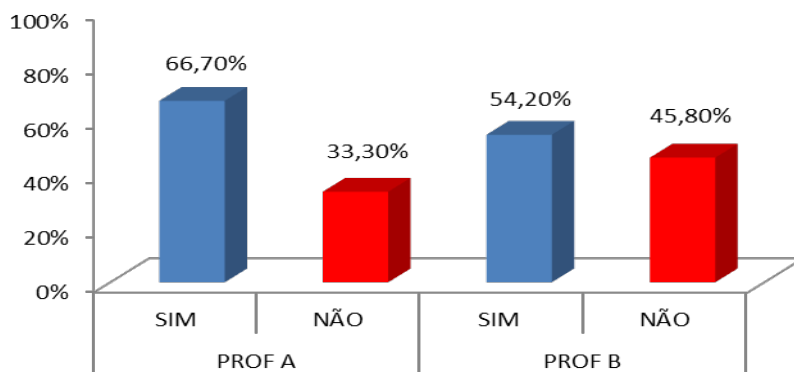
habilidades comunicacionais em sala de aula e quais as que se configuram como mais e menos assertivas.

2.5 Tratamento e análise dos dados

2.5.1 Análise das ações comunicacionais verbais dos docentes A e B

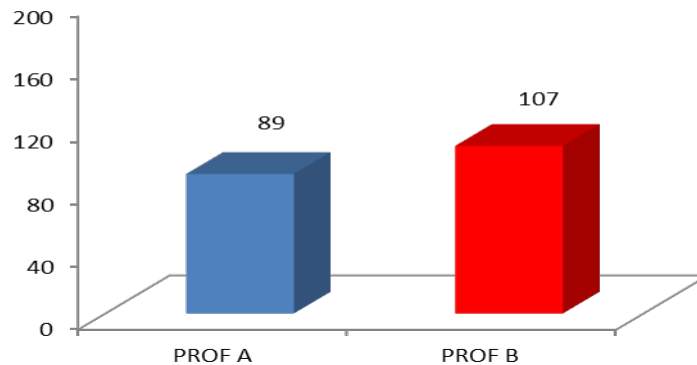
Sobre as ações comunicacionais verbais praticadas pelos professores A e B foi observado que o professor A durante a atividade em sala de aula, das 24 ações, ele manifestou 16 ações (66,70%) e não manifestou 8 (33,30%); já o professor B manifestou 13 ações (54,20%) e não realizou as outras 15 (45,80%), como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Percentual das ações comunicacionais verbais dos docentes A e B realizadas em sala de aula



No que se refere ao número total de manifestação de ações comunicacionais verbais praticadas pelos professores A e B em sala de aula, obteve-se a seguinte somatória: dentre as 16 ações realizadas pelo professor A, ele manifestou-se 89 vezes, enquanto que o professor B dentre as 13 ações realizadas, manifestou-se 107 vezes, como mostra o Gráfico 2.

Gráfico 2 - Número total das ações comunicacionais verbais manifestadas pelos professores A e B, dentre o número de ações realizadas



Nestas primeiras observações percebe-se diferenças entre as ações comunicacionais verbais praticadas pelos dois docentes. Pôde-se verificar que o professor A *pára por 2 vezes a exposição e fica em silêncio*, também o professor B o faz por 2 vezes. Ambos os docentes, *falam e gesticulam concomitantemente*, sendo que o professor A faz 16 vezes e o professor B 6 vezes. Apenas um dos docentes *fala para a turma enquanto escrevem no quadro*: o professor A, que o faz 3 vezes, e o professor B, não.

Observou-se também que os dois professores, *formulam perguntas*, sendo que o professor A formula 17 vezes, e o professor B, apenas 10. O professor A *fala sem gesticular* 2 vezes, já o professor B só 1 vez. Durante a aula, só o docente A *fez uso de gírias*, enquanto o professor B não manifestou. Durante as aulas, somente o professor A *articulou lentamente palavras e sentenças*, o mesmo o fez por 2 vezes, já o professor B, não fez. Um outro ponto comum entre os dois docentes, foi o *uso frequente de expressões fáticas*, sendo que o professor A *usou a expressão fática (né?)* 5 vezes, o professor B o fez 16 vezes. O professor A *usou a expressão fática (tá?)* 8 vezes, enquanto que o professor B, 29 vezes. O professor A *fez uso da expressão fática (certo?)* 9 vezes, o professor B, somente 6. O professor A *utilizou a expressão fática (então)* 2 vezes, já o professor B, o fez 18 vezes. O professor *usou a expressão fática (entenderam?)* 4 vezes já o professor B não usou. O professor A *elevou o tom de voz por* 13 vezes, o professor B, 11 vezes. O professor A *diminuiu o tom da voz* 2 vezes, e o

professor B 1 vez. Com os dois docentes observou-se *sobreposição de intervenções*, ocorrendo 1 vez com o professor A, e 5 vezes com o professor B.

Ocorreu *expressões/gritos explosivos* por parte apenas do professor B, que o manifestou 1 vez, o professor A nenhuma vez. No que se refere à *promoção de feedback*, ambos ainda que timidamente o promoveram, o professor A o realizou 2 vezes, enquanto o professor B só 1 vez. Ainda vale ressaltar que os dois docentes de forma comum, não realizaram as seguintes ações: *uso de vocabulário técnico, específico da disciplina; voz trêmula, insegura; palavras inaudíveis; repetição das mesmas palavras ou sentenças; articulação rápida de palavras ou sentenças; intercala à aula assuntos externos ao conteúdo ministrado, bem como pausas longas entre uma palavra e outra*, como mostram os Gráficos 3 e 4, que expõem apenas as ações comunicacionais de cada docente que foram realizadas a partir de 1 vez, por entender que as ações de número zero (0), ou seja que não foram realizadas, não representam valores expressivos tendo por base o nº dos participantes

Gráfico 3 - Número de vezes que cada ação comunicacional verbal foi praticada pelo professor A

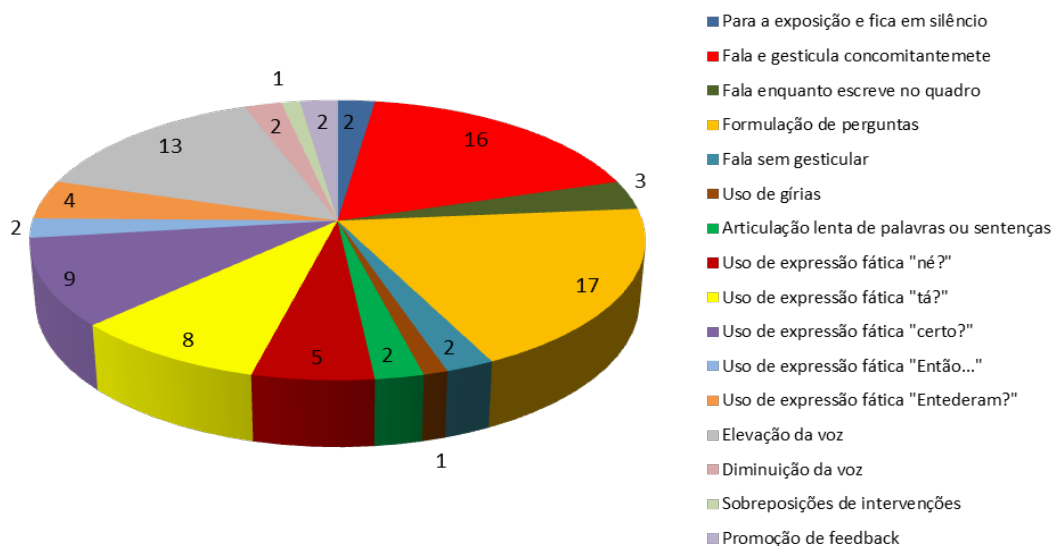
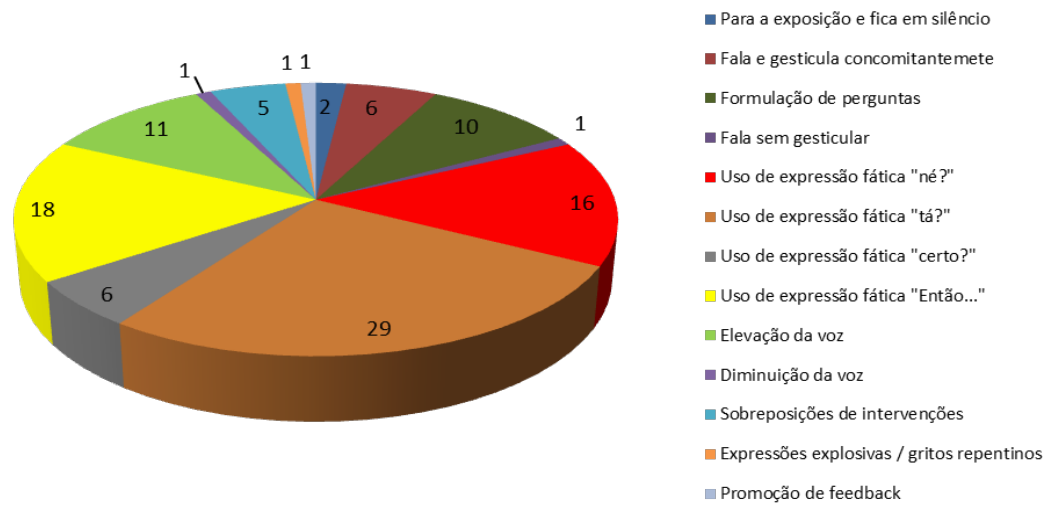


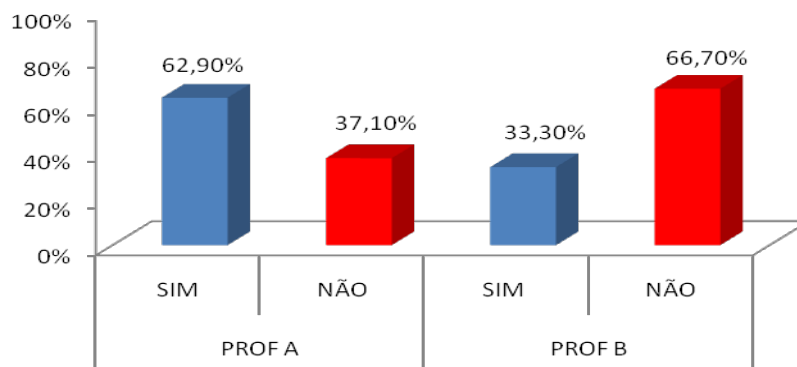
Gráfico 4 - Número de vezes que cada ação comunicacional verbal foi praticada pelo professor B



2.5.2 Análise das ações comunicacionais não-verbais dos docentes A e B

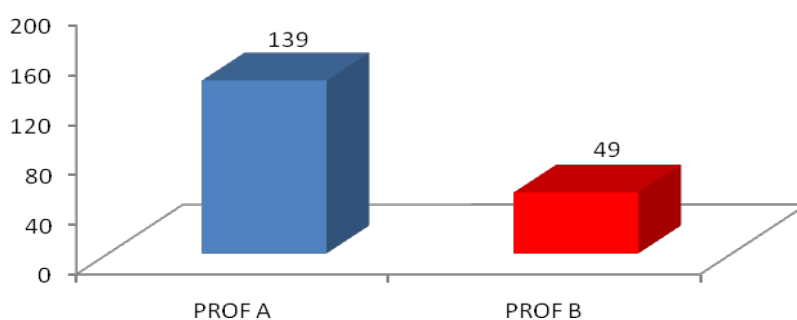
No que diz respeito às 27 ações comunicacionais não-verbais, foi observado que o professor A manifestou durante suas atividades em sala de aula, 17 (62,90%) ações e não realizou 10 (37,1%). Já o professor B, manifestou 9 (33,35) e não realizou 18 (66,7%) das ações, como mostra o Gráfico 5.

Gráfico 5 - Percentual das ações comunicacionais não-verbais dos professores A e B realizadas durante suas atividades em sala de aula



No que se refere ao número total de manifestação de ações comunicacionais não-verbais praticadas pelos professores A e B em sala de aula, obteve-se a seguinte somatória: dentre as 17 ações realizadas pelo professor A, ele manifestou-se 139 vezes, enquanto que o professor B dentre as 9 ações realizadas, manifestou-se apenas 49 vezes, como mostra o Gráfico 6.

Gráfico 6 - Número total das ações comunicacionais não-verbais manifestadas pelos professores A e B, dentre o número de ações realizadas por cada um



Desta forma nos Gráficos 7 e 8 pode-se notar que há números expressivos nas ações não-verbais praticadas pelos docentes. Vê-se, por exemplo, que o professor A *aproximou-se* 12 vezes *da carteira do aluno*, enquanto que o professor B só 3 vezes. Da mesma forma que o professor A *aproximou-se* 1 vez *do aluno e inclinou-se sobre a carteira*, e o professor B não praticou tal ação. O docente A *movimentou-se para a direita* 15 vezes e B só 5; o número de movimentos para esquerda do professor A foi 14; já o professor B apenas 5. O professor A *movimentou-se no grupo* 17 vezes e B somente 3; o professor A *tocou na cabeça do aluno* 1 vez e o professor B não o fez. Por 9 vezes o professor A *inclinou a cabeça para frente*, e o professor B 5 vezes. O docente A *levantou as mãos* 17 vezes e B 12 vezes. Houve de o professor A apenas 1 vez *bater com as mãos*, enquanto que o professor B não o fez. O professor A *cruzou o braço* 2 vezes, já o professor B nenhuma. O professor A *tocou com a mão direita na cabeça* 1 vez e B não tocou.

Já ouve, por parte do professor A 9 vezes de *olhar para os alunos indistintamente e fazer gestos faciais*, enquanto que o professor B só o fez 6 vezes. O docente A *olhou fixamente e aproximou-se dos alunos* 4 vezes e o professor B nenhuma vez, da mesma

forma o professor A *olhou fixamente para o aluno e apontou o dedo* 4 vezes, e o professor B não o fez. O docente A *levantou as sobrancelhas e olhou para os alunos* 13 vezes, já o professor B fez só 6 vezes; houve de 1 vez o professor A *franzir as sobrancelhas e olhar para os alunos*, e o professor B nenhuma.

O docente A *sorriu* 5 vezes durante a aula e o professor B não sorriu; mas ocorreu de o professor A *dá as costas* 14 vezes para a turma, enquanto que o professor B fez isso só 4 vezes.

Os docentes A e B, possuem um ponto em comum, no que tange às ações comunicacionais não-verbais, ambos não realizaram as seguintes ações: *cerrar os lábios; cruzar as mão e apoiar no queixo; colocar as mãos atrás das costas; abrir e estender os braços com as mãos abertas; acenar com a cabeça; e bater com a mão na perna; levantar o dedo indicador e apontar; encolher os ombros, como também tocar no braço do aluno.*

E para compor a amostragem com o número de vezes que cada ação comunicacional não-verbal foi realizada pelos docentes A e B, expressados nos Gráficos 7 e 8, também optou-se por aplicar nos mesmos somente as ações que tiveram manifestação a partir da quantidade 1.

Gráfico 7 - Número de vezes que cada ação comunicacional não-verbal foi realizada pelo Professor A

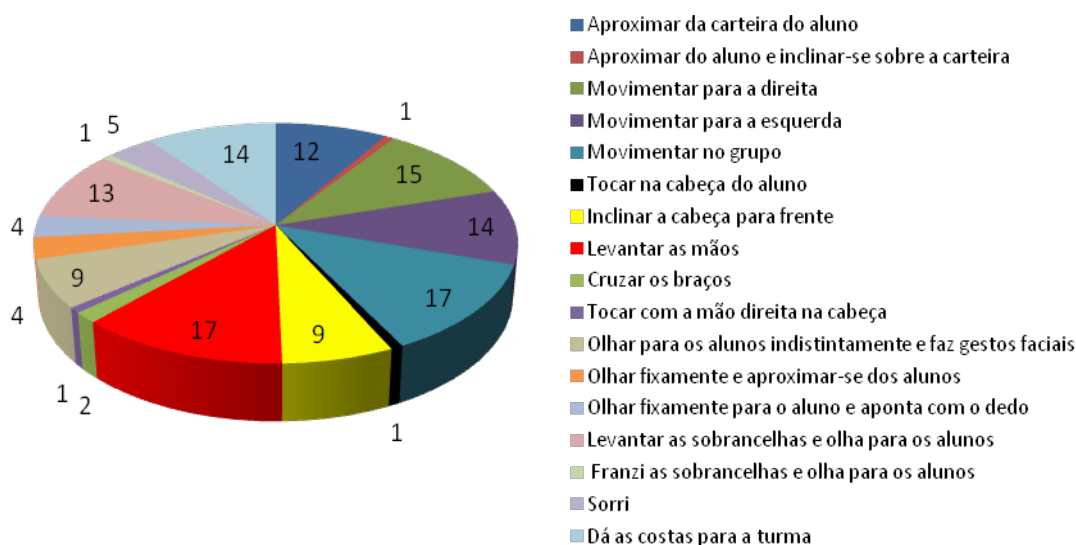
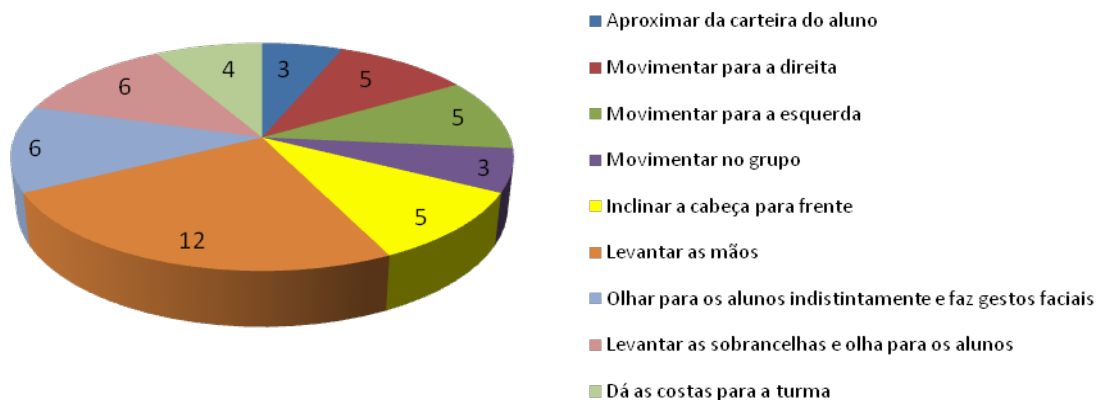


Gráfico 8 - Número de vezes que cada ação comunicacional não-verbal foi realizada pelo Professor B



2.5.3 Análise de conteúdo das entrevistas

A análise que se apresenta, compõem-se de: categorias, subcategorias e unidades de registro, colhidas e organizadas a partir das entrevistas realizadas. Os resultados obtidos serão expostos e analisados mediante algumas unidades de registro, que os referenciarão.

Desta análise, surgiram três temáticas. Para a primeira temática, levantou-se duas (2) categorias, e no que se refere à segunda e terceira temáticas ergueu-se três (3) categorias para cada uma, Para as quais foi atribuída uma letra (Quadros 2, 3 e 4). Para cada unidade de registro foi adotado um codificador (exemplo: EA) que se referem aos entrevistados A e B. A escrita F=X compreende o número de referências ao mesmo indicador pelos entrevistados, ou seja, quais fizeram referência ao indicador.

Quadro 2 – Tema 1: Concepções de comunicação em contexto escolar

Categoria A	Objetivos da comunicação em contexto escolar
Categoria B	Condicionantes da comunicação em sala de aula

Quadro 3 – Tema 2: Ações comunicacionais que conduzem ao aprendizado

Categoria A	Ações verbais
Categoria B	Ações não-verbais
Categoria C	Ações para verbais

Quadro 4 - Tema 3: Formação docente

Categoria A	Formação inicial
Categoria B	Formação continuada
Categoria C	Auto formação

Tema I: Concepções de comunicação em contexto escolar

Quadro 5 - Categoria A – Objetivos da comunicação em sala de aula

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F
A) Objetivos da comunicação em sala de aula	A1) Pensamento tradicional	A1.1) Transmissão de conteúdo	1(A)
		A1.2) Transmissão de conhecimento e mensagem	1(B)
		A1.3) Processo mecânico	2
	A2) Ideias eruditas	A2.1) Promoção de interações	2
		A2.2) Valorização do outro(aluno)	2
		A2.3) Promoção de feedback	2
		A 2.4) Instrumento de gestão	2

Relativamente ao tema 1: Concepções de comunicação em contexto escolar e analisando o quadro 5 referente à categoria sobre os objetivos da comunicação em sala

de aula, os entrevistados foram questionados, primeiramente sobre o conceito, que eles enquanto docentes, têm de comunicação, depois interrogou-se sobre qual o objetivo da comunicação em sala de aula, e também sobre a contribuição do feedback para a aprendizagem. Os resultados obtidos com a análise revelou que os entrevistados possuem concepções contrastantes sobre a comunicação em sala de aula, de forma que ergueu-se duas subcategorias, sendo a primeira expressão de pensamentos tradicionais, onde 1 entrevistado pensa na comunicação como transmissão de conteúdos, veja-se os exemplos que seguem:

- “Primeiro é repassar o conteúdo (...) as experiências, os exemplos, os conceitos e etc (...)” (EA);
- “É fazer com que o aluno entenda o todo o conteúdo que é repassado a ele” (EA);
- “Busco formas diversificadas para apresentar o assunto que estou trabalhando em sala de aula (...) os assuntos que são pedidos em nosso conteúdo programático” (EA).

O outro entrevistado, entende a comunicação em sala de aula, como transmissão de conhecimento e mensagem, como também se mostram nos exemplos:

- “Ora, primeiramente (...) transmitir o conhecimento (...) esse conhecimento ser compartilhado com toda sala” (EB);
- “Para haver uma comunicação os dois têm que entender a mensagem” (EB).

Ambos cultivam a ideia da comunicação como um processo mecânico:

- “Forma com que o emissor se faz entender pelo receptor” (EA);
- “Duas pessoas (...) entram em comunicação mental, ou seja existe uma mensagem sendo entendida pelo interlocutor (...) os dois têm que entender o mesmo código” (EB).

No entanto, na segunda subcategoria pode-se notar que os dois entrevistados manifestam ideias que contradizem as anteriores, pois cultivam ideias eruditas sobre a comunicação em contexto escolar, ou seja, emancipatórias, como é o caso de ambos pensarem na comunicação como promoção de interações:

- “É o ato em que as pessoas conseguem desenvolver seus relacionamentos” (EA);
- “Tem que demonstrar para os alunos dele que estão ali juntos” (EA);
- “Tem que ter entrosamento em sala de aula (...) ser dinâmico” (EB);

- “Essa comunicação ela é muito importante para o entrosamento do professor e alunos e entre os próprios alunos” (EB).

Além da ideia de interações, os entrevistados expressam a comunicação em sala de aula como forma de valorização do outro, ao demonstrar que se importam com seus alunos, observe os exemplos seguintes:

- “É a clareza com que o outro expressa suas ideias” (EA);
- “Se fazer entender pelo aluno” (EA);
- “Busco formas diversificadas (...) exemplos do cotidiano (...) eu trabalho (...) como uma linguagem utilizada por eles, pelos jovens, né? pelos adolescentes” (EA);
- “Ele tem que acreditar que não será reprimido” (aluno) (EA);
- “Deixar com que o aluno se expresse” (EA);
- “O professor comunicador (...) dinâmico (...) suporte para que a aula fique mais interessante para o aluno” (EB).

Esta linha de pensamento manifesta-se ainda, quando os dois entrevistados respondem que a comunicação na promoção de feedback é importante, pois objetiva o aprendizado do aluno:

- “A comunicação é importante para que tenha esse retorno...e isso a gente vai avaliar na aprendizagem do aluno” (EA);
- “Vai ter um retorno negativo, se não souber se comunicar” (EA);
- “O professor, ele tem que saber (...) o objetivo dessa mensagem para depois ele receber em troca aquilo que ele tá oferecendo para o aluno” (EB).

Não obstante, emergiu-se do discurso dos entrevistados ideias, como já mencionado, contraditórias, as quais se refletem em suas práticas e que dizem respeito à gestão da sala de aula:

- “A forma (...) de se comunicar facilita a gestão” (EA);
- “Temos diferentes tipos de alunos (...) se ele não souber contornar (...) e esse controle ajuda muito nessa gestão da sala de aula” (EA);
- “Um professor líder ele indica através de exemplos” (EA);
- “É muito bom que possa trabalhar a comunicação e suas formas de gerenciar, né?” (EA).
- “O professor ele tem que ter vários domínios dessas habilidades comunicacionais (...) ela que vão orientar (...)” (EB);

- “A gente tem que ter um jogo de cintura” (EB);
- “quando eu trabalho com projeto, eu dou sugestões” (EB);
- “A pessoa tem que saber se comunicar em todas as situações, né?” (EB).

Quadro 6 – Categoria B: Condicionantes da comunicação em sala de aula

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F
B) Condicionantes da comunicação em sala de aula	B.1) Barreiras à comunicação	B.1.1) Dificultam a comunicação em sala de aula	2
	B.2) Entradas para a comunicação	B.2.1) Favorecem a comunicação em sala de aula	2

Ainda em direção às ideias obtidas com o tema I, o quadro 6 mostra fatores, em sua maioria, diretamente ligados ao aluno que, segundo os docentes, representam condições para que a relação comunicacional se desenvolva em sala de aula. O PA aponta que o medo, a identidade social do aluno e conseqüentemente seu nível de linguagem e de conhecimento, assim como uma postura de superioridade por parte do professor, constituem barreiras à comunicação na sala de aula, já o PB diverge ao dizer que alunos mal comportados e introvertidos, é que impedem a relação comunicacional, como mostram os exemplos:

- “(...) a questão social deles, né? a linguagem social deles, a linguagem o dia-a-dia” (EA).
- “(...) e o pouco nível de conhecimento (...) a gente falar de coisas que eles não conseguem entender” (EA).
- “(...) quando o professor, se ele se coloca numa situação de super-professor, né?” (EA).
- “Na maioria das vezes o aluno, (...) depende muito da forma que ele teve essa questão do medo dele se comunicar com o professor (...) se ele vem de uma escola controladora ou autoritária, ele não vai querer falar com o professor” (EA).
- “(...) às vezes tem turmas que são difíceis de lidar, né?” (EB).
- “(...) as dificuldades muitas das vezes vem pela questão do comportamento dos alunos, né?” (EB).
- “Às vezes tem alunos que são muito introvertido, né? (...) gostam de ficar isolados, calados e tímidos e às vezes eu sinto essa dificuldade (...)” (EB).

Em contrapartida, no que se refere à subcategoria: entradas para a comunicação, PA e PB apontam fatores que recaem sobre a figura do professor. Os professores entendem que se o docente cultivar uma relação baseada na afetividade com os estudantes,

confiança, empatia, amizade, facilitam o envolvimento comunicacional entre ambos, veja os exemplos:

- “O que favorece a comunicação em sala de aula, primeiro é a confiança” (EA).
- “Primeiramente o professor ele tem que mostrar uma empatia, né? (...) o aluno (...) ele já se abre pro professor, né? (...) cria vínculo (...) se torna amigo do professor (EB)”.

Tema II: Ações comunicacionais que conduzem ao aprendizado

Quadro 7 - Categoria A: Ações verbais

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F
A) Ações verbais	A1) Bom clima afetivo	A1.1) Conquista da confiança	1(A)
		A1.2) Aproximação com o aluno	2
	A2) Chamam a atenção do aluno	A2.1) Exemplos contextualizados	2

No que se refere ao tema 2: Ações comunicacionais que conduzem ao aprendizado, o quadro 7, traz como categoria: as ações verbais. Os resultados desta análise emergem das respostas às seguintes perguntas: qual a influência da comunicação verbal e não-verbal na motivação da aprendizagem; se o mal uso das HC podem produzir reflexos negativos na formação e na aprendizagem dos alunos; de que forma as HC podem ajudar o professor a gerir a sala de aula; quais ações verbais e não-verbais eles usam diante de conflitos, e o que favorece uma boa comunicação em sala de aula, dentre outras.

O posicionamento dos entrevistados diante de tais questionamentos mostra que ambos manifestaram ações verbais positivas, no que se refere ao aprendizado dos estudantes, diante das quais ergueu-se a subcategoria: Bom clima afetivo, onde 1 entrevistado diz que expressa-se para ganhar a confiança dos alunos: - “O professor tem que ganhar a confiança dos alunos” (EA).

Por sua vez, os dois entrevistados manifestam AV que os aproximam dos alunos, como mostram os exemplos a seguir:

- “Expressar seus pensamentos e suas ideias” (EA);
- “Eu busco (...) a linguagem utilizada por eles, pelos jovens (...)” (EA);
- “Eu não vou impor as minhas ideias e dou sugestões (...)” (EB);
- “Eu faço com que possam fluir também as ideias deles” (EB).

No que se refere à subcategoria: chamam a atenção do aluno, percebeu-se que para tanto os dois entrevistados fazem uso de exemplos contextualizados, os quais se observa:

- “Eu busco formas diversificadas (...) exemplos do cotidiano” (EA);
- “Procuro (...) assistir jornais, noticiários, para poder contextualizar com o conteúdo” (EB).

Quadro 8 - Categoria B: Ações não-verbais

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F
B) Ações não-verbais	B1) Chamam a atenção do aluno	B1.1) Utilização de gestos	1(A)
	B2) Estimulam a interação	B2.1) Formação de equipes	1(B)
	B3) Demonstram autoridade	B3.1) Postura firme	2

Ainda na mesma temática, o Quadro 8, analisa a categoria: Ações não-verbais, as quais seguem uma proporção positiva, ainda que pouco frequente com relação ao aprendizado dos alunos. Por conseguinte emergiu-se a subcategoria: Chamam a atenção do aluno, e observa-se no mesmo quadro que só 1 entrevistado demonstra utilizar gestos para chamar a atenção dos seus alunos, como nos mostram os exemplos abaixo:

- “Os gestos (...) fazem com que chamem a atenção, né?” (EA);
- “Olhando para o aluno, através de seus gestos o aceite ou não daquele comportamento” (EA).

Na subcategoria: Estimulam a interação, nota-se que apenas 1 entrevistado manifesta uma ação para tal efeito, que é de formar equipes, como mostra o exemplo: - “Quando eu faço trabalhos em equipes (...) eu procuro incentivar esses alunos” (EB).

Contudo, vê-se que ambos os entrevistados se esforçaram para conduzir as suas aulas da melhor maneira possível e preservar a sua posição enquanto docente, com vistas a isso ergueu-se a subcategoria: Demonstram autoridade, onde entende-se que os 2 professores expressam que usam a postura para mostrar firmeza diante de seus alunos, e educá-los também, veja-se os exemplos que seguem:

- “Se expressar de forma firme (...) demonstrando aos seus alunos (...) qual a posição dele (professor) na sala de aula” (EA);
- “Eu tenho que impor minha autoridade” (EB);
- “E se ele quiser rebater, eu saio” (EB).

Quadro 9 - Categoria C: Ações paraverbais

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F
C) Ações para verbais	C1) Chamam a atenção do aluno	C1.1) Alteração do tom de voz	2

O Quadro 9, traz a análise da categoria: Ações paraverbais, que são intrínsecas às ações verbais e não-verbais, e auxiliam na prática em sala de aula, no que se refere à condução da aprendizagem dos estudantes, dessa forma emergiu-se a subcategoria: Chamam a atenção do aluno, e constatou-se que para tal efeito os dois entrevistados alteram seu tom de voz, veja-se os exemplos:

- “A comunicação em si, ela é importante (...) as ponderações fazem com que chamem a atenção do aluno, né? (EA);
- “Se a turma tiver muito agitada, eu falo mais alto do que eles, né?” (EB).

Tema III: Formação docente

Quadro 10 - Categoria A: Formação inicial

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F
A) Formação inicial	A1) Disciplina sobre HCVNV	A1.1) Presença de disciplina sobre HCVNV	1(A)
		A1.2) Falta de disciplina sobre HCVNV	1(B)

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F
	A2) Contribuição da formação inicial no âmbito das HCVNV	A2.1) Falha no curso	2

O tema 3: Formação docente, expõe de que forma se deu a formação acadêmica dos entrevistados, tanto no âmbito de sua formação inicial, continuada e sua autoformação. Os resultados emergiram ao serem questionados se durante sua formação acadêmica foram instruídos sobre a importância de usar as suas HCVNV em sala de aula. O exposto no quadro 10 mostra o quão insuficiente foram as contribuições, no que se refere especificamente à formação inicial dos professores em capacitá-los para desenvolver suas HCVNV em sala de aula, logo só 1 dos entrevistados relata que alguns professores da disciplina didática é que ainda dão alguma informação sobre HCVNV, como nos mostra o seguinte exemplo:

- “Alguns professores, principalmente os que são direcionados à disciplina Didática (...) nos informam, nos auxiliam no desenvolvimento dessa HCV e também NV” (EA).

Não obstante, 1 dos entrevistados admite não ter tido nenhuma disciplina em sua formação inicial que abordasse a temática das HCVNV em sala de aula:

- “Não” (EB).

Contudo, no que se refere às HCVNV os 2 entrevistados concordam que houve falha em sua formação acadêmica, e admitem que a mesma não ofereceu suporte suficientes para atuarem em sala de aula, veja-se os exemplos:

- “Mas grande maioria é a questão do conteúdo” (EA);
- “O profissional ele é formado para expor o conteúdo” (EA);
- “Difícilmente (...) o acadêmico ele é trabalhado para que se desenvolva essas habilidades de comunicação” (EA);
- “Eu não aprendi tanto assim na minha formação acadêmica, eu fui aprender mais foi...na prática mesmo de ensino, né?” (EB).

Quadro 11 - Categoria B: Formação continuada

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F
B) Formação continuada	B1) Formação continuada no âmbito das HCVNV	B1.1) Falta de formação continuada sobre HCVNV	2
	B2) Necessidade de formação continuada no âmbito das HCVNV	B2.1) Existência de necessidade	1(A)

Da mesma forma, segue-se a ausência da temática HCVNV dos professores, também nos programas de formação continuada, tal constatação observa-se na categoria: Formação continuada, analisada no quadro 11, onde ergueu-se dos entrevistados que há falta desse tipo de formação com a referida temática; essa afirmação suscitou-se após serem questionados se já participaram de alguma formação continuada sobre o valor das HC do professor, em que os 2 entrevistados expõem essa falta nos exemplos que seguem:

- “Não foi direcionado sobre habilidade de comunicação” (EA);
- “A última que eu participei foi mais sobre a questão da gente elaborar como é que a gente tem que elaborar uma prova de um aluno” (EB).

Diante da falha nos programas de formação continuada, percebe-se a necessidade que ambos os entrevistados têm da existência de curso de formação continuada que contemple as HCVNV em contexto escolar, porém quando questionados à respeito apenas 1 dos entrevistados explicitou essa necessidade, como se observa:

- “Com certeza! Tem que ter sempre essa formação, tem que haver uma continuidade” (EA).

Quadro 12 - Categoria C: Auto formação

Categorias	Subcategorias	Indicadores	F
C) Auto formação	C1) iniciativa em buscar conhecimento sobre as HCVNV	C1.1) Falta de iniciativa	2

Seguindo o viés de formação docente, suscitou-se a categoria: Autoformação exposta no Quadro 12, em que se analisa o investimento dos docentes em sua própria formação, nesse intuito questionou-se os entrevistados sobre a sua iniciativa em buscar em outras fontes, conhecimentos sobre suas habilidades comunicacionais, se leem, leram, pesquisam ou pesquisaram sobre essas habilidades, se fazem, por que o fazem e com qual frequência. Os resultados obtidos revelam a falta dessa iniciativa por parte dos 2 entrevistados, como nos mostram os exemplos:

- “Menos a questão da habilidade comunicacional, mais na questão mesmo do conteúdo da matéria” (EA);
- “Não, no momento não” (EB).

2.6 Discussão dos resultados

- Observação direta

Diante dos resultados obtidos através desta investigação, com relação à avaliação dos aspectos comunicacionais verbais e não-verbais dos professores que participaram desta pesquisa, constatou-se que “professor A” apresentou maior número de manifestações de ações verbais (66,7% vs 54,2%) e não-verbais pretendidas (62,9% vs 33,3%) em relação à “professor B”. No entanto, quando se avaliou a frequência, que é o número de repetições das ações verbais e não-verbais dentro de sala de aula, obteve-se resultados de proporções inversas, ou seja, o “professor A” apresentou uma menor frequência na manifestação das ações verbais (89 repetições vs 107 repetições) e maior frequência de ações não-verbais (139 repetições vs 49 repetições) em relação ao “professor B”.

Essa desproporcionalidade em relação à frequência das ações verbais e não-verbais realizadas pelos professores, dá-se pelo fato de que o “professor B” mesmo tendo manifestado poucas ações pretendidas, ele utilizou com maior frequência durante suas aulas as ações verbais, sendo que uma das expressões fáticas que mais usou foi o “*tá?*” (29 repetições), seguido das expressões “*então*” (18 repetições) e “*né?*” (16 repetições). Já o “professor A” utilizou todas as expressões fáticas pretendidas no estudo em suas explicações em sala de aula, porém, em menor frequência quando se compara com o “professor B”, sendo que a expressão “*certo?*” foi a mais utilizada pelo mesmo com 9 repetições.

Tendo por base os resultados obtidos também Kerbrat-Orecchioni (2006), nos sublinha que o discurso verbal é fruto de um engajamento recíproco entre os interactantes, ou seja, ambos têm que colaborar em sua produção. Além disso, o mesmo autor acrescenta que não se pode excluir dessa interação os marcadores não-verbais e paraverbais, pois os mesmos ocorrem simultaneamente durante o ato comunicativo. Das interações verbais entre professor e aluno, podem surgir diversas situações que exigem uma resposta ou posicionamento imediato e adequados, porém, o professor nem sempre é capaz de responder desta forma, o que leva o mesmo a utilizar por vezes gestos e palavras menos eficazes (Gomes, 2010).

Ainda comentando sobre a desproporcionalidade observada em nosso estudo na questão que trata da frequência das ações, pode-se dizer que mesmo ocorrendo essa discordância na utilização das expressões fáticas, os docentes realizam um grande esforço para serem compreendidos por seus alunos. No entanto, durante avaliação percebeu-se que o “professor A” consegue maior sucesso nessa compreensão, quando utiliza uma maior variedade de expressões, enquanto o “professor B” utiliza um menor número, porém, insiste em repetir com mais frequência as mesmas expressões, tornando a aula monótona.

Para um melhor entendimento dos nossos resultados, Kerbrat-Orecchioni (2006), também diz que para haver uma troca comunicativa entre os falantes, ambos precisam estar engajados e demonstrar isso um ao outro, ou seja, as expressões fáticas funcionam como sinais de validação, os quais indicam que o falante deve se dirigir a alguém e este

deve está integrado no momento comunicativo, caso contrário o ouvinte vai oferecer sinal de que não está envolvido na interação, o que vai provocar que o falante tende a aumentar a frequência dos sinais fáticos.

Outra ação verbal verificada nos nossos resultados e que contribuiu com essa desproporcionalidade na frequência foi a atitude de “*falar e gesticular concomitantemente*”, no qual o “professor A” utilizou a atitude em maior frequência (16 repetições vs 6 repetições) em relação ao “professor B”. Nesta sequência o estudo de Gugliemi (2014), salienta que a manifestação dessa atitude é considerada como um comportamento positivo, pois tanto os movimentos dos braços quanto das mãos constituem a parte mais relevante da comunicação verbal. Além disso, a mesma autora também aponta que o ato de gesticular está ligado ao nível linguístico, de forma que quando se gesticula muito, indica-se o uso de um vocabulário restrito e pobre, enquanto o ato de gesticular pouco sinaliza que o indivíduo possui um acervo vocabular rico e amplo, e por isso faz-se o uso de mais expressões verbais. A utilização dos gestos corporais servem para incorporar o discurso e expressar seus conceitos e ideias.

No andamento do discurso dos docentes do nosso estudo quanto à frequência das ações verbais, na atitude de “*formulação de perguntas*” ambos os professores a utilizaram, porém apresentou uma diferença significativa em favor do “professor A” que manifestou a mesma por 17 repetições contra 10 repetições realizadas pelo “professor B”. Essa atitude não é utilizada frequentemente pelos professores, mas são consideradas ações positivas quando manifestadas. Segundo Gordillo e Fernández (2012), esta atitude está no rol de ações verbais que conduzem ao aprendizado, porque chamam a atenção do aluno. Contudo Gomes (2010), concorda com a afirmação, mas com ressalvas ao apontar que as interrogações frequentes são importantes, quando não fechadas, pois limitam os alunos, ao contrário das abertas que estimulam tanto a reflexão como a livre expressão dos alunos e os encaminham à construção de sentidos.

Ao compararmos as variações nas vozes dos professores A e B, em relação à frequência das atitudes de “*elevação da voz*” e “*diminuição da voz*”, foi observado que ambos os professores buscaram dinamizar seus discursos, ao ponto de que os resultados obtidos foram bem semelhantes, com uma pequena diferença para o professor A. Isso se explica

porque ambos os professores tentaram chamar a atenção de alguns alunos que se encontravam dispersos em sala de aula. Tendo em conta estes resultados o estudo de Guglielmi (2014), refere também que quando uma voz é rica em ondulações, ou seja, oscila em tons altos e baixos denota que o indivíduo possui uma florescente vida interior, pois quem fala em apenas um tom indica ser possuidor de uma personalidade limitada. Corroborando com a afirmação acima Cuadrado e Fernández (2012), apontam que elevar a voz, é uma ação que chama a atenção do aluno.

Estes mesmos autores citados por Martins (2014, p.301), e tendo por base o que se referiu relatam que:

“Este recurso de prosódia, além de capturar a atenção do aluno, constitui um indicador que ajuda a identificar e diferenciar as informações relevantes do secundário e permite saber quais aspectos, conteúdos ou características que o professor concede maior importância, facilitando assim o processo de aprendizagem” (Cuadrado & Fernández, 2011, p.154).

Em contrapartida a afirmação de Behlau, Dragone e Nagano (2004), atentam para o facto de que a psicodinâmica da voz, relacionada às ondulações da voz podem constituir verdadeiras barreiras à comunicação, pois as variações da voz, falam do interlocutor tanto quanto a palavras ditas por ele.

Apesar de ter sido pouco utilizado pelos professores “A” e “B”, a atitude de “*promover o feedback*” este é considerado um instrumento muito importante para a efetivação do ensino e aprendizagem, porque o feedback é a resposta que o docente necessita saber para ter a certeza de que a informação transmitida aos alunos está sendo compreendida ou não. Também o estudo de Vieira (2000), nos diz que promover feedback faz parte de uma consciência positiva do professor sobre seu papel como comunicador em sala de aula, pois este visa a compreensão de seus alunos e a construção de conhecimentos.

Tendo ainda por base os nossos resultados salienta-se o estudo de Oliveira (2013), quando sublinha que tanto o feedback verbal como o não-verbal são elementos fundamentais em comunicação, pois reforçam a ligação entre os diferentes interlocutores. Partindo desse pressuposto, entende-se o grau de importância que as ações verbais e não-verbais possuem para o processo de ensino e aprendizagem, sendo

que em nosso estudo foi observado que o PA promoveu mais feedback em relação ao PB.

Entrando no contexto da frequência das ações não-verbais manifestadas em sala de aulas pelos professores, notou-se que o “professor A” no que diz respeito às atitudes de “*movimentar para a direita*” e “*movimentar para a esquerda*”, foi mais frequente do que professor B” (15 repetições vs 5 repetições; 14 repetições vs 4 repetições), respectivamente. Além disso, quando observou a atitude de “*movimentar no grupo*”, ficou constatado que também houve uma grande diferença na frequência em favor do “professor A” (17 repetições vs 3 repetições) em relação ao “professor B”. Estes resultados vão ao encontro dos estudos de Cuadrado e Fernández (2012), quando demonstraram em seus estudos que passear pela classe ajuda a criar um bom clima afetivo com os alunos. A alta frequência dessa manifestação demonstrada pelo “professor A”, mostra que há de sua parte um maior interesse em aproximar-se de todos os discentes, pois foi uma das ações não-verbais mais praticada por ele.

Apesar de verificar diversas diferenças durante a percepção das ações não- verbais pretendidas, notou-se uma característica em comum entre os docentes, que foi a atitude de “*levantar as mãos*”, visto que ambos os professores a manifestaram bastante, sendo que o “professor A” teve uma pequena diferença (17 repetições vs 12 repetições) em relação ao “professor B”. Para buscar uma explicação a esta informação, temos os estudos de Cuadrado e Fernández (2012), que referem que ao movimento de elevar os braços e conseqüentemente as mãos como uma ação não-verbal assertiva a mesma conduz ao aprendizado. Já Guglielmi (2014), diz que movimentar frequentemente as mãos é sinal de que o sujeito possui uma grande capacidade de se adaptar às condições físicas e mental do ambiente.

No tocante à atitude de “*levantar as sobrancelhas*”, foi observado que o “professor A” o fez em maior frequência (13 repetições vs 6 repetições) em relação ao “professor B”. Tendo em conta esta atitude também Vieira (2000), diz que estarem-se atentos às expressões faciais, os gestos, o olhar, do interlocutor, é uma forma de enriquecer a comunicação interpessoal. Então, partindo das manifestações dessa expressão facial manifestada pelo “professor A”, entende-se que este possui uma interação mais rica

com seus alunos em relação ao “professor B”, pois explora expressões carregadas de emoção.

Ainda falando sobre as ANV, foi verificado que ambos os professores manifestaram a atitude de “*dá as costas para a turma*”, sendo que o PA o praticou com mais frequência (14 repetições vs 4 repetições) em relação ao PB. A manifestação dessa atitude em plena sala de aula por parte de um professor demonstra que as práticas educacionais estão sendo ineficazes no processo de ensino e aprendizagem, pois os movimentos corporais devem ser sempre acompanhados de ações verbais, mantendo uma sintonia, caso contrário elas comprometem a comunicação entre os sujeitos, conseqüentemente a compreensão dos estudantes.

Dando continuidade às observações das ações não-verbais, presenciou-se no estudo que a atitude de se “*aproximar da carteira do aluno*” foi manifestada de maneira semelhante entre os professores”. De acordo com estes resultados Vieira (2000), em seu estudo, diz que o sucesso educativo está relacionado com o ambiente afetivo que se estabelece na sala de aula, por meio de um esforço significativo por parte do professor em desenvolver uma melhor interação com os estudantes.

Ainda durante a observação em sala de aula, percebeu-se que o “professor A” buscou estreitar os laços afetivos com os alunos, através da utilização de ações não-verbais de “*tocar na cabeça do aluno*”, “*sorrir*”, “*olhar fixamente*” e “*aproxima-se do aluno*”, sendo que nenhuma destas foi manifestadas pelo “professor B”. De acordo com Cuadrado e Fernández (2012), as manifestações dessas ações por parte do “professor A” se caracterizam como uma forma de manter uma proximidade física com o aluno, os quais propiciam a criar um clima afetivo favorável em sala de aula, além de ser uma ferramenta importante para o aprendizado.

Outra ação não-verbal percebida e que é considerada como uma atitude positiva demonstrada em sala de aula é a de “*olhar para os alunos indistintamente*”, sendo que ambos os professores manifestaram a mesma forma semelhante, tais resultados remetem-nos para Cuadrado e Fernández (2012) e Vieira (2000), quando relatam que o contato visual com o interlocutor de forma natural é uma atividade assertiva e facilitam o aprendizado. Tais ideias encontram-se também em concordância com o estudo de

Amato (2011), o qual afirma que não se deve fixar o olhar nas mesmas pessoas enquanto se fala, pois tal ação não cria empatia com o grupo, e aponta que girar o olhar por toda sala é uma forma de criá-la.

Em relação às outras ações não-verbais pretendidas no estudo, como a de *“olhar fixamente e aproximar-se do aluno”* e *“olhar fixamente para o aluno e apontar o dedo”*, somente foram manifestadas pelo “professor A”. Estas práticas no ponto de vista pedagógico podem divergir entre si por serem consideradas positivas e/ou negativas. Para fazer referencia a forma positiva dessa prática, Perrenoud (2000), coloca que a maior parte dos alunos tem necessidade de ser reconhecida e valorizada como pessoa única. No entanto Tardif (2014), fala que apontar com o dedo com um olhar ameaçador constituem-se ações punitivas que ele chama de coerção simbólica. Então permitir que a relação professor-aluno encaminhe-se para um viés de verticalidade, ou autoritarismo e agressividade depende da forma como os interactantes conduzem a interação (Kerbrat-Orecchion, 2006).

Ao final das discussões e desdobramentos das ações verbais e não-verbais na prática discursiva dos professores deste estudo, notou-se que o perfil do “professor A” em relação ao “professor B”, se mostrou mais interativo, pelo facto de praticar um maior número de ações, tanto verbais como não-verbais e ter tido uma menor frequência somente na ações verbais. Isso pode ser explicado devido o professor ter mais tempo de serviço em relação ao “professor B”, no qual já acumulou experiência necessária na lida diária em sala de aula, além de saber utilizar de várias formas os mecanismos verbais e não-verbais.

Concomitante a esta afirmação, quando analisamos o perfil do “professor B”, percebe-se o uso limitado e pequeno de mecanismos verbais e não-verbais, mostrando ser pouco dinâmico em relação ao “professor A”. Além disso, quando ele consegue manifestar as ações verbais, o mesmo as repete em maior frequência, enquanto nas ações não-verbais a sua frequência é bem menor comparativamente com o do “professor A”. Esse perfil demonstrado pode ser justificado por o professor apresentar características que denotam menos conhecimento da importância do uso de tais competências, fazendo com que suas atitudes se tornem menos expressivas em sala de aula.

No entanto, Silva e Lopes (2010), relatam como resultado de suas pesquisas que o número de anos de prática pode indicar qualidade profissional, mas não determina uma prática ou docente eficazes. Convém ressaltar, que ainda que tenha havido diferenças entre os professores, percebeu-se limitações por parte de ambos, no que se refere a utilização de recursos comunicacionais, sejam verbais e não-verbais. Com vista a isso, Sousa et. al. (2010 *cit. in* Santos, 2015), diz que alguns professores não tem consciência da importância da sua comunicação não-verbal, o que compromete seu desempenho na sala de aula, mas também o sucesso dos alunos.

Com base nos resultados obtidos, é possível ter uma percepção de que os professores não possuem consciência da importância da sua comunicação verbal e não-verbal, sendo que as suas atitudes comunicacionais demonstradas no estudo foram bem contraditórias.

- Entrevista

Dando continuidade ao estudo, foi realizada uma entrevista com os dois professores em questão na busca por compreender se o tempo de serviço influencia a forma como os professores utilizam os mecanismos comunicacionais em sala de aula. O pesquisador fez um grande esforço para extrair indicadores de ambos os docentes, pois nos seus discursos revelaram poucas manifestações pretendidas pelas categorias e subcategorias, de forma que se procurou abordar nas entrevistas a temática: *concepções sobre comunicação em contexto escolar*, no qual se pode notar que ambos os docentes expressaram pensamentos contraditórios a respeito dos objetivos da comunicação na sala de aula, ora são tradicionais, ora eruditos.

Sobre o exposto os estudos de Albuquerque (2010), mostraram como resultado que para os professores do ensino médio a comunicação e linguagem ocupam um papel em segundo plano, no que se refere à aprendizagem dos alunos, e em primeiro lugar eles apontam que o conhecimento específico na matéria que leciona, é o que encaminha melhor ao aprendizado dos estudantes. Contrário a esse resultado, Goodwin (2010 *cit. in* Silva & Lopes, 2010), sugere que um professor eficaz é aquele que possui competência verbal e cognitiva e explica que suas atitudes é que determinam sua qualidade profissional, não o seu grau de conhecimento.

Com relação à percepção das ações relativas aos anos de serviço dos professores, notou-se durante a análise de conteúdos que o “professor A” apresentou mais elementos indicadores na maioria das categorias e subcategorias com relação ao “professor B”. Essa diferenciação, ou seja uma maior expressividade, incide sobre a figura do professor mais experiente, o que caracteriza o seu discurso.

Com base na análise sobre o que pensam os docentes acerca dos objetivos da comunicação em sala de aula, ambos os professores entrevistados mostraram uma visão restrita e equivocada em relação aos objetivos da comunicação em sala de aula, os quais a entenderam por meio dos indicadores de transmissão de conteúdos, transmissão de conhecimento e mensagem e processo mecânico.

Diante destas concepções e segundo Paro (2014), o professor tem a pretensão de repassar apenas conhecimento em sala de aula, dando ênfase aos restritos limites da comunicação verbalista, este deixa de lado os componentes culturais, que articulados com o conhecimento, dariam razão de ser a este e tornariam mais efetiva a sua apreensão aos estudantes.

Também no estudo de Santos (2013), ele aponta para o facto de que essa definição de comunicação disseminada, embora seja uma apreensão correta, peca pela superficialidade, uma vez que não esgota a potencialidade dos atos comunicativos. Assim, comunicar é mais do que transmissão de informações, conteúdos, conhecimentos, mas parte de um envolvimento profundo entre os sujeitos.

Por outro lado, a entrevista conseguiu extrair dos professores ideias interacionistas, quando estes, ainda que timidamente, entendem a comunicação como promoção de interações, valorização do outro, promoção de feedback e instrumento de gestão.

No que se refere aos condicionantes em sala de aula, em relação as *barreiras à comunicação*, ambos os professores colocam que as dificuldades estão diretamente ligadas aos alunos. Dessa forma, observou-se uma concepção não assertiva por parte dos entrevistados, por expressarem que na maioria dos indicadores as dificuldades da comunicação em sala de aula partem de falhas dos alunos. Esse pensamento mostra que

o professor culpa os alunos e exime-se de qualquer responsabilidade pelo fracasso da relação comunicativa.

Estes resultados coincidem com Tardif e Lessard (2014), quando falam que nem sempre o professor diz as coisas clara e explicitamente, suas intenções nem sempre são bem formuladas e os alunos muitas vezes precisam decifrar o que o professor quer dizer. Tal pressuposto mostra que as dificuldades podem partir do próprio professor, facto ignorado pelos mesmos.

Já quando se fala das *entradas para a comunicação* ambos os professores entendem que a comunicação é favorecida quando os mesmos manifestam atitudes assertivas.

No que diz respeito às ações verbais que conduzem ao bom clima afetivo, notou-se que ambos os professores manifestaram as ações de “*aproximação com o aluno*” ainda que com pouca expressividade, para um viés da afetividade de forma a alcançar o aprendizado dos estudantes. No entanto, ao analisar a ação verbal de “conquista da confiança” observou-se que somente o “professor A” se manifestou verbalmente com o cuidado de alcançar de atingir o indicador com seus alunos.

Tendo por base tais factos considera-se o estudo de Tardif (2014), quando afirma que parte do trabalho docente é de cunho afetivo emocional, ou seja, baseia-se na capacidade não só de pensar nos alunos, mas de colocar-se no lugar deles e sentir, perceber suas emoções, alegrias, etc. Nesta sequência considera-se também o estudo de Belo (2005), que nos demonstra que a promoção da aprendizagem é um fenómeno sociocomunicativamente determinado, e que a mesma não é um simples fluxo de informações em que as palavras do professor são captadas pelos alunos, pois é um processo interativo, o qual depende da capacidade dos professores e dos alunos para criarem envolvimento conversacional. Ainda nesta análise temos, Viera (2000), que relata que para se criar um clima favorável à aprendizagem, é necessário que os alunos confiem no professor, não só em termos do conhecimento, mas também ao nível do relacionamento interpessoal.

Outro resultado obtido durante a entrevista foi que os dois professores expressaram que sempre buscam uma “*aproximação com seus alunos*”. Nesse caso observou-se que

ambos os professores buscam estabelecer uma relação de horizontalidade com seus alunos. Estes resultados confirmam o que nos refere Filho (2008), quando fala que a comunicação só se efetiva a partir do momento em que os envolvidos na situação comunicativa abrem-se um ao outro, ou seja, um precisa esvaziar-se de si para acolher o outro, numa relação aberta.

Concomitantemente a afirmação acima, Kerbrat-Orecchioni (2006), também coloca que quando a relação é horizontal, firma-se entre os pares um envolvimento de familiaridade e intimidade a que Viera (2000), também sublinha quando refere que se trata de marcadores verbais, um discurso agressivo em que um monopoliza o discurso, é impossível estabelecer um diálogo.

Em relação à prática das ações verbais, foi extraído como respostas que ambos os professores utilizam atitudes para *chamar a atenção dos alunos*, como dar exemplos contextualizados. Já nas ações não-verbais, verificou-se que somente o “professor A” utiliza gestos para alcançar tal efeito. Quanto à questão de estimular a interação dos alunos, somente o “professor B” expressou que o faz por meio de formação de equipes.

De acordo com estes resultados temos os estudos de Santos e Mortimer (2005), que indicam que como os espaços escolares são delimitados, é importante para as interações que o professor mexa nessa característica espacial, pois organizar o espaço físico de maneira diferente revelam as aberturas dos trabalhos realizados em sala de aula. Já Zabala (2011), aponta que promover atividades em equipes favorece as interações e configura-se como tentativa de atender as diferentes necessidades de aprendizagens a partir da diversidade dos alunos.

Ainda durante a entrevista, percebeu-se que ambos os professores possuem a consciência de que para se alcançar a aprendizagem dos alunos, não se pode deixá-los à vontade, ou seja, o ensino não pode dar-se de forma solta e espontaneista. Por isso, ambos os professores utilizaram uma postura firme para demonstrar autoridade perante os alunos em sala de aula. Vale ressaltar que um discurso e uma prática benevolente, ou seja, um professor só paciente na classe, sugere aos educandos que tudo ou quase tudo é possível (Freire, 2016).

No que se refere à utilização de elementos paraverbais, ambos os professores usaram a atitude de alterar o tom de voz, para chamar a atenção do aluno. Perante as ideias supracitadas, reforçam as qualidades que um gestor de sala de aula deve possuir, pois gerir não é somente administrar e controlar, mas parte de uma intenção que tem como referência basilar as ações verbais e não-verbais. Também segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), todos esses dados verbais e não-verbais são geridos na interação, consciente ou inconscientemente, como infinitas. Ao passo que, se o professor adotar um estilo de liderança autoritário, demasiado diretivo, em que o diálogo não é possível, conduzirá os alunos a comportamentos agressivos ou pelo contrário, à apatia e ao desinteresse (Vieira, 2000).

No tocante à compreensão dos aspectos comunicacionais dos professores no âmbito da *gestão da sala de aula* (GSA), emergiu-se dos entrevistados um entendimento limitado e contraditório acerca da temática referenciada, pois relacionam gestão ao controle e administração. No entanto, algumas de suas expressões mostram que a comunicação integra a gestão e por isso é importante, ao passo que se analisou que os entrevistados pouco exploram suas habilidades comunicacionais, principalmente as não-verbais na GSA. Ressalta-se que o “professor A” ainda dá sinal de que utiliza as ações não-verbais para gerir a aprendizagem.

Especula-se essa ideia por meio de dois viés, que podem estar relacionadas ou não por sua inconsciência, ou por julgá-las de pouca relevância. Alcure, Ferraz e Carneiro (2005), a este respeito dizem que a comunicação não-verbal é tão plena que às vezes se expressa inconsciente.

Nesta sequência Tardif (2014, p.213) diz:

“A consciência do professor é necessariamente limitada e seu conhecimento discursivo da ação, parcial. Agir nunca é agir perfeitamente e em plena consciência, como uma consciência clara dos objetivos e consequências da ação, das motivações afetivas subjacentes”.

Também Zabala (2010), fala que as relações comunicacionais serão positivas e estimularão a aprendizagem se estas não se limitarem ao nível de meras exposições de professor para aluno. Quando se trata de questões de comunicabilidade, ações assertivas

dizem respeito a adequar-se a cada situação, e quando se trata das situações de conflitos, as estratégias assertivas referem-se à negociação cuja estratégia é ganhar ambos os lados (Gomes, 2010).

Ainda nesta linha de interpretação salientam-se Mortimer e Scott (2002), quando apontam que as ações comunicativas dos docentes para produzirem significados dentro da sala de aula, precisam partir de uma intenção, ou seja definir a abordagem e as intervenções do professor. Com vistas a isso, considera-se que a pouca exploração das ACV e das ACNV pelos entrevistados tem origem nas falhas da política de formação desses docentes, seja inicial ou continuada. Logo, “a formação passa pelo conjunto do currículo e por uma prática-reflexiva dos valores a inculcar” (Perrenoud, 2000, p.147).

Nesta perspectiva, extraiu-se de ambos os entrevistados que houve falhas em seus cursos de *formação inicial*, sendo que somente o “professor A” menciona a presença limitada de um disciplina sobre habilidades comunicacionais verbais e não-verbais (HCVNV) enquanto que o “professor B” afirma que não houve nenhuma disciplina que abordasse a referida temática.

Não obstante, os docentes expressaram a falta de *formação continuada* sobre HCVNV, logo as instituições de ensino também não oferecem suporte aos professores acerca dessa temática para a prática de sala de aula. Em concordância, Libâneo (2000), relata que não existem programas de formação continuada em serviço, e quando existem são inadequados, não se traduzem em mudanças na sala de aula. Nessa lógica, somente o “professor A”, que lidera com mais indicadores, expressa que admite que há necessidade de cursos de formação continuada que contemplem a CVNV em sala de aula, para que melhore sua prática.

Contudo, não há iniciativa por parte de ambos os entrevistados em buscarem aprimoramento sobre a CV e CNV em sala de aula, ou seja não investem em sua *auto-formação*, facto que reforça a falta de consciência no que diz respeito à importância dessa temática para o aprendizado dos estudantes. Diante do qual, Perrenoud (2000), aponta que investir em sua própria formação integra o rol de competências de que um docente precisa ter para atender às demandas da educação vigente. Corrobora com essa concepção, Tardif (2014), ao indicar que como os conhecimentos profissionais evoluem

e são reversíveis, criticáveis e passíveis de aperfeiçoamento, os profissionais devem autoformar-se e reciclarem-se por diferentes meios não se limitando aos seus estudos iniciais.

Em suma, mediante às entrevistas realizadas pôde-se extrair que, apesar dos esforços por parte dos entrevistados em mostrar suas habilidades de comunicação verbal e não-verbal, as suas poucas expressões mostram a pouca importância que os docentes atribuem às mesmas, seja inconsciente ou não.

III – PROJETO/PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

No intuito de oferecer um contributo para melhorias da prática docente, apresenta-se uma proposta de intervenção, que se originou de reflexões processadas durante e após este estudo. De forma que esta proposta, configura-se como uma sugestão que tem no oferecimento de uma formação continuada e o aperfeiçoamento das habilidades comunicacionais dos professores em sala de aula, seu propósito maior.

Público alvo	Estratégias	Objetivos	Proposta de ação	Avaliação
-Docentes em geral, principalmente os de língua portuguesa, bem como a equipe gestora: gestor geral, vice, coordenador pedagógico, etc.	-Reconhecer as habilidades comunicacionais, verbais e não-verbais como mediadoras da aprendizagem; -Estimular o uso das ações verbais e não-verbais de forma mais consciente; -Valorizar a competência comunicativa docente como ferramenta de gestão.	-Envolver, além dos professores de língua portuguesa, os professores das demais áreas de conhecimento e toda equipe gestora, em uma formação sobre a comunicação no contexto escolar; -Adequar as habilidades comunicativas docentes às capacidades e ao	-Apresentação da proposta à equipe gestora da escola e à Secretaria de educação; -Promoção de uma formação, que se realizará em três etapas: início, meio e final do ano letivo, abordando a Temática: <u>A comunicação verbal e não-verbal em contexto escolar.</u> -A Secretaria de educação disporá o(s)	-Número de frequência; -Grau de envolvimento; -Questionário de satisfação.

Público alvo	Estratégias	Objetivos	Proposta de ação	Avaliação
		ritmo de aprendizagem dos discentes.	formadores, os quais definirão os subtemas e a forma de abordá-los; -A escola disponibilizará um espaço onde ocorrerão as formações.	

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto de investigação tratou de analisar a realidade de sala de aula, sobre a qual recai a figura do professor e seus mecanismos comunicacionais verbais e não-verbais. Para tanto, este projeto buscou diversas fontes bibliográficas para referenciar as ideias aqui expostas. No tocante à parte empírica, adotou-se como metodologia a observação direta e a aplicação de entrevistas, das quais originou-se os resultados desta pesquisa.

Dessa forma, tendo por base as atitudes e as expressões que emergiram dos participantes deste projeto, compreendeu-se que os docentes não possuem consciência de suas habilidades comunicacionais, sejam verbais e não-verbais, de forma que não as praticam com muita frequência, como mostrados nas análises e discursão dos resultados. Ressalta-se que essas limitações, segundo os docentes se deve à falhas em sua formação inicial, continuada. Pelo qual se apresenta como proposta de intervenção ao final desta pesquisa: um curso de formação continuada abordando a temática da comunicação verbal e não-verbal em contexto escolar.

Em consonância a esse pressuposto, no qual o ensino-aprendizagem configura-se como um processo dinâmico e complexo, aceita-se como parte das limitações deste projeto, seu aspecto metodológico, cuja aplicação abriu mão do recurso videográfico, o qual daria um olhar preciso, tanto às ações comunicacionais dos docentes, como dos discentes concomitante, pois com esse recurso as manifestações dos docentes e seus

alunos podem ser apreciados pelo pesquisador diversas vezes, inclusive em câmera lenta, o que facilita a percepção dos aspectos discursivos e todos seus nuances com maior distinção. Com vistas a isso, considera-se resultados diferenciados.

Contudo, concebe-se que a construção deste trabalho contribuiu para ampliar a concepção de que a prática docente possui uma função comunicadora. Pois, no momento em que professor e aluno encontram um ponto de equilíbrio dentro do espaço da sala de aula, onde o conhecimento sistemático pode adquirir uma dimensão maior, a aprendizagem pode acontecer de forma consistente e significativa. Por isso, deve levar em consideração diversos aspectos das relações entre ambos, entre eles a comunicacional, que por sua vez é intrínseco à ação de educar, e envolver saberes, sentimentos, anseios e emoções.

Pode-se assim considerar que as relações comunicativas entre professores e alunos constituem-se como um fator essencial no desenvolvimento cognitivo dos estudantes, uma vez que consistem na aquisição da aprendizagem através da troca, do envolvimento e do respeito mútuo de forma que se considera que fica condicionada às habilidades comunicativas dos docentes a aprendizagem dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albuquerque, C. (2010). Processo ensino-aprendizagem: *características do professor eficaz*. *Revista Millenium*, 39. Pp.55-71.

Alcure, L., Ferraz, M. N. S. & Carneiro, R. (2005). *Comunicação verbal e não-verbal*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional (Série comunicação e Artes). 72.p.

Antunes, C. (2013). *Professores e Professauros*. 7ª ed. Editora Vozes Limitada.

Amato, R. F. (2011). *A voz do líder: Arte e Comunicação nos palcos da gestão*. Rio de Janeiro: Editora Elsevier.

Arroyo, G. M. (2013). *Ofício de Mestre: imagens e autoimagens* (15a ed). Petrópoles, RJ: Editora Vozes.

Bandeira, Y. M. & de Souza, P. C. Z. (2014). Mobilização de competência na profissão docente: contribuições do modelo da competência. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, 18(2), pp.273-281.

Bauer, W. & Gaskell, G. (2014). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático* (12a ed). Petrópoles, RJ: Editora Vozes.

Behlau, M. & Dragone, M. L. S. (2004). *A voz que ensina: o professor e a comunicação oral em sala de aula*. Rio de Janeiro: Editora Revinter.

Belo, J. M. C. (2005). Comunicação didática e competência de comunicação: a necessidade de emergência de novos modelos. *Em Actas do congresso da Associação Portuguesa de ciências da comunicação, 4º SOPCOM*, pp. 305-316). Aveiro: Universidade de Aveiro. Em: <http://www.sopcom.pt/actas/belo-jose-comunicacao-didatica-competencia>.

Campos, C. M. (2009). *Saberes docentes e autonomia dos professores* (2ª ed). Petrópoles, RJ: Editora Vozes.

Campos, C. M. (2010). *Gestão Escolar e Inovação: Reflexões sobre a Avaliação, o Currículo e a Docência* (pp.71-84). Editora Melo.

Charaudeau, P. (2016). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Editora Contexto.

Da Silva, O. G., & Navarro, E. C. (2012). *A Relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem*. Revista Eletrônica Interdisciplinar, 2(8).

Filho, C. M. (2008). *Para entender a comunicação, contatos antecipados com a Nova Teoria* (pp.11-56). São Paulo: Paulus (Coleção temas da comunicação).

Focaut, M. (2016). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.

Freire, P. (2011). *Extensão ou comunicação?* Editora Paz e Terra.

Freire, P. (2016). *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. (26a ed., pp.83-148), São Paulo, Paz e Terra.

Gomes, S. J. M. (2010). *Análise das Interações verbais na sala de aula de História e Geografia*. Dissertação de Mestrado em Ensino de História e Geografia do 3º Ciclo do Ensino.

Gordillo, I.C. & Fernández, M. (2012). *Metaconição do discurso didático: um estudo de caso*. Editorial Académica española.

Guglielmi, A. (2014). *A linguagem secreta do corpo: a comunicação não-verbal* (5a ed.). Rio de Janeiro: Vozes .

Habermas, J. (2012). *Agir comunicativo e razão destranscendentalizada*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Imbernón, F. (2011). *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza* (Vol. 14, 9a ed.). São Paulo: Cortez (Coleção questões de nossa época).

Kerbrat-Orecchioni, C. (2006). *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial.

Kleiman, A. B. (2002). *Oralidade letrada e competência comunicativa: implicações para a construção da escrita em sala de aula*. Revista SCRIPTA, Belo Horizonte, 6 (11), pp,23-38, 2º semestre.

Libâneo, J. C. (2011). *Adeus professor, adeus professora?*. Cortez Editora.

Martins, M. L. B. S. (2014). *Produção oral narrativa e compreensão a partir de uma perspectiva de desenvolvimento comunicativo*. Tese de Doutorado.

Matencio, M. L. M. (2008). Gêneros do discurso e apropriação de saberes (Re)conhecer as práticas languageiras em sala de aula. *Revista: Linguagem em (Dis)curso-LemD*, 8(3), pp.541, set./dez.

Monteriro, M. A. A., Santos, D. A. & Teixeira, O. P. B. (2007) *Carcterizando a autoria no discurso em sala de aula*. Reista Investigações em Ensino de ciências, 12(2), pp.205-225.

Morales, P., & Vallejo, P. M. (2001). *Relação professor-aluno*. Edições Loyola.

Mortimer, E. F. & Scott, P. (2002). Atividades discursivas nas sla de aula de ciências: Uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino. *Revista: Investigações em Ensino de ciências*, 7 (3), pp.283-306.

Minayo, M., Deslandes, S. & Gomes, R. (2016). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Miziara, F. M., Bitencourt, M. D. P. & Abreu, M. S. D. (2015). *Gestão da sala de aula: a autoridade do professor e o fazer pedagógico frente às novas demandas sociais*.

Oliveira, S. M. R. (2013). *A comunicação não-verbal – Estratégia de ensino da Língua Estrangeira – Espanhol*. Dissertação/relatório/Projeto/ IPP.

Olival, M. R. F. (2017). *A motivação na promoção do sucesso educativo em escolas de 1º Ciclo no concelho de Machico*. Tese de Mestrado em Docência e Gestão da Educação, Porto.

Paro, Vitor Henrique. (2014). *Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação* (Vol. 4, 3aed.). São Paulo: Cortez, (Coleção questões de nossa época).

Penteado, H. D. & Garrido. E. (Orgs.) (2010). *Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor* (pp.21-104). São Paulo: Paulinas (Coleção educação em foco).

Peixoto, J. A. et al. (2009) *Formação profissional e prática docente*. Campinas, SP: Editora alínea.

Perrenoud, P. (2000). *10 novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Santos, A. R. M. (2015). *Agora é hora de comunicar*. Dissertação de Mestrado em Ensino de 1º e 2º ciclo de Ensino Básico.

Santos, F. M. T., & Mortimer, F. (2001). Comunicação não-verbal em sala de aula. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 1 (1), pp.18-30.

Santos, R. E. (2013). *As teorias da comunicação: da fala à internet* (4a ed., pp.11-36). São Paulo: Paulinas.

Schaun, A., Ferreira, D. M. M. & Rizzo, E. (Orgs.). (2008). *Estratégias: Comunicação e gestão* (1a ed., pp.15-96). São Paulo: Expressão e Arte editora.

Severino, F. E. S. *et al.* (2011). *Ética e formação de professores: política, responsabilidade e autoridade em questão*. Cortez Editora.

Silva, e A. C. T. & Mortimer, E. F. (2005). Aspectos teórico-metodológicos da análise das dinâmicas discursivas das salas de aula de ciências. Associação brasileira de pesquisa em educação em ciências. *Atas do V ENPC*, 5 (ISSN – 1809-5100).

Silva, H. S. & Lopes, J. P. (2015). O professor faz a diferença no desempenho escolar dos seus alunos o que nos diz a investigação científica. *Revista Eletrônica de Educação e Psicologia*, Universidade de Trás-os Montes e Alto Douro, 2, pp.62-81. ISSN 2183-3990.

Silva, M. F. O. (2011). *A interação professor-aluno nas salas de aula de inglês dos núcleos d eLínguas e culturas do Estado de Pernambuco da GRE Recife – Sul*. Tese de Mestrdo- Lisboa.

Tardif, M. & Lessard, C. (2014). *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas* (9a ed). Petrópoles, RJ: Editora vozes.

Tardif, M. & Lessard, C. (Org.). (2014). *O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais* (6a ed., pp.217-233). Petrópoles, RJ: Editora Vozes.

Tardif, M. (2014). *Saberes docentes e Formação Profissional* (17a ed.). Petrópoles, RJ: Vozes.

Weil, P.: Tompakow, R. (2015). *O corpo fala a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal* (74a ed.). Petrópoles, RJ: Vozes.

Vargas, M. S. (2012). *Estratégias para o desenvolvimento da competência comunicativa em educadores de infância e professores de 1º ciclo*. Tese de Mestrado em Ensino na especialidade de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Veiga, F. H., Caldeira, S. N. & Melo, M. (2013). *Gestão da Sala de Aula: Perspetiva Psicoeducacional*. In: Veiga, F. H. (Coord.). *Psicologia da Educação: Teoria, Investigação e Aplicação* (pp. 543 – 582). Lisboa: Climepsi.

Vieira, H. (2000). *A comunicação na sala de aula* (1a ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Zabala, A. (2010). *A prática educativa: como ensinar* (pp.89-136). Porto Alegre, Editora Artmed.


ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

(Anexo I) Declaração de apresentação para realização da pesquisa na escola.....	78
(Anexo II) Autorização da coordenadora pedagógica.....	79
(Anexo III) Termo de consentimento livre e esclarecido entregue aos participantes.....	80
(Anexo IV) Grelha das ações comunicacionais verbais.....	81
(Anexo V) Dados das ações comunicacionais verbais.....	82
(Anexo VI) Grelha das ações comunicacionais não-verbais.....	83
(Anexo VII) Dados das ações comunicacionais não-verbais.....	84
(Anexo VIII) Guião da entrevista.....	85
(Anexo IX) Validação das entrevistas.....	88
(Anexo X) Grelha de análise de conteúdo das entrevistas.....	102
(Anexo XI) Transcrição das entrevistas.....	108

(Anexo I)

DECLARAÇÃO DE APRESENTAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA NA
ESCOLA




Universidade Fernando Pessoa

Declaração


Maria Luísa Saavedra Martins, orientadora do estudo para obtenção do grau de mestre em Docência e Gestão da Educação, da aluna **Jodna Lopes**, venho por este meio declarar que o trabalho levado a cabo nessa escola, CENTRO DE ENSINO "SÃO CRISTÓVÃO, será única e exclusivamente para recolha de dados da investigação em curso.

A Coordenadora e orientadora do Mestrado



(Anexo II)

AUTORIZAÇÃO DA COORDENADORA PEDAGÓGICA





Universidade Fernando Pessoa

Declaração

Maria Luísa Saavedra Martins, orientadora do estudo para obtenção do grau de mestre em Docência e Gestão da Educação, da aluna **Jodna Lopes**, venho por este meio declarar que o trabalho levado a cabo nessa escola, CENTRO DE ENSINO "SÃO CRISTÓVÃO, será única e exclusivamente para recolha de dados da investigação em curso.

A Coordenadora e orientadora do Mestrado



Lisiane de Jesus Carneiro Pianco
Gestora Adjunta
Centro de Ensino São Cristóvão
CPF: 407.379.183-49

(Anexo III)

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ENTREGUE
AOS PARTICIPANTES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante:

Sou estudante do curso de Mestrado em Gestão da Educação e Docência, ministrado pela Universidade Fernando Pessoa de Portugal (UFP). Estou realizando uma pesquisa cujo tema refere-se às habilidades comunicacionais verbais e não-verbais de professores do ensino médio no processo de ensino-aprendizagem.

Nesta pesquisa, para recolha de dados pretendo, primeiro observá-lo em sala de aula e em seguida realizar uma entrevista, que será gravada se assim você permitir.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a), dessa forma asseguram-se os aspectos éticos desta pesquisa.

A sua colaboração será de muita importância, pois indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Agradeço a colaboração

Atenciosamente,

A Mestranda

Jódna Lopes

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento

São Luis - MA, junho de 2017

(Anexo IV)

GRELHA DAS AÇÕES COMUNICACIONAIS VERBAIS

Ações comunicacionais verbais	Professor A	Professor B
	Nº de vezes	Nº de vezes
Vocabulário técnico, específico da disciplina		
Para a exposição e fica em silêncio		
Fala e gesticula concomitantemente		
Fala enquanto escreve no quadro		
Formulação de perguntas		
Fala sem gesticular		
Voz trêmula, insegura		
Palavras inaudíveis		
Usos de gíria		
Articulação lenta de palavras ou sentenças		
Uso da expressão fática: né?		
Uso da expressão fática: tá?		
Uso da expressão fática: Certo?		
Uso da expressão fática: Então...		
Uso da expressão fática: Entenderam?		
Repete a mesma a palavra, sentença		
Elevação da voz		
Diminuição da voz		
Sobreposição de intervenções		
Expressões explosivas/gritos repentinos		
Articulação rápida de palavras ou sentenças		
Intercala à aula assuntos externos ao conteúdo		
Promoção de feedback		
Pausas longas entre uma palavra e outra		

NÚMERO DE AÇÕES:		
REALIZADAS:		
NÃO REALIZADAS:		
TOTAL DE REPETIÇÕES:		

(Anexo V)

DADOS DAS AÇÕES COMUNICACIONAIS VERBAIS

Ações comunicacionais verbais	Professor A	Professor B
	Nº de vezes	Nº de vezes
Vocabulário técnico, específico da disciplina	0	0
Para a exposição e fica em silêncio	2	2
Fala e gesticula concomitantemente	16	6
Fala enquanto escreve no quadro	3	0
Formulação de perguntas	17	10
Fala sem gesticular	2	1
Voz trêmula, insegura	0	0
Palavras inaudíveis	0	0
Usos de gíria	1	0
Articulação lenta de palavras ou sentenças	2	0
Uso da expressão fática: né?	5	16
Uso da expressão fática: tá?	8	29
Uso da expressão fática: Certo?	9	6
Uso da expressão fática: Então...	2	18
Uso da expressão fática: Entenderam?	4	0
Repete a mesma a palavra, sentença	0	0
Elevação da voz	13	11
Diminuição da voz	2	1
Sobreposição de intervenções	1	5
Expressões explosivas/gritos repentinos	0	1
Articulação rápida de palavras ou sentenças	0	0
Intercala à aula assuntos externos ao conteúdo	0	0
Promoção de feedback	2	1
Pausas longas entre uma palavra e outra	0	0

NÚMERO DE AÇÕES:	24	
REALIZADAS:	16	13
NÃO REALIZADAS:	8	11
TOTAL DE REPETIÇÕES:	89	107

(Anexo VI)

GRELHA DAS AÇÕES COMUNICACIONAIS NÃO-VERBAIS

Ações comunicacionais não-verbais	Professor A	Professor B
	Nº de vezes	Nº de vezes
Aproximar da carteira do aluno		
Aproximar da carteira do aluno e inclinar-se		
Movimentar para a direita		
Movimentar para a esquerda		
Movimentar no grupo		
Tocar no braço do aluno		
Tocar na cabeça do aluno		
Inclinar a cabeça para a frente		
Encolher os ombros		
Levantar o dedo indicador e apontar		
Levantar as mãos		
Bater com as mãos		
Cruzar os braços		
Tocar com a mão direita na cabeça		
Cruzar as mãos e apoiar no queixo		
Colocar as mãos atrás das costas		
Abrir e estender os braços com as mãos		
Acenar com a cabeça		
Bater com a mão na perna		
Olhar para os alunos indistintamente e faz gestos faciais		
Olhar fixamente e aproximar-se dos alunos		
Olhar fixamente e apontar com o dedo		
Levantar as sobrancelhas e olhar para os alunos		
Franzi as sobrancelhas e olha para os alunos		
Cerra os lábios		
Sorri		
Dá as costas para a turma		

NÚMERO DE AÇÕES:		
REALIZADAS		
NÃO REALIZADAS		
TOTAL DE REPETIÇÕES		

(Anexo VII)

DADOS DAS AÇÕES COMUNICACIONAIS NÃO-VERBAIS

Ações comunicacionais não-verbais	Professor A	Professor B
	Nº de vezes	Nº de vezes
Aproximar da carteira do aluno	12	3
Aproximar da carteira do aluno e inclinar-se	1	0
Movimentar para a direita	15	5
Movimentar para a esquerda	14	5
Movimentar no grupo	17	3
Tocar no braço do aluno	0	0
Tocar na cabeça do aluno	1	0
Inclinar a cabeça para a frente	9	5
Encolher os ombros	0	0
Levantar o dedo indicador e apontar	0	0
Levantar as mãos	17	12
Bater com as mãos	1	0
Cruzar os braços	2	0
Tocar com a mão direita na cabeça	1	0
Cruzar as mãos e apoiar no queixo	0	0
Colocar as mãos atrás das costas	0	0
Abrir e estender os braços com as mãos	0	0
Acenar com a cabeça	0	0
Bater com a mão na perna	0	0
Olhar para os alunos indistintamente e faz gestos faciais	4	0
Olhar fixamente e aproximar-se dos alunos	4	0
Olhar fixamente e apontar com o dedo	4	0
Levantar as sobrancelhas e olhar para os alunos	13	6
Franzi as sobrancelhas e olha para os alunos	1	0
Cerra os lábios	0	0
Sorri	5	0
Dá as costas para a turma	14	4

NÚMERO DE AÇÕES:	27	
REALIZADAS	18	9
NÃO REALIZADAS	9	18
TOTAL DE REPETIÇÕES	157	58

(Anexo VIII)
GUIÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTA

Como componente desta investigação, foi elaborada uma entrevista para ser aplicada aos profissionais da educação de uma escola de ensino médio na cidade de São Luís do Maranhão. A presente entrevista pretende verificar nos professores suas concepções, conceitos, necessidades e dificuldades acerca do uso de suas habilidades comunicacionais verbais e não-verbais em sala de aula, bem como identificar o grau de consciência sobre a importância desses recursos comunicacionais, e também se utilizam os mesmos para superar as dificuldades de aprendizagem de seus alunos.

Para tanto dividiu-se esta entrevista em 5 blocos, e elencadas a eles perguntas distintas, as quais contribuirão para o alcance daquilo que se pretende conhecer. Desta forma apresenta-se a entrevista acrescida do objetivo de cada bloco.

BLOCO I:

O Professor e a comunicação

Objetivo: Conhecer as concepções dos docentes sobre comunicação e habilidades comunicacionais.

Questão 1:

Para você enquanto docente, o que é comunicação?

Questão 2:

Como você define habilidades comunicacionais?

Questão 3:

Em sua opinião, como deve ser o perfil de um professor enquanto comunicador em sala de aula?

Questão 4:

Quanto à sua autoimagem, você se considera um professor dotado de habilidades comunicacionais?

Questão 5 :

Qual o objetivo da comunicação em sala de aula, ou seja por que e para quem você se comunica com seus alunos?

Avaliação das questões de 1 a 5

BLOCO II:

A comunicação no processo de ensino e aprendizagem

Objetivo: Perceber a relação que os professores fazem entre o processo de ensino e aprendizagem e o processo comunicacional.

Questão 6 :

Qual é a influencia da comunicação verbal e não-verbal na motivação da aprendizagem dos alunos?

Questão 7:

De que forma a comunicação na promoção de feedback contribui para a aprendizagem?

Questão 8:

O mal uso das habilidades comunicacionais pelo professor em sua prática de ensino, pode produzir reflexos negativos na formação e na aprendizagem dos alunos?

BLOCO III:

Competência comunicativa e a formação docente

Objetivo: Verificar o nível de consciência dos professores no que se refere à sua auto formação e formação acadêmica, a fim de examinar, se há ou não por parte dos mesmos a necessidade de melhorar seu conhecimento sobre suas habilidades comunicacionais.

Questão 9 :

Durante sua formação acadêmica você foi instruído sobre a importância de usar suas habilidades comunicacionais sejam verbais ou não-verbais em sala de aula?

Questão 10 :

Qual sua iniciativa em buscar em outras fontes, conhecimento sobre suas habilidades comunicacionais, ou seja você lê, leu, pesquisa ou já pesquisou sobre essas habilidades? Por que o faz, com qual frequência?

Questão 11 :

Já participou de alguma formação continuada sobre o valor das habilidades comunicacionais do professor? Existe necessidade desse tipo de formação para melhorar sua prática?

BLOCO IV:

A comunicação como ferramenta de gestão

Objetivo : Aferir se os docentes entendem seu trabalho em sala de aula como um exercício de gestão, e se usam suas habilidades comunicacionais a serviço da mesma.

Questão 12:

De que forma as habilidades comunicacionais podem ajudar o professor a gerir a sala de aula?

Questão 13 :

O que difere um docente líder de um controlador e autoritário?

Questão 14 :

Quais ações comunicacionais verbais ou não-verbais usa diante de conflitos?

Questão 15 :

É possível gerir um espaço escolar sem saber se comunicar, ou ser um bom comunicador e não saber gerenciar?

BLOCO V:

A sala de aula: um espaço de comunicação

Objetivo : Saber se os docentes reconhecem a sala de aula como um espaço de interações comunicativas e que estas envolvem professor e aluno em relações mútuas.

Questão 16:

Quais dificuldades você encontra para estabelecer uma boa comunicação com seus alunos?

Questão 17:

Quais as dificuldades por parte do aluno em fazer parte do processo de comunicação na sala de aula?

Questão 18 :

O que favorece uma boa relação comunicativa em sala de aula?

(Anexo IX)

VALIDAÇÃO DAS ENTREVISTAS



15/02/2018 Google Apps da Universidade Fernando Pessoa Correio - ENTREVISTA PARA VALIDAÇÃO!!!

 UNIVERSIDADE
FERNANDO PESSOA

Jodna Lopes <34768@ufp.edu.pt>

ENTREVISTA PARA VALIDAÇÃO!!!
5 mensagens

Jodna Lopes <34768@ufp.edu.pt> 1 de novembro de 2017 às 14:57
Para: Tereza Ventura <terezaventura@gmail.com>

BOA TARDE!!

MEU NOME É JÓDNA LOPES, DO CURSO DE Mestrado de Gestão da Educação e Docência, OFERECIDO PELA UFP - TURMA DE SÃO LUÍS.
DIA 27 DE OUTUBRO ENVIEI A VOCÊ UMA ENTREVISTA, CONFORME ORIENTADO PELA PROFESSORA LUÍSA SAAVEDRA, MINHA ORIENTADORA, PARA QUE VOCÊ POSSA VALIDÁ-LA E ATÉ O PRESENTE MOMENTO, NÃO OBTIVE RESPOSTA DE SUA PARTE. ENTÃO PEÇO-LHE DESCULPAS POR ENVIÁ-LA NOVAMENTE . TAMBÉM PEÇO QUE CONFIRME O RECEBIMENTO DA MESMA, SIM???

O TEMA DO MEU ESTUDO DIZ RESPEITO ÀS HABILIDADES COMUNICACIONAIS DOS DOCENTES DO ENSINO MÉDIO. ESTOU A INVESTIGAR SE OS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO USAM SUAS HABILIDADES COMUNICACIONAIS (VERBAIS E NÃO-VERBAIS)PARA SUPERAR AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.
JÁ REALIZEI OBSERVAÇÃO DIRETA, E AGORA DEVO ENTREVISTAR OS DOCENTES. AGUARDO SUA VALIDAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA MESMA.

COM OS MELHORES CUMPRIMENTOS!!

JÓDNA LOPES

 Livre de vírus. www.avast.com.

 **ENTREVISTA PRONTA PARA VALIDAR.docx**
23K

Tereza <tereza.ventura@gmail.com> 1 de novembro de 2017 às 17:52
Para: Jodna Lopes <34768@ufp.edu.pt>

Aqui vai.
Bom trabalho!

De: Jodna Lopes [mailto:34768@ufp.edu.pt]
Enviada: quarta-feira, 1 de novembro de 2017 16:57
Para: Tereza Ventura <terezaventura@gmail.com>
Assunto: ENTREVISTA PARA VALIDAÇÃO!!!

[Citação ocultada]

 **ENTREVISTA PRONTA PARA VALIDAR_TV.docx**
27K

Jodna Lopes <34768@ufp.edu.pt> 2 de novembro de 2017 às 11:20
Para: Tereza <tereza.ventura@gmail.com>

BOM DIA PROFESSORA!!!
OBRIGADA!!!

https://mail.google.com/mail/u/0/?ui=2&ik=f351e83691&jsver=qn5S-wXSuSg_pt_PT.&view=pt&search=sent&th=15f819ca0e017025&siml=15f7883... 1/2

15/02/2018

Google Apps da Universidade Fernando Pessoa Correio - ENTREVISTA PARA VALIDAÇÃO!!!

A ENTREVISTA ESTÁ BOA????

[Citação ocultada]

Tereza <tereza.ventura@gmail.com>
Para: Jodna Lopes <34768@ufp.edu.pt>

2 de novembro de 2017 às 12:00

Está, sim.

Bom trabalho!

De: Jodna Lopes [mailto:34768@ufp.edu.pt]
Enviada: quinta-feira, 2 de novembro de 2017 13:20
Para: Tereza <tereza.ventura@gmail.com>
Assunto: Re: ENTREVISTA PARA VALIDAÇÃO!!!

[Citação ocultada]

Jodna Lopes <34768@ufp.edu.pt>
Para: Tereza <tereza.ventura@gmail.com>

3 de novembro de 2017 às 09:20

BOM DIA !!!

OBRIGADA PROFESSORA!!!

[Citação ocultada]

ENTREVISTA VALIDADA POR PERITOS

Como componente desta investigação, foi elaborada uma entrevista para ser aplicada aos profissionais da educação de uma escola de ensino médio na cidade de São Luís do Maranhão, não só os de Língua Portuguesa. A presente entrevista pretende verificar nos professores suas concepções, conceitos, necessidades e dificuldades acerca do uso de suas habilidades comunicacionais verbais e não-verbais em sala de aula, bem como identificar o grau de consciência sobre a importância desses recursos comunicacionais, e também se utilizam os mesmos para superar as dificuldades de aprendizagem de seus alunos.

Para tanto dividiu-se esta entrevista em 5 blocos, e elencadas a eles perguntas distintas, as quais contribuirão para o alcance daquilo que se pretende conhecer. Desta forma apresenta-se a entrevista acrescida do objetivo de cada bloco.

BLOCO I:

O Professor e a comunicação

Objetivo: Conhecer as concepções dos docentes sobre comunicação e habilidades comunicacionais.

Questão 1:

Para você enquanto docente, o que é comunicação?

Questão 2:

Como você define habilidades comunicacionais?

Questão 3:

Em sua opinião, como deve ser o perfil de um professor enquanto comunicador em sala de aula?

Questão 4:

Quanto à sua autoimagem, você se considera um professor dotado de habilidades comunicacionais?

Questão 5:

Qual o objetivo da comunicação em sala de aula, ou seja por que e para quê você se comunica com seus alunos?

Avaliação das questões de 1 a 5

Itens/Opções de resposta	Insuficiente	Suficiente
---------------------------------	---------------------	-------------------

Apresentação	X
Compreensão	X
Objetividade	X
Neutralidade	X
Aplicabilidade	X
Críticas e sugestões	

BLOCO II:

A comunicação no processo de ensino e aprendizagem

Objetivo: Perceber a relação que os professores fazem entre o processo de ensino e aprendizagem e o processo comunicacional.

Questão 6 :

Qual é a influencia da comunicação verbal e não-verbal na motivação da aprendizagem dos alunos?

Questão 7:

De que forma a comunicação na promoção de feedback contribui para a aprendizagem?

Questão 8:

O mal uso das habilidades comunicacionais pelo professor em sua prática de ensino, pode produzir reflexos negativos na formação e na aprendizagem dos alunos?

Avaliação das questões de 6 a 8

Itens/Opções de resposta	Insuficiente	Suficiente
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
Críticas e sugestões		

BLOCO III:

Competência comunicativa e a formação docente

Objetivo: Verificar o nível de consciência dos professores no que se refere à sua auto formação e formação acadêmica, a fim de examinar, se há ou não por parte dos mesmos a necessidade de melhorar seu conhecimento sobre suas habilidades comunicacionais.

Questão 9:

Durante sua formação acadêmica você foi instruído sobre a importância de usar suas habilidades comunicacionais sejam verbais ou não-verbais em sala de aula?

Questão 10:

Qual sua iniciativa em buscar em outras fontes, conhecimento sobre suas habilidades comunicacionais, ou seja você lê, leu, pesquisa ou já pesquisou sobre essas habilidades? Por que o faz, com qual frequência?

Questão 11:

Já participou de alguma formação continuada sobre o valor das habilidades comunicacionais do professor? Existe necessidade desse tipo de formação para melhorar sua prática?

Avaliação das questões de 9 a 11

Itens/Opções de resposta	Insuficiente	Suficiente
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
Críticas e sugestões		

BLOCO IV:

A comunicação como ferramenta de gestão

Objetivo: Aferir se os docentes entendem seu trabalho em sala de aula como um exercício de gestão, e se usam suas habilidades comunicacionais a serviço da mesma.

Questão 12:

De que forma as habilidades comunicacionais podem ajudar o professor a gerir a sala de aula?

Questão 13:

O que difere um docente líder de um controlador e autoritário?

Questão 14:

Quais ações comunicacionais verbais ou não-verbais usa diante de conflitos?

Questão 15:

É possível gerir um espaço escolar sem saber se comunicar, ou ser um bom comunicador e não saber gerenciar?

Avaliação das questões de 12 a 15

Itens/Opções de resposta	Insuficiente	Suficiente
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
Críticas e sugestões		

BLOCO V:

A sala de aula: um espaço de comunicação

Objetivo: Saber se os docentes reconhecem a sala de aula como um espaço de interações comunicativas e que estas envolvem professor e aluno em relações mútuas.

Questão 16:

Quais dificuldades você encontra para estabelecer uma boa comunicação com seus alunos?

Questão 17:

Quais as dificuldades por parte do aluno em fazer parte do processo de comunicação na sala de aula?

Questão 18:

O que favorece uma boa relação comunicativa em sala de aula?

Avaliação das questões 16 a 18

Itens/Opções de resposta	Insuficiente	Suficiente
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
Críticas e sugestões		

Avaliação geral da entrevista

Itens/Opções de resposta	Insuficiente	Suficiente
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
Críticas e sugestões		

Mestranda em Gestão da educação e Docência- UFP

Jódna Lopes

Porto, outubro de 2017

15/02/2018

Google Apps da Universidade Fernando Pessoa Correio - Validação entrevista



Jodna Lopes <34768@ufp.edu.pt>

Validação entrevista

2 mensagens

Maria Luisa Martins <mmartins@ufp.edu.pt>
Para: Jodna Lopes <34768@ufp.edu.pt>

8 de novembro de 2017 às 16:28

Cara Jodna,

considere a sua entrevista validada pela Prof. Fátima Coelho,

Com os melhores cumprimentos,

--

Luisa Saavedra
Coordenação da Formação
mmartins@ufp.edu.pt
TM:965078561

Jodna Lopes <34768@ufp.edu.pt>
Para: Maria Luisa Martins <mmartins@ufp.edu.pt>

8 de novembro de 2017 às 21:17

Obrigada professora!!!

Com os melhores cumprimentos

Jódna Lopes
[Citação ocultada]

ENTREVISTA VALIDADA POR PERITOS

Como componente desta investigação, foi elaborada uma entrevista para ser aplicada aos profissionais da educação de uma escola de ensino médio na cidade de São Luís do Maranhão, não só os de Língua Portuguesa. A presente entrevista pretende verificar nos professores suas concepções, conceitos, necessidades e dificuldades acerca do uso de suas habilidades comunicacionais verbais e não-verbais em sala de aula, bem como identificar o grau de consciência sobre a importância desses recursos comunicacionais, e também se utilizam os mesmos para superar as dificuldades de aprendizagem de seus alunos.

Para tanto dividiu-se esta entrevista em 5 blocos, e elencadas a eles perguntas distintas, as quais contribuirão para o alcance daquilo que se pretende conhecer. Desta forma apresenta-se a entrevista acrescida do objetivo de cada bloco.

BLOCO I:

O Professor e a comunicação

Objetivo: Conhecer as concepções dos docentes sobre comunicação e habilidades comunicacionais.

Questão 1:

Para você enquanto docente, o que é comunicação?

Questão 2:

Como você define habilidades comunicacionais?

Questão 3:

Em sua opinião, como deve ser o perfil de um professor enquanto comunicador em sala de aula?

Questão 4:

Quanto à sua autoimagem, você se considera um professor dotado de habilidades comunicacionais?

Questão 5:

Qual o objetivo da comunicação em sala de aula, ou seja por que e para quê você se comunica com seus alunos?

Avaliação das questões de 1 a 5

Itens/Opções de resposta	Insuficiente	Suficiente
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
Críticas e sugestões		

BLOCO II:

A comunicação no processo de ensino e aprendizagem

Objetivo: Perceber a relação que os professores fazem entre o processo de ensino e aprendizagem e o processo comunicacional.

Questão 6:

Qual é a influencia da comunicação verbal e não-verbal na motivação da aprendizagem dos alunos?

Questão 7:

De que forma a comunicação na promoção de feedback contribui para a aprendizagem?

Questão 8:

O mal uso das habilidades comunicacionais pelo professor em sua prática de ensino, pode produzir reflexos negativos na formação e na aprendizagem dos alunos?

Avaliação das questões de 6 a 8

Itens/Opções de resposta	Insuficiente	Suficiente
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
Críticas e sugestões		

BLOCO III:

Competência comunicativa e a formação docente

Objetivo: Verificar o nível de consciência dos professores no que se refere à sua auto formação e formação acadêmica, a fim de examinar, se há ou não por parte dos mesmos a necessidade de melhorar seu conhecimento sobre suas habilidades comunicacionais.

Questão 9:

Durante sua formação acadêmica você foi instruído sobre a importância de usar suas habilidades comunicacionais sejam verbais ou não-verbais em sala de aula?

Questão 10:

Qual sua iniciativa em buscar em outras fontes, conhecimento sobre suas habilidades comunicacionais, ou seja você lê, leu, pesquisa ou já pesquisou sobre essas habilidades? Por que o faz, com qual frequência?

Questão 11:

Já participou de alguma formação continuada sobre o valor das habilidades comunicacionais do professor? Existe necessidade desse tipo de formação para melhorar sua prática?

Avaliação das questões de 9 a 11

Itens/Opções de resposta	Insuficiente	Suficiente
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
Críticas e sugestões		

BLOCO IV:

A comunicação como ferramenta de gestão

Objetivo: Aferir se os docentes entendem seu trabalho em sala de aula como um exercício de gestão, e se usam suas habilidades comunicacionais a serviço da mesma.

Questão 12:

De que forma as habilidades comunicacionais podem ajudar o professor a gerir a sala de aula?

Questão 13:

O que difere um docente líder de um controlador e autoritário?

Questão 14:

Quais ações comunicacionais verbais ou não-verbais usa diante de conflitos?

Questão 15:

É possível gerir um espaço escolar sem saber se comunicar, ou ser um bom comunicador e não saber gerenciar?

Avaliação das questões de 12 a 15

Itens/Opções de resposta	Insuficiente	Suficiente
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
Críticas e sugestões		

BLOCO V:

A sala de aula: um espaço de comunicação

Objetivo: Saber se os docentes reconhecem a sala de aula como um espaço de interações comunicativas e que estas envolvem professor e aluno em relações mútuas.

Questão 16:

Quais dificuldades você encontra para estabelecer uma boa comunicação com seus alunos?

Questão 17:

Quais as dificuldades por parte do aluno em fazer parte do processo de comunicação na sala de aula?

Questão 18:

O que favorece uma boa relação comunicativa em sala de aula?

Avaliação das questões 16 a 18

Itens/Opções de resposta	Insuficiente	Suficiente
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
Críticas e sugestões		

Avaliação geral da entrevista

Itens/Opções de resposta	Insuficiente	Suficiente
Apresentação		X
Compreensão		X
Objetividade		X
Neutralidade		X
Aplicabilidade		X
Críticas e sugestões		

Mestranda em Gestão da educação e Docência- UFP

Jódna Lopes

Porto, outubro de 2017

(Anexo X)

Grelha de análise de conteúdo das entrevistas

Tema 1 – **Concepções de comunicação em contexto escolar**

Categoria A – **Objetivos da comunicação em sala de aula**

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registro	F
A)Objetivos da comunicação em sala de aula	A1) Pensamento tradicional	A1.1)Transmissão de conteúdo	- Primeiro é repassar o conteúdo....as experiências, os exemplos, os conceitos e etc...(EA); - È fazer com que o aluno entenda todo o conteúdo que é repassado a ele (EA); - Busco formas diversificadas para apresentar o assunto que estou trabalhando em sala de aula...os assuntos que são pedidos em nosso conteúdo programático(EA).	1
		A.1.2) Transmissão de conhecimento e mensagem	-Ora, primeiramente...transmitir o conhecimento...esse conhecimento ser partilhado com toda sala (EB); - Para haver uma comunicação os dois tem que...entender a mensagem(EB).	1
		A.1.3) Processo mecânico	- Forma com que o emissor se faz entender pelo receptor (EA); - Duas pessoas...entram em comunicação mental, ou seja existe uma mensagem sendo entendida pelo interlocutor...os dois tem que entender o mesmo código(EB).	2
	A2) Ideias eruditas	A.2.1) Promoção de interações	- È o ato em que as pessoas conseguem desenvolver seus relacionamentos (EA); - Tem que demonstrar para os alunos dele que estão ali juntos (EA);	2

			<ul style="list-style-type: none"> -Tem que ter entrosamento em sala de aula...ser dinâmico(EB); - Essa comunicação ela é muito importante pro entrosamento do professor e alunos e entre os próprios alunos...(EB). 	
		A.2.2) Valorização do outro(aluno)	<ul style="list-style-type: none"> - É a clareza com que o outro expressa suas ...ideias (EA); - Se fazer entender pelo aluno (EA); - Busco formas diversificadas ...exemplos do cotidiano.....Eu trabalho...como uma linguagem utilizada por eles, pelos jovens, né? pelos adolescentes (EA); - Ele tem que acreditar que não será reprimido (aluno) (EA); - Deixar com que o aluno se expresse (EA); - O professor comunicador...dinâmico... suporte para que aula fique mais interessante para o aluno (EB). 	2
		A.2.3) Promoção de feedback	<ul style="list-style-type: none"> - A comunicação é importante para que tenha esse retorno.... e isso a gente vai avaliar na aprendizagem do aluno (EA); - Vai ter um retorno negativo, se não souber se comunicar (EA); -O professor, ele tem que saber...o objetivo dessa mensagem para depois ele receber em troca aquilo que ele tá oferecendo para o aluno(EB). 	2

		A2.4) Instrumento de gestão	<ul style="list-style-type: none"> - A forma...de se comunicar facilita a gestão (EA); - Temos diferentes tipos de alunos... se ele não souber contornar... e esse controle ajuda muito nessa gestão da sala de aula (EA); - Um professor líder ele indica através de exemplos (EA); - É muito bom que possa trabalhar a comunicação e suas formas de gerenciar, né? (EA). - O professor ele tem que ter vários domínios dessas habilidades comunicacionais...ela que vão orientar...(EB); - A gente tem que ter um jogo de cintura (EB); - Quando eu trabalho com projeto, eu dou sugestões (EB); - A pessoa tem que saber se comunicar em todas as situações, né? (EB). 	
--	--	-----------------------------	---	--

Categoria B – Condicionantes da comunicação em sala de aula

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registro	F
	B.1) Barreiras à comunicação	B.1.1) Dificultam a comunicação em sala de aula	<ul style="list-style-type: none"> - ...a questão social deles, né? a linguagem social deles, a linguagem do dia-a-dia. (EA); -...e o pouco nível de conhecimento... a gente falar de coisas que eles não conseguem entender (EA); - ...quando o professor, se ele se coloca numa situação de super-professor, né?(EA); - Na maioria das vezes o aluno,...depende muito da forma que ele teve essa questão do medo dele se comunicar com o professor... se ele vem de uma escola controladora ou 	2

B) Condicionantes da comunicação em sala de aula			<p>autoritária, ele não vai querer falar com o professor.(EA);</p> <p>-...às vezes tem turmas que são difíceis de lidar, né? (EB);</p> <p>-...as dificuldades muitas das vezes vem pela questão do comportamento dos alunos, né? (EB);</p> <p>- Às vezes tem alunos que são muito introvertidos, né?... gostam de ficar isolados, calados e tímidos e às vezes eu sinto essa dificuldade... (EB).</p>	
	B.2) Entradas para a comunicação	B.2.1) Favorecem a comunicação em sala de aula	<p>- O que favorece a comunicação em sala de aula, primeiro é a confiança(EA);</p> <p>- Primeiramente o professor ele tem que mostrar uma empatia, né? ... o aluno...ele já se abre pro professor, né?... cria vínculo... se torna amigo do professor (EB).</p>	2

Tema II - Ações comunicacionais que conduzem ao aprendizado

Categoria A - Ações verbais

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registro	F
A) Ações verbais	A1) Bom clima afetivo	A1.1) Conquista da confiança	<p>- O cuidado com as palavras... (EA);</p> <p>- O professor ele tem que ganhar a confiança dos alunos dele... (EA).</p>	1
		A1.2) Aproximação com o aluno	<p>- Expressar seus pensamentos e suas ideias (EA);</p> <p>- Eu busco... a linguagem utilizada por eles, pelos jovens... (EA);</p> <p>- Eu não vou impor as minhas ideias e dou sugestões... (EB);</p> <p>- Eu faço com que possam fluir também as ideias deles (EB).</p>	2
	A2) Chamam a atenção do aluno	A2.1) Exemplos contextualizados	<p>- Eu busco formas diversificadas...exemplos do cotidiano (EA);</p> <p>- Procuro... assistir jornais, noticiários, para poder contextualizar com o conteúdo... (EB).</p>	2

Categoria B - Ações não-verbais

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registro	F
B) Ações não-verbais	B1) Chamam a atenção do aluno	B1.1) Utilização de gestos	- Os gestos...fazem com que chamem a atenção, né?...(EA); - Olhando para o aluno, através de meus gestos o aceite ou não daquele comportamento (EA).	1
	B2) Estimulam a interação	B2.1) Formação de equipes	- Forma equipes solidárias... (EB); - quando eu faço trabalhos em equipes... eu procuro incentivar esses alunos...(EB).	1
	B3) Demonstram autoridade	B3.1) Postura firme	- Se expressar de forma firme...demonstrando aos seus alunos...qual a posição dele na sala de aula (EA); - Eu tenho que impor minha autoridade (EB); - E se ele quiser rebater, eu saio (EB).	2

Categoria C: Ações para verbais

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registro	F
C) Ações Para verbais	C1) Chamam a atenção do aluno	C1.1) Alterações no tom de voz	- A comunicação em si, ela é importante... as ponderações fazem com que chamem a atenção, né?... (EA); - Se a turma tiver muito agitada, eu falo mais alto do que eles, né? (EB).	2

Tema III: Formação docente

Categoria A: Formação inicial

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registro	F
	A1) Disciplina sobre HCVNV	A1.1) Presença de disciplina sobre as HCVNV	- Alguns professores, principalmente os professores que são direcionados à didática...nos informam, nos auxiliam no desenvolvimento dessa HCV e também NV (EA).	1

A) Formação inicial		A1.2) Falta de disciplina sobre HCVNV	- Não. (EB).	1
	A2) contribuição da formação inicial no âmbito das HCVNV	A2.1) Falha no curso	- Mas grande maioria é a questão do conteúdo (EA); - O profissional ele é formado para expor o conteúdo (EA); - Dificilmente...o acadêmico ele é trabalhado para que se desenvolva essas HC (EA); - Eu não aprendi tanto assim na minha formação acadêmica, eu fui aprender mais foi... na prática mesmo de ensino, né? (EB).	2

Categoria B - Formação continuada

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registro	F
B) Formação continuada	B1) Formação continuada no âmbito das HCVNV	B1.1) Falta de formação continuada sobre HCVNV	- Não foi direcionado à habilidade de comunicação(EA); - A última que eu participei foi mais sobre a questão da gente elaborar como é que a gente tem que elaborar uma prova de um aluno (EB).	2
	B2) Necessidade de formação continuada no âmbito das HCVNV	B2.1) Existência de necessidade	- Com certeza! Tem que ter sempre essa formação, tem que haver uma continuidade (EA).	1

Categoria C - Auto formação

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registro	F
C) Auto formação	C1) Iniciativa em buscar conhecimentos sobre as HCVNV	C1.1) Falta de iniciativa	- Menos a questão da habilidade de comunicação, mais na questão mesmo do conteúdo da matéria (EA); - Não, no momento não (EB).	2

(Anexo XI)

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM O PROFESSOR A

Questão 1:

Para você enquanto docente, o que é comunicação?

A comunicação é o ato em que as pessoas conseguem desenvolver os seus relacionamentos... fazendo com que possam entender e se fazer entender pela outra parte, né? Pela outra pessoa.

Questão 2:

Como você define habilidades comunicacionais?

Habilidades de comunicação, ela pode ser definida pela forma com que o emissor se faz entender pelo receptor, né? Ou seja, é... a clareza com que o outro expressa seu....suas palavras e suas ideias a uma outra pessoa.

Questão 3:

Em sua opinião, como deve ser o perfil de um professor enquanto comunicador em sala de aula?

Primeiro um professor é... ele tem que ter essa habilidade e uma competência de um bom comunicador. Por quê? Porque ele tem que se fazer entender pelos seus alunos, né? Se ele não conseguir expressar seus pensamentos e suas ideias, ele não vai fazer com que o aluno é... obtenha essas informações e possa desenvolver nas suas atividades cotidianas.

Questão 4:

Quanto à sua autoimagem, você se considera um professor dotado de habilidades comunicacionais?

Olha, eu acredito que eu tenha uma grande habilidade de comunicação. Por que? Porque como professor, eu trabalho a língua portuguesa, eu busco formas diversificadas para apresentar o assunto em que eu estou trabalhando em sala de aula, tanto exemplos do cotidiano, como a linguagem utilizada por eles, pelos jovens, né? pelos adolescentes, como pela linguagem culta, pela linguagem escrita nos livros, então eu pego alguns exemplos e trabalho na sala de aula para poder trabalhar, as questões né? os assuntos que são pedidos em nosso conteúdo programático.

Questão 5:

Qual o objetivo da comunicação em sala de aula, ou seja por que e para quê você se comunica com seus alunos?

O objetivo de todo professor, né? da comunicação em sala de aula, primeiro é repassar aos alunos o conteúdo, né? as experiências, os exemplos, os conceitos e etc. né?, ou seja, por que e para que se comunicar com os alunos em sala de aula, né? Na mesma retórica, né? A importância do objetivo da comunicação da sala de aula é fazer com que o aluno entenda todo o conteúdo que é repassado a ele, um bom exemplo, uma boa conceituação para o aluno. Esse é o maior objetivo de boa comunicação em sala de aula, é se fazer entender pelo aluno e que ele possa desenvolver aquilo que é repassado para ele, né? E por isso que essa é a importância da comunicação, com o aluno.

Questão 6:

Qual é a influência da comunicação verbal e não-verbal na motivação da aprendizagem dos alunos?

Olha, a comunicação em si, ela é importante, né? A verbal é o cuidado com as palavras, com a forma como elas são passadas né? os gestos, as ponderações, elas são feitas, e... fazem com que chamem a atenção, né? do aluno, e isso pode motivar ou desmotivar o aluno, dependendo da forma que ela é expressada.

Questão 7:

De que forma a comunicação na promoção de feedback contribui para a aprendizagem?

Olha, a comunicação ela é importante para que a gente tenha esse retorno, né? Se for uma boa comunicação você tem esse retorno, e isso a gente vai avaliar na aprendizagem do aluno.

Questão 8:

O mal uso das habilidades comunicacionais pelo professor em sua prática de ensino, pode produzir reflexos negativos na formação e na aprendizagem dos alunos?

Com certeza!!!! O mal uso dessas habilidades de comunicação, é... vai influenciar, vai refletir na aprendizagem do aluno, com certeza. Se ele, (o professor) tiver uma boa habilidade, se ele souber conduzir sua comunicação, ele vai ter um retorno positivo, se ele não souber se comunicar, a avaliação será negativa.

Questão 9:

Durante sua formação acadêmica você foi instruído sobre a importância de usar suas habilidades comunicacionais sejam verbais ou não-verbais em sala de aula?

Olha, na verdade é... como em toda faculdade nós temos uma variação muito grande de professores, né? Então, alguns professores, principalmente os professores que são mais direcionados à didática, ou às cadeiras de instrução da matéria, nos informam, nos auxiliam no desenvolvimento dessa habilidade de comunicação verbal e também não-verbal, mas grande maioria é a questão do conteúdo. O profissional ele é formado para expor o conteúdo, ou seja ele vai indicar somente o que um professor de português, ele tem que ter um bom conhecimento da área de gramática, de literatura, de outra língua, se for o caso, mas dificilmente o aluno, o acadêmico ele é trabalhado para que se desenvolva essas habilidades de comunicação.

Questão 10:

Qual sua iniciativa em buscar em outras fontes, conhecimento sobre suas habilidades comunicacionais, ou seja você lê, leu, pesquisa ou já pesquisou sobre essas habilidades? Por que o faz, com qual frequência?

Eu sempre busco ler bastante, né? eu tenho,é... eu desenvolvi essa questão, que é uma questão familiar, que meu pai sempre fez questão que nós lêssemos bastante. Assisto muito jornal, pesquiso, porque algumas cadeiras de pós-graduação fizeram com a gente buscasse, fôssemos pesquisar em outras fontes, além dos livros, jornais, revistas, etc... e como é que eu faço essa frequência? Tô sempre tentando me atualizar, né? Menos a questão da habilidade de comunicação, mais na questão mesmo do conteúdo da matéria que eu tô trabalhando, no caso da língua portuguesa, né? que é a questão de linguagens e na questão da língua inglesa, que é a parte mais de gramática.

Questão 11:

Já participou de alguma formação continuada sobre o valor das habilidades comunicacionais do professor? Existe necessidade desse tipo de formação para melhorar sua prática?

Já participei de um curso de formação do Estado, né?, Não foi direcionado à habilidade de comunicação. Deram umas pinceladas lá, mas não foi só direcionado à essa parte, se há necessidade? Com certeza!!! Tem que ter sempre essa formação, tem que haver uma continuidade, porque as vezes o professor ele desenvolve também alguns vícios e tem que ser trabalhado nesses cursos de formação.

Questão 12:

De que forma as habilidades comunicacionais podem ajudar o professor a gerir a sala de aula?

Olha a forma clara que o professor tem de se expressar, ou seja de se comunicar com a turma em que ele trabalha, facilita essa gestão de alunos na sala de aula, porque primeiro que nós temos diferentes tipos de alunos numa sala de aula, então se ele souber contornar, souber se expressar de forma firme, né? demonstrando aos seus alunos quem, qual a posição dele na sala de aula, qual a formação dele, e esse controle, ajuda muito nessa gestão de sala de aula.

Questão 13:

O que difere um docente líder de um controlador e autoritário?

Olha, um professor líder ele indica, né, ele demonstra através de exemplos, através de conversas, com seus alunos, diferentes maneiras de enxergar o que ele tenta passar para seus alunos. O professor que é muito controlador, às vezes ele não consegue trazer pro aluno a visão dele, porque quando começa controlar algo ou alguém, a tendência é fazer com que ele não respeite. Ele só vai fazer porque tá sendo determinado. A mesma coisa leva ao docente autoritário, aquele professor que só dita regras e não dá como exemplo o seu comportamento.

Questão 14:

Quais ações comunicacionais verbais ou não-verbais usa diante de conflitos?

Primeiro é falar firme, né?, Olhando para o aluno, através de meus gestos o aceite ou não daquele comportamento dele né?, e sabendo contornar, exemplificando formas para dirimir aquele conflito, dependendo, se for um conflito entre eles, ou se é um conflito entre os alunos e o professor, é exemplificando e tentando com argumentações dirimir esses conflitos.

Questão 15:

É possível gerir um espaço escolar sem saber se comunicar, ou ser um bom comunicador e não saber gerenciar?

Olha, pode ser até possível gerenciar um espaço escolar sem saber se comunicar, mas vai ser muito difícil para quem tentar fazer isso, né?, então é muito bom que possa trabalhar a comunicação e suas formas de gerenciar, né?, buscando informações, buscando conhecimento para que ele possa aplicar, é... é... o seu conhecimento e poder expressar esse conhecimento no grupo social que ele tá querendo aplicar, né? Agora ser um bom comunicador e não saber gerenciar, ele não vai conseguir gerir, porque a gerência, ela depende dessa habilidade de gerenciar os conflitos.

Questão 16:

Quais dificuldades você encontra para estabelecer uma boa comunicação com seus alunos?

São várias as dificuldades, mas o que a gente pode citar aqui, principalmente a questão social, né?, a linguagem social deles, a linguagem do dia- a -dia deles, essa é uma das dificuldades, e o pouco nível de conhecimento, porque infelizmente, o que a gente observa hoje em nossos alunos, é que eles têm um excesso de informação, mas eles só conseguem infiltrar um pouco, então é muito difícil essa comunicação, a gente falar de coisas que eles não conseguem entender, então a gente tem que ter essa habilidade para explicar para que haja essa convivência, mas a dificuldade é essa, é a questão da linguagem social deles, né?, a formação deles e o conhecimento que tá muito, muito restrito ao meio onde eles vivem

Questão 17:

Quais as dificuldades por parte do aluno em fazer parte do processo de comunicação na sala de aula?

Olha, existe uma dificuldade, principalmente quando o professor, se ele se colocar numa situação de super-professor, né?, daquele que não vai baixar seu nível de conhecimento, aí ele

não vai ter essa comunicação, não vai haver essa troca de comunicação, né?, então eu acho que o professor por ele já ter passado, por ele ter vindo de lá também da sala de aula, ele também tem que tentar entender a linguagem, porque esse é um trabalho contínuo, o professor vai ter que... nessas formações, nessa busca dele, nessas pesquisas, tá entendendo? Na maioria das vezes o aluno,... depende muito da forma que ele teve essa questão do medo dele se comunicar com o professor. Se ele veio de uma escola, por exemplo - a gente tá no ensino médio -, mas se ele vem de uma escola controladora ou autoritária, ele não vai querer falar com o professor, então isso vai impedir a comunicação entre eles dois, mas se ele é trabalhado no ensino fundamental dele, a ler, a se comunicar, a se expressar, ele vai ter uma menor dificuldade em conversar com o professor, desde que o professor se deixe também aberto a esse diálogo, se ele se trancar também vai ter sempre essa dificuldade.

Questão 18:

O que favorece uma boa relação comunicativa em sala de aula?

O que favorece a relação comunicativa em sala de aula, primeiro é a confiança, né?, eu acho que o professor ele tem que ganhar a confiança dos alunos dele, ele tem que demonstrar para os alunos dele que eles estão ali juntos para desenvolver essa capacidade, no meu caso né?, de comunicação que eu trabalho com linguagens, ele tem que confiar no professor, ele tem que acreditar que ele não será reprimido se houver alguma falha no raciocínio dele . Ele deixar com que o aluno fale, que o aluno se expresse e ele tenha a habilidade de contornar isso, ele tentar explicar para o aluno, porque às vezes o aluno ele tem um conhecimento e que foi deturpado, então se o aluno fala isso pro professor e ele é altamente criticado, ele não vai se expressar mais, então ele tem que haver essa confiança entre eles dois, tem que haver uma conversa entre eles dois, né?, uma troca, e realmente, aí vem a troca do conhecimento, conhecimento trazido pelo aluno e o conhecimento trazido pelo professor para que possa haver uma boa comunicação em sala de aula.

ENTREVISTA COM O PROFESSOR B

Questão 1:

Para você enquanto docente, o que é comunicação?

Comunicação é o processo pelo qual duas pessoas, elas entram em comunicação mental, ou seja existe uma mensagem sendo entendida pelo interlocutor, né?, daí então vem o feedback, então para haver uma comunicação os dois tem que conhecerem o mesmo código, entendeu?, e entender a mensagem.

Questão 2:

Como você define habilidades comunicacionais?

São as forma que a pessoa vai se comunicar, é... como ela vai passar a mensagem para as pessoas, certo?

Questão 3:

Em sua opinião, como deve ser o perfil de um professor enquanto comunicador em sala de aula?

O professor ele tem que ter boa fluência verbal, tem que ter o entrosamento em sala de aula, tem que trazer recursos, tem que ser rico de recursos, tem que ser dinâmico, não tem que ser um professor tradicional e tem que ser um professor que tá todo tempo inovando.

Questão 4:

Quanto à sua autoimagem, você se considera um professor dotado de habilidades comunicacionais?

O professor comunicador é aquele perfil que é dinâmico, que ele não se prende somente com os recursos didáticos, somente com livro, para ele trazer outras fontes, é... vídeos, filmes, é... outros tipos de equipamentos, né?, de suporte para que a aula fique mais dinâmica e interessante para o aluno e assim... eu me acho às vezes, em parte, tem hora que eu me acho um pouco tradicional e tem hora que eu quero inovar, né?, para que o aluno possa buscar as informações e não ficar só atento somente àquilo que tá em sala de aula.

Questão 5:

Qual o objetivo da comunicação em sala de aula, ou seja por que e para quê você se comunica com seus alunos?

Ora, primeiramente precisa para se comunicar né?, tem que ter o conhecimento, transmitir o conhecimento e esse conhecimento ser compartilhado em toda a sala de aula com aos alunos né?, e daí vice-versa né?, porque o professor ele não só transmite conhecimento, mas ele também recebe informações e conhecimentos dos seus alunos.

Questão 6:

Qual é a influencia da comunicação verbal e não-verbal na motivação da aprendizagem dos alunos?

Os alunos, eles não têm que tá presos somente a um tipo de comunicação, por exemplo uma comunicação verbal, né?, então eles também tem várias ferramentas para que eles possam aprender, como a comunicação não-verbal, cartazes,, outros recursos para a aula ficar mais rica e os alunos terem mais interesse em assistir as aulas.

Questão 7:

De que forma a comunicação na promoção de feedback contribui para a aprendizagem?

O feedback no caso é a retroalimentação, né, da mensagem, então para que haja essa promoção de feedback, o professor, ele tem que saber transmitir essa mensagem, né? então ele tem que saber o que ele quer para que ele quer, qual o objetivo dessa mensagem para poder depois ele receber em troca aquilo que ele tá oferecendo para seus alunos.

Questão 8:

O mal uso das habilidades comunicacionais pelo professor em sua prática de ensino, pode produzir reflexos negativos na formação e na aprendizagem dos alunos?

É claro que sim, né?, porque como a forma que ele tá dando aula, quais os recursos que ele tá utilizando, então se ele não tá utilizando de uma forma adequada, então com certeza vai repercutir negativo em cima do seus alunos e eles não vão saber aprender, né?, porque cada turma ela tem um sistema diferente, um procedimento diferente, se tem uma turma que tem uma aula que a gente explica e no caso ela entende, tudo bem, mas tem outras turmas em que o professor ele tem que ter jogo de cintura para poder transmitir a mensagem para que essa mensagem ela seja recebida de uma forma eficaz.

Questão 9:

Durante sua formação acadêmica você foi instruído sobre a importância de usar suas habilidades comunicacionais sejam verbais ou não-verbais em sala de aula?

Não. Eu não aprendi tanto assim na minha formação acadêmica, eu fui aprender mais foi... é... na prática mesmo de ensino, né?, porque aí eu vejo como é a forma que eu devo trabalhar melhor, né? com a experiência, através da troca de experiência com meus colegas e daí eu fui aprendendo com o passar do tempo.

Questão 10:

Qual sua iniciativa em buscar em outras fontes, conhecimento sobre suas habilidades comunicacionais, ou seja você lê, leu, pesquisa ou já pesquisou sobre essas habilidades? Por que o faz, com qual frequência?

Eu não fico bitolada somente às coisas que acontecem na sala de aula, né?, uma coisa que eu procuro muito é assistir jornais, noticiários, para poder contextualizar com o conteúdo em sala de aula, entendeu? Então todo tempo o professor, ele não pode ficar somente preso aos livros didáticos, né? então... Porque às vezes o livro didático eles estão ultrapassados, então a gente sempre tem que trazer informações novas para a sala de aula e daí então enriquecer mais as nossas aulas, né? o nosso conteúdo.(**com relação às habilidades comunicacionais verbais e não-verbais?**) Não. No momento não, eu faço assim, o que eu vejo no dia-a-dia, observações também dos meus colegas, entendeu?

Questão 11:

Já participou de alguma formação continuada sobre o valor das habilidades comunicacionais do professor? Existe necessidade desse tipo de formação para melhorar sua prática?

Já participei de várias formações aqui, mas a última que eu participei foi mais sobre a questão da gente elaborar, como é que a gente tem que elaborar uma prova de um aluno né?, como é, quais são as regras básicas para a gente poder ficar igual que nem as provas do ENEM, né? (**mas com relação às habilidades comunicacionais verbais e não-verbais, mesmo?**) Eu já fiz uma vez foi de informática, para o professor utilizar a informática como instrumento de trabalho em sala de aula, entendeu?, já fiz, mas já foi, acho que em 2009 que eu fiz, faz tempo, entendeu?, aí a gente fez até um projeto de informática, tinha até esse projeto,mas eu não lembro mais onde é que está, mas eu tinha esse projeto que a gente fez sobre como é que a gente tem que ter a informática como ferramenta para a gente poder transmitir o conhecimento para o aluno, entendeu?

Questão 12:

De que forma as habilidades comunicacionais podem ajudar o professor a gerir a sala de aula?

Claro, o professor ele tem que ter vários domínios dessas habilidades comunicacionais, né? então são elas que vão, é... como é que se diz?... elas que vão orientar, que vão dar uma linha para que os alunos possam entender a mensagem que o professor está passando, então ele tem que saber administrar, tanto na questão do horário, das aulas, por exemplo eu tenho um conteúdo para ser dado em duas aulas, mas a turma ainda não capitou, então eu vou ter que estender mais esse conteúdo, explicar de uma forma melhor, porque às vezes também em sala de aula, eu tenho alunos que são surdos, não agora a tarde, mas à noite eu tenho alunos que são surdos e esses alunos a gente tem que se comunicar de uma forma diferente dos outros, né?, então a gente tem que ter essas habilidades, apesar de ter interprete para passar essas informações, mas mesmo assim eu tenho que ter uma aula adequada para eles também, porque é diferente daquelas pessoas que ouvem, né? e falam. É totalmente diferente pra gente dar uma aula para umas pessoas que não ouvem, né? então a gente tem que ter um jogo de cintura pra que eles possam entender da mesma forma que os outros alunos que não tem deficiência auditiva.

Questão 13:

O que difere um docente líder de um controlador e autoritário?

Um docente líder, ele forma equipes, equipes solidárias, em que todo mundo ajuda todo mundo, então eu não posso impor totalmente a minha vontade em cima dos alunos, né?, principalmente quando eu trabalho com projeto, eu dou sugestões, mas eu faço com que possam fluir também as ideias deles, eu não vou impor as minhas ideias, e dou sugestões e daí eles vão achar se podem acatar ou não, entendeu? Então um líder que é democrático, como eu acabei de falar, é aquele líder que ouve as partes, que ouve as equipes, ele não impõe totalmente a vontade em

cima dos outros, agora aquele líder que é autoritário, ele não quer saber se vem ideias de todas as partes, ele quer impor a vontade e pronto, e daí tá formada ali, então ele não quer formar pessoas críticas com pensamento crítico, ele quer formar pessoas alienadas que somente atendem aquilo que ele manda

Questão 14:

Quais ações comunicacionais verbais ou não-verbais usa diante de conflitos?

Com relação à essas comunicações verbais e não-verbais, diante de conflitos, primeiramente se a turma tiver muito agitada, eu falo mais alto do que eles, né? e falo, converso com eles sobre o que tá acontecendo, dou conselho pra eles e quando de repente um aluno vem falar alguma coisa, eu imponho a minha autoridade, né?, mas também eu não bato de frente, justamente pra não ficar aquele vai e volta, entendeu? Pra ficar bate-boca, então eu tenho que impor a minha autoridade, eu falo e tudo e se ele quiser rebater eu saio, justamente pra evitar qualquer tipo de conflito mais grave, entendeu?

Questão 15:

É possível gerir um espaço escolar sem saber se comunicar, ou ser um bom comunicador e não saber gerenciar?

Olha só, a pessoa tem que saber se comunicar em todas as situações, né? Ela tem que ter, pelo menos o domínio, tem que ter uma habilidade para que ela possa conseguir conviver em sociedade, né?, então aquele professor que gere uma sala de aula ele tem que saber administrar, né? saber o limite dele e também impor o limite com relação aos alunos, né?, então se ele não souber fazer isso, com certeza o trabalho dele não vai ser bom, né?, ele vai ter dificuldades em poder administrar aquela sala de aula, aquela situação.

Questão 16:

Quais dificuldades você encontra para estabelecer uma boa comunicação com seus alunos?

Ah! eu acho assim, que às vezes tem turmas que são difíceis da gente lidar né? principalmente, porque eu trabalho aqui também à noite, os alunos da noite como eles são mais adultos, eles acham que podem mais do que os adolescentes, né?, já tem uma maturidade, as dificuldades muitas das vezes vem pela questão do comportamento dos alunos, né?, E essas turmas que são um pouco mais rebeldes, eu dou um sermão pra eles, converso sobre a questão de postura, sobre essa questão da nossa convivência, como é que devemos conviver em sociedade para que nós possamos viver em harmonia com os nossos semelhantes, né? e falar sobre a questão da ética, da moral, da postura profissional e também da boa postura pessoal como um ser humano, né?, lidando no dia-a-dia com seu semelhante.

Questão 17:

Quais as dificuldades por parte do aluno em fazer parte do processo de comunicação na sala de aula?

Oh, às vezes tem alunos que são muito introspectivos, né? eles são muito assim, gostam de ficar isolados, calados e tímidos e às vezes eu sinto uma certa dificuldade com relação.....quando eu faço trabalhos em equipes, mas eu procuro incentivar esses alunos dizendo: “gente esse trabalho vai valer pra todo mundo, então todo mundo tem que ajudar todo mundo”, às vezes eu vejo certos alunos que tem dificuldades, né? nos conteúdos na sala de aula e quando eu peço pra formarem equipes, eu não imponho quais são as pessoas que tem que ser membros, eu digo assim: “você escolhem quem vocês têm mais afinidades, mas assim, ajudem aquelas pessoas que tem mais dificuldades, né?, porque às vezes a gente pensa assim: ah! Eu tenho aquela minha panelinha, tem aquela panelinha de alunos, aqueles alunos ali que só tem aquela convivência, mas não querem ajudar os outros”, então tem que falar com eles para que eles sejam solidários com essas pessoas, para que esses alunos que tenham dificuldades, eles possam se entrosar

também nas equipes para que eles possam fazer um bom trabalho, né? e não ficar somente isolados em si, dentro de si.

Questão 18:

O que favorece uma boa relação comunicativa em sala de aula?

Primeiramente, o professor ele tem que mostrar uma empatia, né? porque quando ele mostra empatia, o aluno ele já recebe aquelas informações, aquele conteúdo, ele já se abre pro professor, né? e daí ele cria um vínculo melhor, ele se torna mais amigo do professor e fica menos agressivo, né? e o professor tem que saber lidar com essas situações, né? Por exemplo, no momento em que a turma tá muito agitada, ele precisa se impor,, mas não de uma forma muito agressiva, mas também ele não pode ser muito bonzinho, né? ele tem que ser na medida certa, porque tudo nessa vida a gente tem que medir, né? medir de uma forma moderada, tá?, então essa comunicação ela é muito importante pro entrosamento do professor e alunos e entre os próprios alunos também e a própria direção da escola também, certo?